



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGENS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA**

EVELINE DOS SANTOS TEIXEIRA BAPTISTELLA

**ANIMAIS E FRONTEIRAS: ENTRE ESPÉCIES,
CIÊNCIAS E COTIDIANO**

**CUIABÁ-MT
2015**

EVELINE DOS SANTOS TEIXEIRA BAPTISTELLA

ANIMAIS E FRONTEIRAS: ENTRE ESPÉCIES, CIÊNCIAS E COTIDIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Universidade Federal de Mato Grosso, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Mediações Culturais

Orientadora: Professora Doutora Juliana Abonizio

Cuiabá – MT

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

B222a Baptistella, Eveline Teixeira.
ANIMAIS E FRONTEIRAS : ENTRE ESPÉCIES, CIÊNCIAS E COTIDIANO /
Eveline Teixeira Baptistella. -- 2015
159 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Juliana Abonizio.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de
Linguagens, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea,
Cuiabá, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Cultura contemporânea. 2. Comunicação e mediações culturais. 3. Estudos
animais. 4. Direitos dos animais. 5. Relacionamento animais humanos x não-
humanos. I. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO-GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 , - Boa Esperança - Cep: 78060900 - CUIABÁ/MT
Tel : (65) 3615-8428 - Email : ecco@ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: “Animais e fronteiras: entre espécies, ciências e cotidiano”

AUTORA: Eveline dos Santos Teixeira Baptistella

Dissertação defendida e aprovada em 10 de novembro de 2015.

Presidente da Banca / Orientadora: Doutora Juliana Abonizio.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Interno: Doutor José Carlos Leite.
Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso

Examinador Externo: Doutor Jean Segata.
Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

CUIABÁ, 10 de novembro de 2015.

DEDICATÓRIA

Há muitos anos, na graduação, uma colega dedicou sua monografia exclusivamente para si mesma. Naquele momento me dei conta de que eu não somente escrevia para os outros mas que também escrevia pelos outros e com os outros. Poderia dedicar este trabalho a toda multidão de seres vivos que cruzaram meu caminho nestes anos de trabalho, pois são todos meus co-autores. Para não fugir muito à regra das dedicatórias, no entanto, vou reduzir aos essenciais:

Em primeiro lugar, dedico estas páginas a Deus, como forma de agradecer pelas prorrogações que venho recebendo desde que ainda era um feto.

Também dedico a quatro pessoas que me apoiaram e foram, de muitas formas, meu alicerce intelectual e emocional: meu marido Cristiano, minhas filhas Maggie e Molly e minha orientadora Juliana.

Para minha avó, Deolinda, que sempre foi meu modelo, inspiração e que compartilhou comigo o amor pelo conhecimento e pelos animais desde muito cedo.

Por fim, dedico estes escritos a todos os animais.

AGRADECIMENTOS

De muitas formas, vejo este trabalho como uma construção coletiva. Não só pela enorme quantidade de pessoas (humanas e não-humanas) que se envolveram nesta dissertação e contribuíram ativamente para enriquecer minha escrita, mas também porque precisei de muita ajuda para vencer limitações que me levaram a pensar que sequer conseguiria cumprir esta proposta.

Agradeço profundamente a minha orientadora, Juliana Abonizio, por ter aceitado acompanhar este trabalho e pela imensa evolução intelectual que o nosso convívio me proporcionou. Algumas pessoas são divisores de águas nas nossas vidas. Com certeza, existe uma Eveline pré e outra pós Juliana. Muito obrigada.

Ao professor Benedito Diélcio Moreira minha infinita gratidão por ter apoiado e estimulado meu projeto. Indicar o melhor caminho é um das incumbências que um professor assume, mas só os verdadeiros mestres nos incentivam a percorrer as trilhas mais difíceis em busca daquilo que acreditamos.

Ao professor Paulo Teixeira de Sousa Júnior por todas as oportunidades de aprendizado e desenvolvimento intelectual que o trabalho no Centro de Pesquisas do Pantanal - CPP me proporcionou. Incluo aí também o meu reconhecimento à toda a equipe do CPP.

Ao professor Jean Segata, minha imensa gratidão pelas valiosas contribuições a este trabalho.

Agradeço a todos os professores do PPG/ECCO, em especial à professora Maria Thereza Azevedo, pela estrutura que, durante sua gestão na coordenação, o programa proporcionou para que eu pudesse acompanhar as aulas com todo o conforto e, principalmente, pelas incríveis aulas de Poéticas, uma parte inesquecível da minha passagem pelo ECCO. Também deixo aqui meu agradecimento ao professor José Leite, cujas aulas de Epistemes Contemporâneas foram uma colaboração inestimável para esta dissertação.

Incluo também meus colegas de Mestrado, especialmente aqueles que “carregaram a cadeira”, uma piada que, acredito, irão entender. Ao colega Jordan

Antonio de Souza um obrigada especial por todos os esclarecimentos e informações.

A todos os amigos da Unemat e da Unirondon pelo apoio incondicional à execução deste trabalho. Só tenho a agradecer aos professores Gilmar Martins e Tatiane Santos, que abriram espaço para minha pesquisa ser apresentada na Unemat e à professora Antonia Alves.

Para mim, ser professora é uma realização diária, por isso deixo também meu agradecimento a todos os meus alunos. A convivência com vocês em sala de aula sempre foi um combustível para minha mente.

Aos informantes, entrevistados e colaboradores meu carinho infinito. É muito comovente olhar para trás e ver quantas pessoas se mostraram dispostas a partilhar seu tempo – e muitas vezes suas vidas – para contribuir nesta busca por novos conhecimentos.

Em relação às minhas grandes amigas Elke Kubitz, Ana Carolina Silva, Taís Marie Ueta, Márcia Screnci e Fabiula Bento Guth são muitos os motivos para agradecer, mas fico no principal: vocês fazem minha existência no mundo melhor.

Agradeço aos meus pais pelo investimento nos meus estudos e pelas lições de respeito aos animais. Ao meu irmão Jeison que mesmo distante sempre se fez presente, principalmente na hora de me ajudar a levantar dos tombos da vida. Aos meus avós, Deolinda, Josélia, Maia, Agripino, Antonieta e Aída, minha Tia Yaci e minhas “segundas mães” Janize e Mariza um obrigado por terem ido muito além das suas responsabilidades e assumido, de diferentes formas, os cuidados comigo, complementando a minha formação e tornando minha infância e juventude muito menos solitárias.

Aos meus amigos Jone, Jode, Hitch, Hitchcock, Pipo, Lela, Chico, Tony e Rani: cada um de vocês me ensinou uma forma de amor e devoção. Se hoje não consigo nem ao menos fazer uma dedicatória pequenina, como manda o figurino, é porque vocês me tornaram capaz de amar e reconhecer o valor do outro em todas as situações.

Minha família cuiabana é extensa, generosa e muito especial. Faltaria espaço para escrever todos os nomes aqui – e não quero cometer injustiças. Graças a vocês encontrei forças para continuar sempre, mesmo nas maiores dificuldades.

Aos animais, independentemente de raça, espécie, *status*, aparência ou qualquer outra categoria delimitadora. É por me relacionar com vocês que eu vivo em um mundo muito diferente e mais interessante do que aquele que a maioria das outras pessoas conhece.

À minha filha Molly por ter me mostrado tanto sobre a vida dos animais em tão pouco tempo. Você está no meu coração todos os dias. À minha filha Maggie agradeço por todo o amor que compartilhamos e por todos os banhos de sol que você perdeu para estar ao meu lado.

Por fim, para meu marido, Cristiano Baptistella, - que me aconselhou agradecer apenas a mim mesma porque fui eu que escrevi o trabalho – qualquer palavra ou manifestação de gratidão seria insuficiente. Só nós dois sabemos de quantas maneiras diferentes sua presença na minha vida permitiu que eu chegasse até aqui. De todos os animais do mundo, você é o meu favorito.

Quem diz que a vida importa menos para os animais do que para nós nunca segurou nas mãos um animal que luta pela vida.

J.M. Coetzee

RESUMO

O relacionamento entre animais humanos e não-humanos é tão antigo quanto se pode rastrear pelos registros históricos, mas este é um envolvimento que vai se transformando conforme a própria sociedade se modifica. Do papel de presa na pré-história ao de “pai” de *pets* nos dias atuais, o ser humano se envolve e convive com os bichos de diversas maneiras e em instâncias variadas. A partir da inserção dos animais não-humanos nas esferas ética, moral e afetiva humanas no panorama derivado da crise ecológica da segunda metade do século XX, o objetivo desta pesquisa é analisar as relações entre pessoas e animais na sociedade contemporânea. Para tal, são enfocados dois aspectos. De um lado, os paradigmas científicos e suas variáveis na construção/destruição de fronteiras entre espécies são estudadas a partir da pesquisa bibliográfica e do relato de caso. De outro, os laços/barreiras desenvolvidos e vividos no cotidiano com base em entrevistas e etnografia realizadas da cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Contemporânea; Comunicação e mediações culturais; Estudos Animais; Direitos dos animais; Relação animais humanos x não-humanos.

ABSTRACT

Human and non-humans animals' relationship is far too old, as remarked in the historical records, but this engagement transforms itself as society changes. From prehistory prey's role to actual dad's pet, human beings relate to and live with animals on different ways and moments. From the inclusion of non-human animals in human ethical, moral and affective spheres, due a panorama derived from ecological crisis in the second half of the twentieth century, this research aims at analyzing human and animals' relationship in contemporary society. To do so, it focuses on two mainly aspects: on one hand, a bibliographical research and a case report investigates the scientific paradigms and their variables in the construction / destruction of boundaries between species; on another hand, the bonds/barriers daily created and experienced, based on interviews and ethnography, held in the Cuiaba city, capital of Mato Grosso.

Keywords: Contemporary culture; Animal studies; animal rights; Human and non-human relationship.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – São Lázaro, o santo protetor dos cães.....	21
FIGURA 2 – Imagem de São Guinefort.....	22
FIGURA 3 – Experimento com a bomba de ar.....	29
FIGURA 4 – Meme sobre Cuiabá	70
FIGURA 5 – Rapaz agride cadela da noiva.....	137

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – Parede da gruta de Chauvet	19
FOTOGRAFIA 2 – Scooby no CCZ de Campo Grande	56
FOTOGRAFIA 3 – Scooby passeando nas ruas de Campo Grande	59
FOTOGRAFIA 4 – Inseto no teclado	61
FOTOGRAFIA 5 – Avenida Fernando Correa da Costa em 2007	71
FOTOGRAFIA 6 – Vista aérea Av. Fernando Correa da Costa	72
FOTOGRAFIA 7 – Iguana atravessa avenida de Cuiabá	76
FOTOGRAFIA 8 – Filhote de Iguana	78
FOTOGRAFIA 9 – Jacaré-do-Pantanal no estacionamento da Fiemt	80
FOTOGRAFIA 10 – Meu amado Mato Grosso	83
FOTOGRAFIA 11 – Tucano briga com o próprio reflexo	85
FOTOGRAFIA 12 – Coruja buraqueira no quintal de uma casa	89
FOTOGRAFIA 13 – Ninhos de japuínas	95
FOTOGRAFIA 14 – Gatos nascidos no campus da UFMT	123
FOTOGRAFIA 15 – O gato do cemitério	134

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CCZ	Centro de Controle de Zoonoses
DDT	Diclorodifeniltricloroetano
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MPE	Ministério Público Estadual
TJ	Tribunal de Justiça
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. ANIMAIS E FRONTEIRAS	18
1.1. Uma relação ancestral.....	18
1.2 Modernidade e fronteiras	24
1.3 Uma reação difusa.....	27
1.4 Vidas entre fato e valor	31
1.5 A crise ecológica	36
2. NOVAS RELAÇÕES.....	42
2.1 Movimento de comprovação	42
2.2 Os cientistas e seus bichos	43
2.3 Os animais falam	45
2.4 A jornada da comprovação	49
2.5 A história de Scooby	55
3. OS ANIMAIS E O COTIDIANO	60
3.1 Introdução	60
3.2 Metodologia	62
3.3 Cuiabá, a cidade verde	69
4. O ANIMAL OSTENTAÇÃO	73
4.1 A cidade silenciosa	73
4.2 Animais silvestres urbanos.....	75
4.3 É bem Mato Grosso	79
4.4 Os invasores	85
4.5 Uma questão de imagem	91
5. AMIGO BICHO?.....	96
5.1 O império pet	96
5.2 Um clube fechado	98
5.3 Um ser ético?	101
5.4 É meu bebê.....	106
5.5 Um dia de cão.....	110
6. OS INDESEJÁVEIS	114
6.1 As pragas	114
6.2 Os animais comunitários	118

6.3 Os gatos cuiabanos.....	121
6.3.1 Os gatos da UFMT	121
6.3.2 Os gatos do TJ.....	124
6.3.3 O gato do cemitério	132
7. O MEU ANIMAL	135
7.1 O valor da relação	135
7.2 Indivíduos	139
7.3 Fronteiras móveis.....	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
REFERÊNCIAS.....	149

INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir de dois episódios envolvendo a relação entre homens e animais. Em dezembro de 2011, o vídeo de uma mulher espancando, em casa, seu cachorro *yorkshire* atingiu recordes de visualizações nas redes sociais e desencadeou uma onda de indignação no país. Além da forte mobilização nas redes sociais e na imprensa, o caso levou dez mil pessoas a uma manifestação na Avenida Paulista, em São Paulo, e motivou a criação do Movimento Crueldade Nunca Mais.

Poucos meses depois, em julho de 2012, um grupo de neurocientistas de diversas partes do mundo publicou a Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não-humanos, um documento que, em linhas gerais, afirma que os animais não-humanos têm consciência. Note-se o uso do termo consciência, já que geralmente vemos a palavra *senciência* ser utilizada para definir as capacidades mentais de bichos.

Como envolvida na causa dos direitos animais, me perguntei se estaríamos vivendo uma nova era nas relações entre animais humanos e não-humanos. A partir daí, o objetivo desta dissertação tornou-se verificar se novas fronteiras estavam se configurando e quais os papéis da ciência e do cotidiano na consolidação de modelos diferentes de relacionamento com os bichos.

Minha perspectiva era bastante otimista e cheguei mesmo a acreditar que a sociedade brasileira vivia uma revolução no tratamento dos animais não-humanos. O percurso da pesquisa, no entanto, mostrou um cenário não tão animador, mas nem por isso menos interessante.

A separação entre animais humanos e não-humanos surgiu logo nos primeiros passos. Ainda diante da banca de seleção do Mestrado, uma das primeiras perguntas a que respondi foi porque meu estudo deveria ser realizado em um programa de pós-graduação em cultura contemporânea. Um professor sugeriu que eu levasse a proposta para a ecologia, ou seja, para a natureza, o lugar dos animais.

Dessa forma, as certezas absolutas do meu projeto inicial foram oscilando dia após dia. Em alguns momentos, as mudanças pareciam cristalinas, como a invasão ao Instituto Royal, em outubro de 2013, que provocou um questionamento generalizado sobre a situação dos animais de laboratório. Em outros, o desrespeito e o especismo pareciam tão imutáveis, consolidados – talvez até piores – quanto na época dos meus avós. Visto a quantidade de bois, porcos e aves que continuam a viver de forma cruel e a morrer exclusivamente para servirem de alimento. Pela natureza interdisciplinar desta pesquisa, mobilizei saberes de diversas áreas do conhecimento – entre elas a Sociologia do Cotidiano e os Estudos Animais - o que me levou a confrontar a cisão entre racionalidades e a desconstruir minhas próprias convicções sobre as verdades absolutas da ciência – pois sou oriunda da pesquisa em jornalismo científico.

O embate entre fato e valor que aparece neste trabalho foi também travado na construção da pesquisa e é discutido especialmente nos Capítulos 1 e 2, que tratam da presença do animal não-humano na ciência e como as transformações derivadas de novos conhecimentos ecológicos, aliadas a admissão de uma dimensão subjetiva na pesquisa, contribuíram para a revisão dos conceitos de humanidade e animalidade. Foi avaliada também a ascensão de novas teorias e formas de aquisição de conhecimento, como recentes teorias dos direitos animais e a etologia cognitiva.

A partir do Capítulo 3, a pesquisa volta-se para a análise do cotidiano e das relações estabelecidas nesta esfera. Neste ponto, são apresentadas as metodologias utilizadas nos demais capítulos da dissertação, incluindo a pesquisa bibliográfica e a etnografia, com seus diferentes instrumentos. Também aproveitamos para apresentar a cidade de Cuiabá, capital de Mato Grosso, e cenário do estudo sobre o cotidiano.

A partir do capítulo 4, surgem algumas das relações mapeadas durante a etnografia. Diante de miríade de possibilidade de análise, decidimos elencar as situações de convívio ativo, excluindo-se assim os animais que foram tornados produtos de consumo alimentar e aqueles que surgem na forma de representações imagéticas.

No capítulo 4, analisamos a presença dos animais silvestres no espaço urbano e suas implicações no cotidiano da cidade. Neste caso, foi possível notar o fascínio provocado pela presença de bichos como jacarés e tucanos no dia a dia das

peças, fascínio este representado pela busca incessante de registros fotográficos desta presença. Um sentimento, inclusive, que amplifica o contraste entre um imaginário de convivência pacífica entre estas espécies e os homens e a realidade especista, de supremacia dos interesses humanos.

Em seguida, no Capítulo 5, as relações de amor são analisadas a luz do fenômeno *pet*. Encontramos aí um perfil de convivência em que os animais são apontados como membros da família e são apontados até mesmo como seres moralmente superiores aos humanos. Um afeto inegável mas que guarda contradições e revela a necessidade de aproximar os bichos à características humanas como forma de garantir essa inserção no círculo mais íntimo dos humanos.

O capítulo 6 avalia a situação dos animais considerados indesejáveis a partir do caso dos animais comunitários, ou seja, aqueles cães e gatos que vivem nas ruas, recebendo algum tipo de cuidado humano mas não vivem em um lar, sob tutela.

No capítulo 7 vemos que as condições de vida dos animais na cidade estão ligadas ao tipo de relação que estabelecem com os humanos e como os laços de afeto mobilizam as fronteiras entre espécies, consolidando-se, assim, o conceito de ponte, em os vínculos configurados influenciam os relacionamentos.

É importante ressaltar que os termos animal, bichos, animal não-humano, entre outros, assumem diferentes significados para diferentes autores. Nesta dissertação, houve a escolha de utilizar estas nomenclaturas sem que houvesse vinculação específica a determinado pensador ou teoria.

De um lado acumulei dados científicos e, de outro, vivências que tiveram como campo a cidade de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A relação entre humanos e não-humanos é feita, sobretudo, de sentimentos. Os números sobre o fenômeno *pet*, por exemplo, ajudam a quantificar uma realidade social, mas contam só uma parte da história. A declaração sobre a consciência é um estudo importante, mas no cotidiano as pessoas que tratam bem um animal não o fazem movidas por estudos científicos, conforme constatei. A ciência é uma ferramenta utilizada em embates ideológicos, mas não nos relacionamentos em si.

Avanços na legislação de proteção obedecem a considerações técnicas e científicas, mas estas informações são utilizadas a partir de movimentos impulsionados por sensibilidades em relação ao bem-estar animal. Estamos distantes dos aqulamentos de ursos da idade média, mas não tão longe, visto a

existência, mesmo que clandestina, das rinhas de galos e cães. Sem falar na crueldade oficializada dos rodeios e touradas, bem como das caçadas legalizadas, prática comum na África.

Assim, as fronteiras que eu imaginava sendo derrubadas por ativistas e cientistas, na verdade estão em constante movimento e se reconfiguram todos os dias. Os modos de se relacionar e os padrões de tratamento variam não só conforme o animal, mas sim de acordo com o que aquele animal representa para aquela pessoa naquele momento.

1. ANIMAIS E FRONTEIRAS

1.1. Uma relação ancestral

O mais antigo registro de pintura rupestre encontrado até hoje está na Caverna de Chauvet, localizada no sudeste da França, em uma região conhecida como Vale Ardèche. A partir de exames de radiocarbono, algumas imagens foram datadas de 36 mil anos atrás (WALTER, 2015, p. 35).

Devido à antiguidade e à qualidade das imagens, a Caverna de Chauvet é considerada, desde 2014, Patrimônio da Humanidade pela UNESCO. Encontrar registros de expressão simbólica tão bem conservados e antigos nos ajuda a entender quem eram os nossos antepassados, como eles viviam e quais suas capacidades intelectuais. No que pensava aquele homem ou mulher que, há 36 mil anos, se dedicou a pintar as paredes de uma caverna?

Ele ou ela pensava em animais. No caso do registro mais antigo, especificamente em leões-da-caverna europeus. Nossos antepassados artistas também pensavam em cavalos, auroques, leopardos, mamutes, renas, íbices, bisões e até mesmo rinocerontes (QUAMMEN, 2007, p. 345). Ao longo de milhares de anos, a existência de todos esses animais foi documentada nas paredes da caverna.

Não são desenhos quaisquer. O nível de detalhamento faz acreditar que esses bichos foram longamente observados pelos pintores

[...] as pessoas que criaram essas imagens reconheciam algo além do que perigo, força e poder nesses animais ferozes. Também viam graça, grandeza, confiança majestosa, quietude, implacabilidade, atenção

penetrante e alguma forma de supremacia, e se esforçaram para registrar, preservar, até mesmo de certa forma adotar o que viam através do carvão em pedra (Quammen, 2007, p. 349-350).

Por meio destes registros, nossos ancestrais deixaram algo além de uma comprovação das habilidades do homem naquela época, elas nos legaram um testemunho valioso das relações entre animais humanos e não-humanos. É significativo que estes primeiros registros sejam de bichos, especialmente em uma época – o paleolítico superior – em que eles, apesar de já servirem como alimento, representavam uma ameaça constante.

Hoje, os humanos possuem armas que fazem as garras e os dentes de um animal parecerem insignificantes. Por muito tempo, entretanto, foi a raça humana que esteve em desvantagem: fisicamente, era menor e mais leve que muitos dos animais que habitavam as redondezas e incomparavelmente menos numerosa que cada rebanho de grandes animais (BLAINEY, 2008, p. 11).

Esses testemunhos podem ser rastreados em outros locais e datam de até quatro mil anos antes da primeira pintura feita em Chauvet. Na caverna alemã de Vogelherd foram encontradas esculturas em marfim de 40 mil anos: um mamute, um bisão, um cavalo e um leão (WALTER, 2015, p. 36).



FOTOGRAFIA 1 – Parede da gruta de Chauvet

Fonte: Corbis. França, 2010. Imagens de ursos e cavalos retratadas nas paredes da caverna de Chauvet.

São pequenas provas materiais de uma relação antiga e profunda que se divide em tantas faces quanto podemos imaginar: amor, fascínio, medo, sedução, ódio, sobrevivência, fraternidade, entre outras.

Sabemos que a relação entre animais humanos e não-humanos é construída historicamente e sofre transformações com o passar do tempo. É uma convivência marcada por visões e atitudes contrastantes. Conforme veremos, esta é uma balança que dificilmente se equilibra. Alguns episódios mostram as alternâncias e conflitos nos relacionamentos entre bichos e gente.

O cristianismo, por exemplo, sempre se mostrou ambivalente. A serpente aparece na Bíblia como o animal que desgraçou o homem— único ser criado à imagem e semelhança de Deus. Vários trechos do livro sagrado também definem a natureza como um elemento a ser utilizado pelos humanos sem reservas – um consentimento que aparece já na primeira página do Velho Testamento.

Deus fez os animais, cada um de acordo com sua espécie: os animais domésticos, os selvagens e os que se arrastavam pelo chão. E Deus viu que o que havia feito era bom. Aí, ele disse: - Agora vamos fazer os seres humanos, que serão como nós, que se parecerão conosco. Eles terão poder sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animais domésticos e selvagens e sobre os animais que se arrastam pelo chão (BÍBLIA, 2005, p. 3).

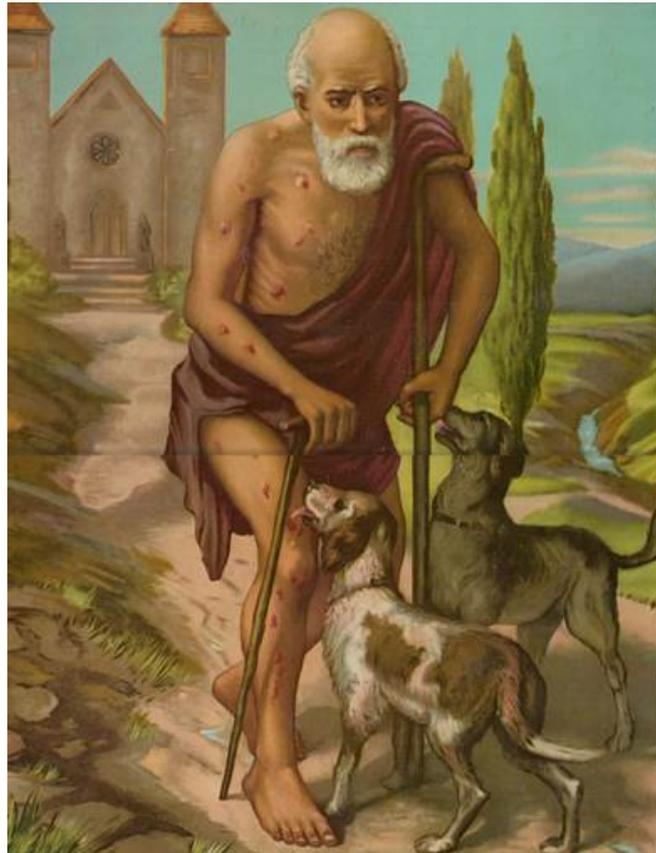


FIGURA 1 – São Lázaro, o santo protetor dos cães

Fonte: Reprodução Internet. Brasil. 2015.
Representação de São Lázaro, o Leproso, ao lado de cães.

Ao mesmo tempo, no mesmo livro, Jesus é citado como o Cordeiro de Deus e a pomba simboliza o Espírito Santo. Há também inúmeros santos que são representados ao lado de animais, como São Bento e São Francisco, este considerado protetor dos bichos. Sem falar que São Lázaro, conhecido como melhor amigo de Jesus, é o santo protetor dos cães.

Na Idade Média, foi registrado até mesmo o culto a um cão da raça *Greyhound*, conhecido como São Guinefort (HOBGOOD-OSTER, 2007, p. 196). Neste mesmo período, o hábito de se associar os bichos ao mal recrudesciu. “Surge uma tradição artística de pintar um gato aos pés de Judas na Santa Ceia e, em muitos quadros de períodos anteriores ao século XVIII, era possível vislumbrar demônios assumindo formas felinas” (AMARO; CUSTÓDIO, 2011).

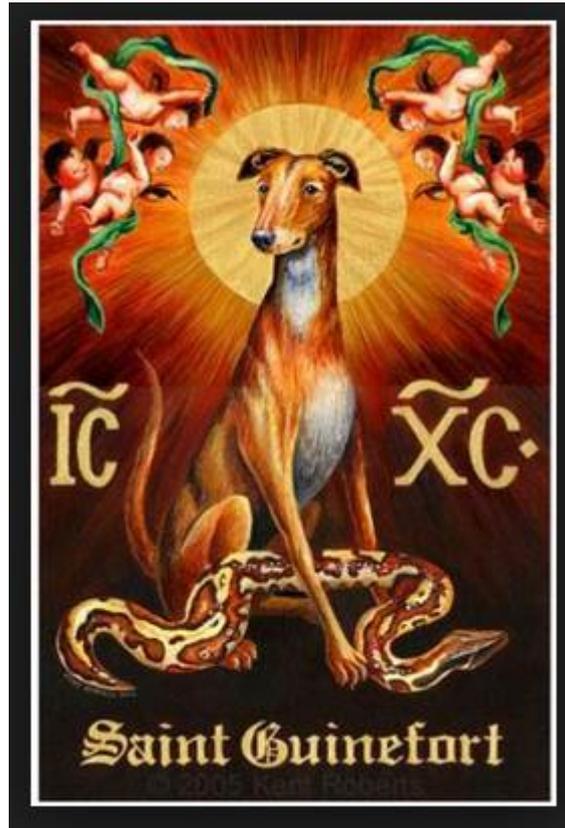


FIGURA 2 – Imagem de São Guinefort

Fonte: Reprodução internet. 2015.

Para delimitar este contraste, a relação pré-moderna com os animais apresentava episódios que revelam uma ligação diferente entre homem e natureza. No século XVI, era comum encontrar episódios de processos contra animais. Uma prática que, segundo Ferry (2009), só seria completamente extinta no século XVIII.

O autor documenta um caso de 1545 em que os habitantes do vilarejo francês de Saint-Julien entraram com um processo no juizado episcopal contra uma colônia de gorgulhos que estava atacando os vinhedos da região e causando prejuízos. Os camponeses pediam excomunhão dos animais. Os insetos tiveram direito de defesa - por meio de um defensor designado pelo juiz episcopal – e ganharam a causa.

Este último, usando como argumento o fato de os animais, criados por Deus, possuírem o mesmo direito que os homens de se alimentarem de vegetais, recusara-se a excomungar os besouros, limitando-se, através de uma disposição datada de 8 de maio de 1546, a prescrever rezas públicas aos infelizes habitantes, intimados a se arrependerem sinceramente de seus pecados e a invocar a misericórdia divina (FERRY, 2009, p. 10-11).

Os besouros, mesmo recebendo um parecer favorável, acabaram deixando o local. Não há registro se a retirada foi espontânea ou provocada por algum artifício humano. Nesse mesmo período, há também casos de processos contra

sanguessugas no Lago de Berna e golfinhos que obstruíam o porto de Marselha. Havia até mesmo situações de acordo, em que a parte queixosa oferecia uma área alternativa para que a “praga” pudesse sobreviver sem prejudicar o sustento humano.

É uma lógica que parece absurda para o senso comum mesmo nos dias atuais. Ela dá aos animais não apenas inteligência e intenção, como concede a eles os mesmos direitos que os humanos. Esse contraste entre posturas no mesmo intervalo de tempo demonstra a multiplicidade de atitudes adotadas em relação aos animais não-humanos e o inevitável conflito entre diferentes visões que coexistiam.

Não podemos dizer quando eles foram somente inimigos ou ameaças. Nem mesmo quando se tornaram alimento. Talvez tudo tenha acontecido ao mesmo tempo, exatamente como é nos dias de hoje – que eles estão em todos os espaços e de diversas maneiras. Por isso, quando se questiona o status dos animais na sociedade contemporânea é impossível chegar a uma resposta única ou definitiva.

Nada mais justo. Fomos nós, seres humanos, que criamos uma divisão na qual existimos nós e eles. Não há nada mais diferente que uma cobra e um gato. Mas na nossa sociedade, eles foram colocados no mesmo pacote: animais. Mesmo assim, no cotidiano, o gato é considerado um animal doméstico e o rato um perigo a ser combatido.

Nossa própria animalidade é colocada de lado nessa equação. Somos especiais, superiores. Assim, diferentes bichos desempenham diferentes papéis e tem posições diferenciadas na sociedade, não somente de acordo com a espécie, mas sobretudo com o tipo de relação construída, que pode ser diferente, mesmo entre membros da mesma espécie. Assim, o gato que se ama é considerado membro da família e os gatos abandonados em *campus* universitários são pragas que ameaçam a saúde pública. O peixe serve ao ornamento e à cozinha, os ratos brancos servem ao afeto e ao papel de cobaia.

No entanto, vamos nos deter mais detalhadamente ao período conhecido como modernidade, devido a sua influência marcante na construção da imagem do animal e da natureza como elementos externos e totalmente separados dos humanos.

1.2 Modernidade e fronteiras

Se é que se pode datar o início de uma era, a modernidade começou com motivos suficientes para que o ser humano se achasse pequeno, até mesmo inferior no plano geral da vida: em 1543 Copérnico publicou o *De revolutionibus*, em que sugeria que a terra girava em torno do sol e não o contrário. Era o primeiro abalo nas crenças que conferiam ao homem – e a Deus – um lugar especial no universo. Pouco depois, na primeira década do século XVII, Galileu Galilei construiu um equipamento que permitia enxergar os astros com grande nitidez. Essa invenção abalou a crença de que o homem era o centro do universo (GIRARDI, 2009, p. 20).

Mais do que isso, desafiou saberes e convicções profundas. Naquela época, o dogma aristotélico que dividia o mundo em duas dimensões distintas era amplamente aceito: “[...] uma sublunar, sujeita à mudança e à corrupção, e a outra, supralunar, que era imutável e eterna e onde *nunca* nada podia mudar” (MOLEDO; MAGNANI, 2009, p. 41). A dimensão supralunar seria o âmbito celeste, justamente aquele que, Galileu revelou por meio do seu equipamento, era tão imperfeito quanto o nosso.

Em dezembro de 1609, dirigiu-o ao céu e ali viu o que ninguém havia visto até então (exceto seu contemporâneo Harriot, na Inglaterra): que a Lua tinha montanhas e vales e que sua constituição era similar à da Terra; que a Via Láctea na realidade era um mar de estrelas; viu algo que não pôde discriminar em Saturno (eram os anéis); (...) as consequências de tais observações não eram poucas: o fato de a Lua ser parecida com a Terra destruía a ideia de que os astros eram compostos do perfeito éter: o mundo lunar e o sublunar começavam a misturar-se (MOLEDO; MAGNANI, 2009, p. 46).

Segundo Évora (1987), as afirmações de Galileu provocaram incredulidade e a própria ciência óptica era tratada, muitas vezes, como mistificação ou ilusionismo. Seu trabalho foi duramente contestado e o fim da história, todos conhecem. Julgado pela inquisição em 1633, ele se retratou e foi condenado à prisão domiciliar até o fim dos seus dias.

Vale lembrar que neste mesmo período, conforme visto anteriormente, ainda havia pessoas processando animais na justiça, mostrando que as transformações não são estanques e vão se processando de forma irregular na sociedade.

Chauí (2013) lembra que a Renascença foi um período de conflitos: “[...] em primeiro lugar, crise da consciência, pois a descoberta do universo infinito por homens como Giordano Bruno deixava os seres humanos sem referência e sem

centro”. Mas logo encontramos uma maneira de recuperar nossa auto-proclamada superioridade e os animais não-humanos estão no cerne desse novo posicionamento. Colocando-nos à parte dos demais seres vivos, encontramos outra maneira de afirmar nossa supremacia.

As demarcações começaram a se delinear, como exemplifica Chauí (2013, p. 7) ao citar que no período do Renascimento havia “[...] a preferência pelas discussões em torno da clara separação entre fé e razão, natureza e religião, política e Igreja”. A razão passou a ser apontada como característica que coloca os homens em um patamar especial – já que haviam perdido o lugar privilegiado no universo.

Razão, em suma, é uma faculdade exclusiva dos humanos e que os coloca um degrau acima de todas as outras criaturas.

Dos clássicos até os dias de hoje, os animais têm ocupado uma posição central na construção ocidental do conceito de “homem” – e, diríamos, também, da imagem que o homem ocidental faz da mulher. Cada geração reconstrói sua concepção própria de animalidade como uma deficiência de tudo o que apenas nós, os humanos, supostamente temos, inclusive a linguagem, a razão, o intelecto e a consciência moral (INGOLD, 1994, p. 14 – 15).

Humanidade e animalidade são conceitos construídos de forma a criar uma determinada compreensão do que é ser humano – mesmo que o homem seja parte do reino animal. Havia uma busca incessante por diferenciar o homem dos outros animais. Conforme Thomas (2010), eram várias as maneiras de colocar os humanos em um *status* elevado ou até mesmo completamente distinto do resto da criação. Entre elas, estava a diferenciação por critérios como beleza, fala, alma e capacidade de escolha. O fator preponderante, entretanto, era a irracionalidade dos animais. O homem tinha razão. Os animais, quando muito, instintos. Mas até mesmo isso lhes foi negado em algum momento. O representante mais forte desse modelo de pensamento foi René Descartes, famoso pelo método cartesiano e sua forte influência no sistema filosófico moderno (LESTEL, 2001, p. 17).

Por isso, Descartes é também alvo do ódio ou, no mínimo, desprezo de ativistas e protetores de animais. Para muitas pessoas, ele seria o mentor intelectual dos “malfeitores” que recusam direitos aos animais não-humanos. O que Descartes fez de tão grave é bem conhecido: por volta de 1630, divulgou a tese de que os animais não passariam de meros autômatos, como relógios. Não seriam capazes de pensar, nem de ter sensações. Apesar de semelhanças inegáveis entre homens e

animais, somente os primeiros teriam mente, o que lhes daria atributos como capacidade de sentir dor e livre-arbítrio, sem falar em consciência, moral e ética.

Os bichos seriam, também, completamente irracionais e não teriam alma. Mas ser desprovido da faculdade de pensar não é tão grave quanto ser considerado incapaz de sentir. Esse conceito seria crucial para justificar séculos de abusos e exploração dos animais. Se um bicho não sente dor, não há mal nenhum em fazê-lo trabalhar à exaustão, não há problemas em praticar “esportes” como rinhas, açulamentos e caça. Mais do que isso, o terreno para a experimentação científica estava aberto e submeter animais a condições degradantes em nome da nascente ciência não representava dano a ninguém, nem ao bicho muito menos à consciência humana, que, assim, não precisava se preocupar com as implicações morais ou espirituais dos seus atos (BAPTISTELLA; ABONIZIO, 2013, p. 5).

Conforme Thomas (2010, p. 45), Descartes não institucionalizou a crueldade contra os animais mas não há risco em dizer que ela a absolveu.

“[...] o mais forte argumento, em favor da posição cartesiana, era que ela constituía a melhor racionalização possível para o modo como o homem realmente tratava os animais. A visão alternativa deixava espaço para a culpa do homem, ao reconhecer que os animais podiam sofrer e efetivamente sofriam” (THOMAS, 2010, p. 45).

A modernidade criou dois tipos de animais. Um, o homem, animal dotado de qualidades distintivas especiais, centro de todos os avanços que a nova era inaugura. O outro animal é uma categoria em que se colocam todos os bichos, inferiores por natureza. “A relação entre o humano e o animal deixa de ser inclusiva (uma província dentro de um reino) e passa a ser exclusiva (um estado alternativo do ser) [...] (INGOLD, 1994, p. 21)”.

O ideal de dominação da natureza pelo homem também já se fazia presente, definindo, mais uma vez, o ser humano como superior às outras formas de vida.

Na história conjectural que se foi tornando mais e mais popular devido ao Iluminismo europeu do século XVIII, fez-se da vitória do homem sobre outras espécies o tema central. A verdadeira origem da sociedade humana, dizia-se, estava na associação dos homens para se defenderem das feras. Depois vieram a caça e a domesticação (THOMAS, 2010, p. 37).

A natureza ainda podia ser considerada inimiga, pois representava risco de morte. Na luta com uma onça, um ser humano desarmado, por exemplo, não teria chance. As bestas selvagens deveriam ser dizimadas. Já as úteis, como cavalos, cães e bois, eram aliados que poderiam contribuir para o conforto e segurança das pessoas. Assim, a natureza deveria ser dominada, controlada e utilizada para o

benefício da humanidade. Os valores religiosos, dos quais tanto cientistas quanto a gente comum compartilhavam, não sumiram da noite para o dia, e contribuíam fortemente para essa lógica. Deus fez a natureza para servir ao homem.

O controle do homem sobre a natureza era o ideal conscientemente proclamado dos primeiros cientistas modernos. Não obstante, apesar do imaginário agressivamente despótico explícito em seu discurso de “posse”, “conquista” e “domínio”, eles encaravam sua tarefa, graças a gerações de pregação cristã, como inocente do ponto de vista moral (Thomas. 2010, p. 37 - 38).

Vale lembrar que maltratar animais, conforme Pinker (2012, p. 1154), sempre foi uma regra na história da humanidade: entre os esportes mais populares do século XIV na Europa, estava a prática de soltar um porco e diversos homens em um cercado. Os homens, portando porretes, perseguiram e batiam no animal até sua morte. Havia também a competição de cabeçadas em gatos: um felino era amarrado a um poste enquanto o jogador, com as mãos amarradas, tentava matar o bicho a cabeçadas.

No entanto, na modernidade, o sistema de exploração e crueldade contra os animais ganhou uma nova dimensão sobre uma base bem fundamentada que envolvia não só a moral e a própria sobrevivência humana, mas também o imperativo do progresso e do conhecimento. Essa premissa traria consequências que podem ser sentidas até hoje, principalmente nas culturas ocidentais, nas quais a separação homem e natureza criou problemas praticamente insolúveis, conforme veremos mais adiante.

1.3 Uma reação difusa

A apropriação das ideias apresentadas por Descartes no Discurso do Método e na carta ao Marquês de Newcastle causou danos inegáveis aos animais. Especialmente porque, como afirma Lestel (2001, p. 18), mesmo que esta teoria fosse secundária para o filósofo, cartesianos e anticartesianos a transformaram em elemento essencial do sistema cartesiano. Mas as afirmações de Descartes sobre os animais ensejaram também uma reação. Nesse ponto, é possível dizer que as ideias de Descartes, ao justificarem a degradação dos animais, também forneceram elementos para um movimento contrário. “A negação cartesiana da alma dos animais gerou vasta literatura erudita; não exageramos ao descrevê-la como uma

das preocupações centrais dos intelectuais europeus dos séculos XVII e XVIII” (THOMAS, 2010, p. 45).

Essa discussão se estabelece dentro de outra dicotomia marcante da modernidade: a oposição entre fato e valor, estabelecida na consolidação do método científico. Os temas de domínio da razão, ou seja, fatos, tinham um status mais elevado que aqueles afins à emoção, ligados ao que Mariconda (2006, p. 454) define como valor.

Um fato pode ser determinado como *verdadeiro* ou *falso* por um *método autônomo suficiente*, método que se assenta fundamentalmente naquilo que é dado aos humanos pela própria natureza (ou que é inerente a sua própria natureza humana) e que constitui a sua *razão natural*, ou seja, os *sentidos*, o *intelecto e a linguagem* (a capacidade linguística de comunicação) (MARICONDA, 2006, p. 454).

Descartes dispunha do método e da premissa da natureza intelectual superior do homem para dizer que os animais não passavam de objetos manipulados. Ele tinha fatos. Mas qualquer um que convivesse com um animal poderia dizer justamente o contrário simplesmente se embasando na sua percepção cotidiana e, é claro, seus sentimentos, ou seja, aquelas características que estão diretamente colocadas na escala dos valores.

Em 1650, Margareth Cavendish, duquesa de Newcastle, já defendia a capacidade que os animais teriam de sentir e, em fins do século XVII, diversos grupos sociais da Inglaterra atacavam os maus tratos aos animais (THOMAS, 2010). A indignação contra o pensamento originalmente formulado por Descartes fermentou uma onda de contestação à crueldade contra os bichos.

De outro lado, os animais continuavam sendo uma ferramenta indispensável para a ciência e eram alvo de experimentos indiscriminadamente. Esta realidade foi imortalizada pelo pintor Joseph Wright of Derby no quadro *O experimento com uma bomba de ar*.

Na pintura, é retratado um teste de químicos pneumaticistas ingleses, que estudavam as propriedades do ar. O cientista – identificado como James Ferguson – tira o ar de um globo de vidro onde se encontra uma cacatua. O objetivo é mostrar os efeitos da privação de oxigênio, resultando na morte do animal. Mesmo que a cacatua tivesse sobrevivido, podemos ter certeza de que seu sofrimento foi enorme. Mas a vida de um pássaro pouco valia em relação ao bem-estar geral da

humanidade, que saberia, por fim, as qualidades indispensáveis do oxigênio disperso na nossa atmosfera e dentro dos pulmões.



FIGURA 3 – Experimento com a bomba de ar

Fonte: Reprodução Internet. 2015. O quadro de Joseph Wright of Derby demonstra as contradições e ambivalências das relações com os animais no período moderno.

Esta provavelmente é a obra que melhor define em imagens as contradições daquele período. Na pintura, enquanto Ferguson opera o equipamento, dois homens prestam atenção, enlevados, em uma clara referência à empolgação causada pelo experimento. A angústia do animal não parece ser levada em conta por eles. O mais jovem chega a inclinar a cabeça para observar melhor. Ao mesmo tempo, uma mulher e uma menina demonstram perturbação com o ato de Ferguson – uma delas está com o rosto tampado e é consolada por um homem. Enquanto isso, um terceiro cavalheiro sentado à mesa olha para baixo, pensativo.

Os diversos semblantes parecem reproduzir a multiplicidade de sentimentos causados pelas conquistas científicas da época: temor, indiferença, esperança, consternação e poder diante dos novos tempos (GORRI; SANTIN, 2009, p. 186).

Contudo, os próprios abusos contra animais em nome da ciência terminaram servindo como fontes para reclamar um tratamento mais dignos aos animais não-humanos. Voltaire, em seu Dicionário Filosófico, de 1764, compara a angústia do cachorro que procura o dono à angústia do homem que busca um documento perdido. Ele relata que ambos demonstram o mesmo comportamento de alegria e prazer ao encontrarem aquilo que procuram. Em sua defesa, ele vai além e claramente se dirige aos partidários das ideias de Descartes sobre os animais.

Bárbaros agarram esse cão, que tão prodigiosamente vence o homem em amizade, pregam-no em cima de uma mesa e dissecam-no vivo para mostrar-te suas veias mesaraicas. Descobres nele todos os mesmos órgãos de sentimento de que te gabas. Responde-me, maquinista, teria a natureza entrosado nesse animal todos os elatérios do sentimento sem objetivo algum? Terá nervos para ser insensível? Não inquires à natureza tão impertinente contradição (VOLTAIRE, 2009, p. 309).

Para assumir tal posição, Voltaire contou com a ajuda da observação científica. Se a anatomia de animais humanos e não-humanos é tão parecida, não é possível que o restante seja tão diferente. Ou seja, os avanços científicos que tanto se beneficiaram da experimentação animal também começavam a servir de base para um movimento de proteção.

Por meio da observação do próprio comportamento dos animais, também era possível rejeitar a maioria das ideias de consciência incorpórea, defendidas por Descartes. Um número cada vez maior de cientistas e pensadores passou a determinar algum grau de capacidade intelectual para os bichos. Avanços importantes, mas insuficientes, para melhorar a vida da maioria dos bichos, visto que na prática eles continuaram submetidos aos interesses humanos.

Segundo Thomas (2012, p. 177), no final do século XVIII, a maioria dos intelectuais já trabalhava com a ideia de diferença de graus de inteligência entre homens e animais. No cotidiano, entre as classes de trabalhadores rurais, essa percepção já era disseminada por meio da simples convivência entre espécies.

Os trabalhadores agrícolas sabiam que os animais podiam aprender a efetuar muitas operações complicadas. Os guardadores de rebanhos nunca duvidaram da sagacidade de seus cães pastores. Os treinadores de cavalos sempre tomaram como um axioma que seus pupilos tinham memória, imaginação e juízo (THOMAS, 2010, p. 179).

O problema é que tais crenças não eram apoiadas em fatos cientificamente comprovados e estavam associadas à esfera dos valores subjetivos.

Ainda assim, novas sensibilidades surgidas entre as classes urbanas permitiram avanços como a criação de movimentos de defesa dos animais. As primeiras leis de proteção surgiram no século XIX, mais especificamente em 1822, na Inglaterra. Marcadas pela interpretação Kantiana dos bichos, elas apenas proibiam os maus tratos de animais domésticos em lugares públicos – pois tal atividade poderia estimular a violência também entre os humanos (AMARO; CUSTÓDIO, 2011, p. 1). Logo depois, em 1824, foi fundada a Sociedade para Prevenção da Crueldade aos Animais, na Inglaterra – a primeira organização do tipo documentada no mundo.

Foi só com a publicação de *A origem das espécies*, em 1859, por Charles Darwin, que o antropocentrismo começou a ser questionado. Mesmo assim, a teoria da evolução das espécies não foi decisiva para modificar o tratamento dado aos animais.

1.4 Vidas entre fato e valor

Nos estudos animais, o embate entre fato e valor tem uma dimensão a ser considerada. Os sentimentos impulsionam os comportamentos de proteção ou respeito aos animais. No entanto, a supervalorização dos conhecimentos científicos funcionou, durante muito tempo, e talvez até hoje, como uma instância em que o comportamento predatório contra o restante do meio ambiente fosse justificado, especialmente, quando se tratava do maior benefício para os seres humanos.

A modernidade quis legar uma confiança cega e inabalável na ciência. A expressão cientificamente comprovado se tornou uma espécie de muleta para afirmar que algo é verdade. Apesar de a ciência ser movida pela dúvida, seus resultados tem *status* de fato. “[...] a ciência tem hoje uma autoridade com a qual a experiência comum não pode rivalizar [...]” (GRAY, 2009, p. 19).

A pesquisa *Trust Barometer 2015* (EDELDMAN, 2015), realizada pela Edelman, maior empresa de relações públicas do mundo, demonstrou os níveis de confiança que uma pessoa comum depositaria no porta-voz de uma empresa, levando em conta a formação profissional deste representante, e comprovou que os acadêmicos

e especialistas lideraram o ranking global, com 70% da confiança dos entrevistados, ficando em 2º lugar os especialistas técnicos, com 67%. No Brasil, o resultado é diferente, mas os níveis de credibilidade são maiores. Apesar das pessoas comuns ficarem em primeiro lugar, com 84%, o índice de confiabilidade de especialistas e acadêmicos é quase o mesmo: 83%.

Essa confiança é traduzida no comportamento quase generalizado de se adotar determinados comportamentos exclusivamente porque estudos científicos divulgados na mídia afirmam que isto ou aquilo faz mal ou bem. Gerações de pessoas com colesterol alto cortaram o ovo da alimentação por recomendação médica. Havia um consenso científico, bem disseminado pela sociedade de que o consumo de ovos em excesso era prejudicial para a saúde (LOPES, 2015, p. 1).

O caso é que a nova edição do Guia de Nutrição Americano, um dos documentos mais respeitados sobre o tema, vai liberar o consumo de ovos (NOVO GUIA..., 2015, S/P). O comitê de especialistas que contribuem para a redação do texto afirmou que novos estudos mostram que o alimento é benéfico para a saúde. No relatório científico do Comitê Consultivo de Orientações sobre Dieta dos órgãos norte-americanos análogos aos Ministérios brasileiros de Saúde e Agricultura o ovo agora é apontado como um alimento saudável:

Alimentos ricos em nutrientes – alimentos que são naturalmente ricos em vitaminas, minerais e outras substâncias que podem ter efeitos positivos sobre a saúde, que tem baixos índices de gorduras saturadas, não possuem adição de gorduras saturadas, açúcares, amidos ou sódio e contém componentes naturais como fibras. Todos os vegetais, grãos integrais, peixes, ovos e castanhas preparados sem adição de gorduras saturadas ou açúcares são considerados ricos em nutrientes (...) (DIETARY GUIDELINES ADVISORY COMMITTEE, 2015, p. 541, tradução nossa)¹.

Curiosamente, a constatação de que houve um engano não tira o poder do fato científico. Se antes não se comia ovo porque a ciência proibia, agora o efeito é contrário. Podemos comer ovos porque cientistas liberaram seu consumo. O engano não é interpretado como tal, ele fica sufocado sob a nova descoberta, esta mais sedutora.

Essa lógica influencia negativamente nossa relação com os animais. Como eles não têm habilidades verbais, apesar de se comunicarem conosco de forma

¹ Nutrient-dense foods—Foods that are naturally rich in vitamins, minerals, and other substances that may have positive health effects, and are lean or low in solid fats and without added solid fats, sugars, starches, or sodium and that retain naturally-occurring components such as fiber. All vegetables, fruits, whole grains, fish, eggs, and nuts prepared without added solid fats or sugars are considered nutrient-dense (...).

semiótica, é muito difícil determinar exatamente qual é o estado de consciência e o nível de inteligência de um bicho. Se não se pode comprovar algo cientificamente, o apelo meramente emocional ou baseado na convivência tem pouca força na garantia de direitos efetivos, que promovam melhorias na qualidade de vida de um número significativo de bichos.

É assim que, em 1845, Charlotte Elizabeth, começa seu “Gentileza para com os animais - O pecado da crueldade exposto repreendido”², quase que com uma confissão.

Muitos livros vêm sendo escritos sobre animais, livros muito bons inclusive, que oferecem uma grande quantidade de informações. A maior parte deles, chamados de trabalhos de História Natural. Eles geralmente dão algumas descrições sobre pássaros e bestas, peixes e insetos, que são conhecidos do homem. Eu não vou escrever um livro assim. Mas vou falar um pouco sobre vários tipos diferentes de criaturas que todos nós estamos habituados a ver, e dizer a vocês algumas coisas sobre alguns que pertenceram a mim, ou que estiveram sob minha observação; Então, pelo menos, posso prometer escrever nada além daquilo que eu sei que é verdade. Eu não aprendi sobre suas personalidades e hábitos em livros, mas sim observando-os desde que eu era uma criança muito pequena; e muitas horas felizes eu passei nessa encantadora tarefa³ (ELIZABETH, 1845, p. 4-5).

Elizabeth esclarecia que não era uma pesquisadora de história natural, não tinha esse mérito. Tinha a oferecer sua sensibilidade construída a partir da observação da natureza como justificativa para o seu trabalho. Pode-se dizer que é um tipo de método – a etologia cognitiva se baseia fortemente na observação dos comportamentos animais. Mas Elizabeth atribuía, sem medo, intenções aos animais e declarava, livremente, que a verdade é que eles são muito sensíveis e sempre estão buscando fazer o seu melhor. Ela também não se preocupava com possíveis contradições. Na mesma obra, garantia: “Pobre gata! Eu não tenho muito o que dizer sobre ela se comparada com o nobre cão. A gata é mais egoísta, e não tão

² Kindness to animals – the sin of cruelty exposed and rebuked. (Tradução livre da autora)

³ Many book have been written about animals, and very good book too, giving a great deal of information. Most of them are called Works of Natural History; and they usually give some description of the birds as beasts, fishes and insects, that are known to man. I am not going to write such book as that; but to say a little about different kinds of creatures that we are all in the habit of seeing, and to tell you a few things of some wich have belonged to me, or have come under my own observation; so that, at least, I can promise to write nothing but what I know to be true. I have not learnet their characters and habits from book, but by watching then ever since I was a very young child; and many a happy hour I have spent in tha delightful employment. (Tradução livre da autora)

confiável; Ela também não demonstra tanta afeição por nós⁴ (ELIZABETH, 1845, p. 9)”.

A imagem do gato egoísta e do cachorro nobre pode muito bem ser considerada pura projeção ou, simplesmente, opinião. Elementos elencados na esfera dos valores, que tem pouca importância para garantir, por exemplo, leis de proteção aos animais mais rígidas.

É difícil imaginar Elizabeth e sua obra no centro de um debate sobre Direitos dos Animais. Que propriedade ela teria para comprovar sua causa se em uma página diz que os animais fazem tudo buscando dar o seu melhor e mais adiante afirma que o gato é egoísta e indigno de confiança?

Os bons sentimentos e intenções da autora vitoriana poderiam até ser ridicularizados, já que milhares de tutores de gatos podem dizer exatamente o contrário sobre seus animais. Eu mesma, em uma visita a um abrigo, encontrei gatos tão doces e carinhosos que comoveriam a própria Elizabeth. Um deles foi recolhido das ruas atropelado e perdeu os movimentos das patas traseiras. Mesmo limitado fisicamente, se arrastava de um lado para o outro do abrigo atrás da sua tutora favorita. Quando a mulher parava em algum lugar, o gato usava as garras para escalar sua roupa até chegar ao seu lugar favorito, o colo da protetora.

A questão é que a relação com os animais é feita principalmente de sentimentos e sensibilidade. Podemos não escutar de um cão que ele está triste, mas se é um animal com o qual convivemos sabemos quando está abatido. Que importância, no entanto, isso tem no panorama geral quando trata-se apenas de subjetividade? Tanto os textos de Elizabeth, quanto meu relato sobre o gato do abrigo podem ser acusados de antropomorfização e atribuídos apenas à emoção, o que, tecnicamente, os invalida. Vejamos o que dizem Araújo e Lima (2002) sobre atribuir emoções aos animais: “O fato de olharmos para um cachorro e julgarmos sua aparência estar triste pode ser explicado pela projeção que fazemos de uma interpretação a partir de outros gestos e atitudes do animal (ARAÚJO E LIMA, 2002, p. 230)”.

A confiança absoluta nos fatos acaba dando aos mesmos o *status* de valor. É simplesmente algo no qual decidimos nos apoiar para tornar o mundo um lugar mais

⁴ Poor Puss! I have not so much to say for her as for the noble dog. The cat is more selfish, and not so trustful; neither does she often show so much affection for us. (Tradução livre da autora)

compreensível. Como a ciência também nos promete explicar e ordenar tudo que nos rodeia, nos agarramos a ela como uma corda de segurança.

Para provar que um animal sente dor, Chuahy (2009, p. 20-21) cita um teste de laboratório realizado pela Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Liverpool que demonstra comportamentos associados à dor. Ao ser queimado, um ser vivo afasta a parte do corpo que está na chama. Também pode chorar, gritar, pedir ajuda; pode ainda limitar o uso de partes do corpo machucadas. Vertebrados e alguns invertebrados apresentam tais comportamentos nos testes. Segue-se a conclusão: “Já que os animais vertebrados têm uma estrutura neurológica e o comportamento diante da dor parecidos com o nosso, acredita-se que eles também tem a habilidade de sentir e sofrer” (CHUAHY, 2009, p. 21).

Para nossa reflexão, o resultado do trabalho é menos importante do que a maneira como ele foi descrito. Apesar de o bicho demonstrar comportamento idêntico ao de qualquer ser humano com dor, a autora tem a cautela de escrever que “acredita-se” que os animais não-humanos podem sentir e sofrer. É revelador que se trate de um livro que se apresenta como um manifesto pelos direitos dos animais, o que daria a autora alguma liberdade para conferir àqueles cujos direitos procura defender o benefício da afirmação de que eles, de fato, são capazes de sentimentos.

É possível atribuir o cuidado da autora à preocupação em oferecer uma análise imparcial, amparada estritamente em dados cientificamente comprovados. Essa é uma postura adotada para garantir a credibilidade. As questões éticas se apoiam na retórica científica que, apesar de basear-se na dúvida, tem o estatuto de verdade.

Para nós, a ciência é o lugar onde nos refugiamos da incerteza, pois ela nos promete – e, em alguma medida, produz – o milagre de nos livrar de pensar, enquanto as igrejas passaram a ser lugares de proteção e refúgio para dúvidas (GRAY, 2009, p. 36).

Da mesma maneira que o sistema cartesiano nos livrou de pensar que estávamos cometendo algum erro ao explorar e maltratar animais, a ciência nos eximiu durante muito tempo de questionar os rumos para os quais a separação homem natureza - outro nó deixado pela modernidade - estava nos levando.

Acreditamos realmente que a maneira como organizamos e dispomos do meio ambiente era inquestionável em sua perfeição. Os avanços das revoluções agrícola e petroquímica, nas décadas quarenta e cinquenta do século passado, por

exemplo, pareciam uma confirmação de como os esforços da ciência trariam resultados positivos para a manutenção da vida humana no planeta Terra.

1.5 A crise ecológica

A crença exagerada nos fatos científicos contribuiu significativamente para a degradação da natureza em todo o mundo. O caso do DDT é exemplar e merece ser detalhado, pois revela o homem como representante de uma espécie cuja autoconfiança chegou a tal ponto que se transformou em ingenuidade.

Quando as propriedades inseticidas do DDT – abreviação do composto químico diclorodifeniltricloroetano – foram descobertas pelo químico Paul Hermann Müller, em 1939, o produto foi festejado. “Em pouco tempo, o DDT passou a ser utilizado na agricultura de modo intensivo e indiscriminado nos Estados Unidos e espalhou-se pelo mundo” (MARCOLIN, 2002, p. 23). O modelo de dominação econômica e ideológica das superpotências sobre países menos desenvolvidos garantiu que ele chegasse aos quatro cantos do planeta.

O veneno foi considerado também uma alternativa segura e barata para exterminar os mosquitos vetores do tifo da malária. Em diversos países, inclusive o Brasil, ele era espalhado nas paredes das casas e até mesmo sobre as pessoas. Cenas do filme *A Corporação* mostram o DDT sendo aplicado em japoneses como forma de prevenção contra o tifo.

Quando o oitavo exército precisava de civis japoneses para ajudá-los, eles chamavam médicos nativos para aplicar o DDT, sob a supervisão dos nossos homens, para evitar uma possível epidemia de tifo (A CORPORAÇÃO, 2003, cap. 5).

Enquanto os profissionais de saúde aplicavam o pó de DDT sem nenhuma proteção, crianças e adultos riam das cócegas provocadas pelo inseticida. O produto foi considerado tão benéfico que Müller – apesar de ser um químico - ganhou o Nobel de Medicina, em 1948.

Um texto biográfico sobre o cientista, datado de 1947, mostra sua enorme importância para a sociedade da época:

O DDT encontrou logo inúmeras oportunidades de ser posto à prova, contra piolhos e mosquitos transmissores de moléstias e que sempre constituíram séria ameaça para as legiões de soldados empenhados em combates [...] Tanto os alemães quanto os seus oponentes tiveram oportunidade de

experimental o produto e aplicá-lo. Em Nápoles ele deu impressionante demonstração de sua eficiência, contando uma epidemia de tifo que em pleno inverno ameaçava a população sub-alimentada, no ano de 1943. Nesse mesmo ano os Estados Unidos fabricaram 75 toneladas do produto, em 1944 cinco mil e em 1945 dezoito mil. Esses números mostram a larga difusão que teve o DDT, o qual representa, sem dúvida, uma das mais poderosas armas que a humanidade conseguiu para a luta contra alguns dos seus mais antigos flagelos, como o tifo e a malária (BAKER, 2010, p. 1).

Conforme os efeitos prejudiciais do produto foram aparecendo, descobriu-se que o DDT é tão perigoso que envenenou gerações de animais e humanos, causando problemas de saúde como deformações, abortos, câncer, disfunções endócrinas e doenças degenerativas.

A simples observação da natureza apontou que algo estava errado com o uso do inseticida. Em 1962, Rachel Carson, bacharel em biologia e mestre em zoologia, publicou uma série de reportagens na revista *New Yorker* na qual alertava para os riscos do uso deste tipo de composto:

Eles têm um poder imenso, não apenas de envenenar como de penetrar nos processos mais vitais do corpo e alterá-los de forma sinistra e muitas vezes mortal. Assim, como veremos, eles destroem as enzimas cuja função é proteger o corpo contra danos; bloqueiam os processos de oxidação que fornecem energia para o corpo; impedem o funcionamento normal de vários órgãos e podem desencadear, em certas células, a lenta e irreversível mudança que conduz às doenças malignas (CARSON, 2013, p. 431).

O material transformou-se depois em um livro icônico: *Primavera Silenciosa*. Nele, Carson deu salto equivalente ao de Darwin quando apresentou *A Origem das Espécies*. Ambos se arriscaram, apresentando ideias que iam contra o senso comum de suas épocas. Ela também já tinha um certo grau de notoriedade, pois seu livro *O mar que nos cerca*, de 1951, era bastante famoso.

Como mulher, a autora não conseguia emprego em laboratórios de pesquisa. Aproximou-se da divulgação científica e passou a escrever sobre meio ambiente. Fez carreira no Departamento Federal de Pesca, que, posteriormente se tornaria o Serviço de Peixes e Vida Selvagem dos Estados Unidos. “[...] quando *Primavera Silenciosa* foi publicado, a situação de Carson como ‘forasteira’ se tornou uma nítida vantagem. Como as instituições iriam descobrir, era impossível demiti-la” (LEAR, 2013, p. 77).

O título é referência ao cenário desolador de uma primavera onde todas as vozes da natureza foram silenciadas pelo uso de pesticidas e outros produtos químicos, cuja aplicação, segundo Carson, o Governo aprovava sem que houvesse tempo de testes suficiente para descobrir os impactos sobre a vida. A fé cega nos

cientistas, especialmente nos químicos, fez com que essas substâncias se disseminassem até nas residências e jardins públicos.

[...] produtos químicos não seletivos, com o poder de matar todos os insetos, os “bons” e os “maus”, de silenciar o canto dos pássaros e deter o pulo dos peixes nos rios, de cobrir as folhas com uma película letal e de permanecer no solo – tudo isso mesmo que o alvo em mira possa ser apenas umas poucas ervas daninhas ou insetos. Será que alguém acredita que é possível lançar tal bombardeio de venenos na superfície da Terra sem torna-la imprópria para toda a vida? Eles não deviam ser chamados de “inseticidas”, e sim de “biocidas” (CARSON, 2013, p. 300).

A utilização do próprio DDT só foi interrompida porque o mosquito se tornou resistente, e não por causa do seu dano potencial à saúde dos organismos vivos. Seu substituto, a dieldrina, era ainda mais tóxica.

[...] começaram a ocorrer casos de envenenamento entre os trabalhadores que faziam a pulverização. Os ataques eram gravíssimos – uma quantidade variável (conforme os diversos programas) entre a metade e todos os homens afetados sofreram convulsões e morreram (CARSON, 2013, p. 577).

Há, no meio disso tudo, provas não só da nossa pretensão em controlar a natureza, mas também da nossa relação ambivalente com os animais. Os pesticidas são utilizados para conservar um território que foi tirado dos insetos, mesmo que isso comprometa nossa própria saúde. O livro cita os danos irreversíveis causados a uma criança e um cachorro expostos à endrina, outro pesticida da família da dieldrina. Um casal, na Venezuela, utilizou a substância para matar baratas que encontraram dentro de casa.

O bebê e o cachorrinho da família foram retirados da casa antes de a pulverização ser feita, por volta das nove horas da manhã. Depois da pulverização, os assoalhos foram lavados. O bebê e o cachorrinho foram levados de volta para a casa no meio da tarde. Aproximadamente uma hora mais tarde, o cachorro vomitou, entrou em convulsões e morreu. Às dez horas da noite do mesmo dia, o bebê também vomitou, teve convulsões e perdeu a consciência. Depois desse contato fatídico com a endrina, aquela criança normal, saudável se transformou em pouco mais do que um vegetal: não conseguia ver nem escutar, era sujeita a frequentes espasmos musculares e parecia completamente alheia ao que acontecia ao seu redor (CARSON, 2013, p. 601).

Carson, inclusive, foi uma das vítimas da epidemia silenciosa de câncer que tomou conta do mundo no último século. Ela lutou durante 14 anos contra o câncer de mama. Um problema que pode muito bem ter sido influenciado pelo uso descontrolado de compostos químicos – inclusive os pesticidas que denunciou. Depois de lançar *Primavera Silenciosa*, viveu por apenas mais um ano e meio.

Ela teve tempo, no entanto, de enfrentar ataques furiosos da indústria química e de outros cientistas, que questionavam mais que suas credenciais. Eles acionavam a dicotomia entre fato e valor para tentar minar a credibilidade dos estudos.

Estava claro para a indústria que Rachel Carson era uma mulher histérica cuja visão alarmista do futuro podia ser ignorada ou, caso necessário, silenciada. Ela era uma “amante dos passarinhos e coelhinhos”, uma mulher que tinha gatos e, portanto, obviamente suspeita. Era uma “solteirona” romântica, que estava simplesmente nervosa por causa da genética. Em suma, Carson era uma mulher descontrolada. Havia ultrapassado os limites de seu gênero e sua ciência. Mas, só para o caso de suas acusações alcançarem alguma repercussão, a indústria gastou um quarto de milhão de dólares para desacreditar a sua pesquisa e difamar seu caráter (LEAR, 2013, p. 186).

Qual foi a grande falha de caráter explorada contra Carson? O fato de ela ter sentimentos. Não quaisquer sentimentos. Ela tinha sentimentos por animais e plantas. Sentimentos pela água, pelo ar, pelo próprio solo em que pisamos. Seu trabalho não poderia ser alçado ao *status* de fato porque estava contaminado por essa substância invisível que atravança o progresso: o amor pela natureza.

A autora obteve sucesso em sua cruzada – mesmo que não tenha sobrevivido para ver o resultado de suas ações. O presidente dos Estados Unidos na época, John F. Kennedy, iniciou investigações em diversos âmbitos e “[...] seis anos depois da morte de Carson, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma Lei de Política Nacional Ambiental como um amortecedor contra as nossas próprias invenções” (LEAR, 2013, p. 199).

O composto finalmente foi banido dos EUA na década de 70. No Brasil, a restrição foi feita em etapas. Mesmo tendo sido proibido nas lavouras nacionais em 1985, ele continuou sendo utilizado em campanhas de saúde pública até 1998. “Já em 2009, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei de nº 11.936, proibindo a fabricação, importação, manutenção em estoque, comercialização e o uso do DDT em todo território brasileiro” (SAIBA POR..., 2014, p. 1).

O DDT ainda é utilizado clandestinamente em diversos países e, pior, ainda circula nos corpos de milhões de pessoas. Em 2011, a pesquisadora Danielly Palma, da UFMT, documentou, em Lucas do Rio Verde, a contaminação do leite materno por DDE, um metabólito do DDT.

Esses agrotóxicos são lipofílicos e se acumulam no tecido gorduroso, então ficam no organismo e passam para o sangue da mãe. Através da placenta, como há troca de sangue entre mãe e feto, acabam atingindo o feto. E

alguns tem a capacidade de passar a barreira da placenta e atingir o feto. Durante a lactação, o agrotóxico acaba sendo excretado pelo leite humano (A pesquisadora..., 2011).

Apesar de ter causado enorme surpresa e gerado grande repercussão na mídia esta informação não é uma novidade. Em *Primavera Silenciosa*, Carson (2009, p. 432) já falava sobre a contaminação dos tecidos e do leite provocada pelos agrotóxicos. Se um produto revolucionário acabou se revelando um veneno perigoso, sobre o que mais a ciência estaria errada e quais seriam os impactos desses equívocos?

Para Gray (2009, p. 36), “[...] a autoridade da ciência advém do poder sobre o ambiente que ela confere aos humanos”. Em algum ponto, nossa separação da natureza se tornou tão radical que acreditamos realmente que seria possível manipular tudo ao redor sem que houvesse absolutamente nenhuma consequência.

Contudo, algo que não pode ser ignorado aconteceu nos últimos sessenta anos: finalmente apareceu uma enorme rachadura no projeto de dominação da natureza. Hoje, sabemos que a extensão do dano ambiental causada pelo ser humano é tão grande que estamos literalmente matando a Terra - e levando outras espécies a reboque.

O relatório *Planeta Vivo 2014*, do *World Wide Funde for Nature – WWF*, mostra que “[...] o Índice Planeta Vivo [...], que mede mais de 10.000 populações representativas de mamíferos, aves, répteis e peixes, diminuiu 52% desde 1970” (WWF BRASIL, 2014, p. 4). Mais da metade das espécies documentadas do mundo foram extintas em apenas quarenta e cinco anos. Estes números oferecem um grande impacto e, ainda assim, não são quase nada perto do grau de destruição que proporcionamos desde tempos mais primitivos.

Quando os humanos chegaram ao Novo Mundo, há cerca de 12 mil anos, o continente abundava em mamutes, mastodontes, camelos, gigantescas preguiças terrestres e dúzias de espécies similares. A maior parte dessas espécies nativas foi perseguida até a extinção. Segundo Diamond, a América do Norte perdeu cerca de 70% de seus grandes mamíferos, e a América do Sul, 80% (GRAY, 2009, p. 23).

Gray (2009, p. 199) se refere a uma nova denominação para os humanos: *homo sapiens*. Agimos de tal forma que também estamos esgotando os recursos para nossa própria sobrevivência. Ainda segundo o relatório *Planeta Vivo 2014*, estamos acabando com nossos solos e estoques de água doce.

Hoje quase um bilhão de pessoas passam fome, 768 milhões de pessoas não têm acesso à água limpa e segura e 1,4 bilhões de pessoas não têm acesso a fontes de energia confiáveis. As mudanças climáticas e degradação dos ecossistemas e recursos naturais vão piorar ainda mais esta situação (PLANETA..., 2014, p. 26).

No âmbito da geologia já estamos em uma nova era: o antropoceno “[...] em que as atividades humanas são os maiores vetores de mudança em escala planetária” (PLANETA, 2014, p. 20). Isso significa que os períodos geológicos determinados pelas condições ambientais agora tem um novo vetor: os humanos e sua capacidade radical de alterar a natureza e, por conseguinte, o clima.

Serres (1990) diz que diante de fenômenos climáticos extremos fomos forçados a nos dar conta de que a natureza não é algo externo a nós. A resposta violenta do meio ambiente a séculos de degradação faz com que esse tema ganhe destaque também na filosofia. Mesmo que haja cientistas colocando em dúvida teorias como a do aquecimento global e da acidificação dos oceanos, somos nós a espécie que mais tem com que se preocupar.

Se considerarmos as nossas ações inocentes e ganharmos, não ganharemos nada, a história avançará como sempre; mas se perdermos, perdemos tudo, sem estarmos preparados para qualquer possível catástrofe (SERRES, 1990, p. 17).

Serres (1990) lembra a ação do homem como parasita que abusa do seu hospedeiro e nos insta a criarmos um contrato natural em oposição ao contrato social. Ele critica o próprio conceito de meio ambiente como algo que existe ao nosso redor, para nos servir.

A Terra existiu sem os nossos inimagináveis antepassados, poderia muito bem existir hoje sem nós e existirá amanhã ou ainda mais tarde, sem nenhum dos nossos possíveis descendentes, mas nós não podemos existir sem ela. Por isso, é necessário colocar bem as coisas no centro e nós na sua periferia, ou melhor ainda, elas por toda parte e nós no seu seio, como parasitas (SERRES, 1990, p. 58)

Mais uma vez, estamos sendo tirados do centro do universo. Agora, com perspectivas de consequências que, na melhor das hipóteses, representam um retorno à vida cercada pelo que nos acostumamos a chamar de “constrangimentos” naturais, como secas e, na outra ponta, enchentes.

Assim, a crise ecológica afeta não só nossas perspectivas de vida. Ela mexe também com crenças profundas, principalmente nas culturas ocidentais, sobre a maneira como tratamos a natureza. Abre-se uma rota para discutir também as condições a que estavam sendo submetidos os animais não-humanos.

2. NOVAS RELAÇÕES

2.1 Movimento de comprovação

É dentro da crise ecológica que surge o espaço para a revisão das relações entre animais humanos e não-humanos. Cientistas e filósofos decidiram expor suas próprias dúvidas e questionar nossa maneira de tratar os animais como elemento de um amplo panorama de redefinição do *status quo* da prática científica.

A partir da década de 70, passa a se reivindicar a entrada dos animais na esfera ética e moral, no esteio das discussões de um grupo de filósofos da Universidade Oxford unidos para investigar o *status* moral inferior dos animais. Entre eles, o filósofo Tom Regan, autor do clássico *Jaulas Vazias*.

Regan considera-se um defensor dos direitos dos animais - como parte do movimento de direitos dos animais. Um movimento, que conforme o autor, é comprometido com uma série de objetivos, incluindo a abolição total do uso de animais na ciência, dissolução total da pecuária comercial e a eliminação total da caça comercial, de esporte e aprisionamento. O autor defende que o principal mal é o sistema que nos permite ver os animais como nossos recursos naturais, para ser comido, ou cirurgicamente manipulado, ou explorados por esporte ou dinheiro. Uma vez que aceitamos este ponto de vista dos animais - como os nossos recursos - o restante é tão previsível quanto é lamentável (ESCOBAR, 2014, p. 63).

Outro campo que surgiu no mesmo período é o da Etologia Cognitiva, quando o biólogo Donald Griffin lançou *A questão da consciência animal*, em 1976. Segundo Bekoff (2010):

[...] a etologia cognitiva é o estudo comparativo, evolutivo e ecológico da mente dos animais. Ela se concentra no modo como os animais pensam e no que sentem, inclusive as suas emoções, crenças, raciocínio, processamento de informações, consciência e autoconsciência. (BEKOFF, 2010, p. 51-52)

O livro *Animais, homens e moral: uma investigação sobre o maltrato de não humanos*, lançado em 1972, é um dos marcos da discussão. Em 1975, o filósofo australiano Peter Singer publicou *Libertação Animal*, obra de maior impacto e reconhecida como um dos pilares do movimento de Direitos Animais, apesar de estar ligada ao conceito de bem-estar animal.

[...] defensores dos Direitos dos animais acreditam que eles não devem ser utilizados em laboratórios, mesmo que os benefícios ao animal ou aos humanos sejam considerados maiores que o sofrimento do animal. (Tom) Regan argumenta que chutar um cachorro é moralmente errado porque o

faz sofrer, não porque o homem está cometendo um ato de violência. (...) O segundo grupo, liderado por Peter Singer, acredita que é aceitável que animais sejam usados por humanos, desde que de maneira responsável, com o menor sofrimento possível e que, os benefícios a outros (animais ou humanos) sejam maiores que o sofrimento do animal (CHUAHY, 2009, p. 19).

Quando Singer lançou seu livro, causou uma reação forte. *Libertação Animal* trazia dados científicos que comprovavam que - por trás da desculpa de que era preciso usar os animais para o progresso e o bem-estar humanos – havia apenas falta de consciência moral. O homem, especial e diferente por causa da razão, não usava essa qualidade tão distintiva na hora de se relacionar com os bichos.

Começava a surgir o que chamo de Movimento de Comprovação. O legado de Rachel Carson já havia mostrado que a articulação de sensibilidade e ciência poderia operar de maneira significativa para promover uma mudança no modo como o homem lidava com a natureza.

Assim, havia uma mobilização social em torno dos direitos dos animais, mas como essa sempre foi uma relação marcada pela sensibilidade, era preciso buscar amparo científico que justificasse as reivindicações de um tratamento mais digno para animais não-humanos.

2.2 Os cientistas e seus bichos

Dar importância aos sentimentos e condições de vida de animais pode, até hoje, ser considerado algo extravagante ou mesmo alvo de ridículo no meio acadêmico. Em 2009, tive a oportunidade de passar três dias em um congresso científico e fiquei muito próxima de uma das maiores pesquisadoras de Mato Grosso. Não posso revelar sua identidade aqui, pois nossas conversas tratavam de algo que ela não queria revelar aos seus pares: seu enorme desgosto com o trabalho.

O motivo não eram intrigas de laboratório, nem disputas por recursos. Eram os animais que faziam com que ela pensasse, todos os dias, em abandonar as salas de pesquisa. Apesar de estar no ponto culminante da carreira, com um estudo de potencial revolucionário, ela sofria calada pelo mal que causava às cobaias – palavra que, antigamente, era utilizada para designar o porquinho-da-índia, animal

que, de tanto ser usado como ferramenta de pesquisa, acabou batizando este eufemismo.

Relatou para mim o sofrimento dos ratos durante os testes. Ela sabia que estava fazendo mal aos animais e os comparava ao próprio cachorro, que era tratado com todo carinho em casa. “Eu queria largar tudo porque sei que estou fazendo uma maldade, sei que é errado”⁵, desabafou certa tarde.

Ela nunca abandonou os testes, mas achou uma solução de apaziguamento com sua consciência ao adotar práticas que minimizam o uso e o sofrimento de animais em laboratórios.

(...) “os Três Rs” (*Refine*, [refinar, aperfeiçoar], *Reduce* [reduzir], e *Replace* [substituir], que são procedimentos que *aperfeiçoam* os procedimento que fazem mal aos animais, *reduzem* o número de animais utilizados e *substituem*, sempre que possível, os animais por outros métodos (Bekoff, 2010, p. 157).

Mesmo assim, permanece com medo de que alguém saiba do “ridículo” de sua condição: uma cientista que tem empatia com seus instrumentos de teste. Minha amiga cientista vive, até hoje, massacrada por algo que testemunha frequentemente: seus animais de laboratório lutam pela vida e demonstram angústia, apreensão e até tristeza durante os procedimentos e, especialmente, quando se aproximam da morte.

Porém, sentir que estamos fazendo algo errado pode não ser suficiente. Ela poderia ser só mais uma mulher histórica – como Carson. Era preciso usar a mesma arma com a qual o ser humano desqualificou gerações de bichos: a ciência. O movimento de comprovação gerou uma onda de pesquisas e estudos que “cientificamente” nos mostram uma face dos animais que foi ignorada durante muito tempo: sua vida interior.

Repito mais uma vez: vida interior que qualquer um que conviva com um animal pode atestar. Mas esse é um aspecto que só ganha o estatuto de verdade a partir do carimbo de comprovação científica. Vejamos o que diz Bekoff (2010, p. 29) sobre seu trabalho de etologia cognitiva e a importância da produção de fatos:

Não obstante, apesar do acúmulo de provas científicas e da crença popular disseminada, alguns membros da comunidade científica ainda continuam céticos. Alguns ainda duvidam até mesmo da existência das emoções dos animais, e muitos que acreditam que elas de fato existem tendem a pensar que devem ser menos complexas que as emoções humanas. Esse me parece um ponto de vista ultrapassado e até mesmo irresponsável, e meu

⁵ Conforme relato oral feito à autora.

principal objetivo neste capítulo – e na verdade ao longo de todo o livro – é mostrar que as emoções animais existem, são importantes para o ser humano e que esse conhecimento pode influenciar o modo como tratamos os animais (BEKOFF, 2010, p. 29).

Trago como exemplo a vida de um animal que não conheci: o boi Mansinho. Ele era um entre milhares de bois confinados em uma fazenda de engorda, localizada a menos de sete quilômetros do perímetro urbano de Cuiabá, que visitei em janeiro de 2015. Um dia, o administrador mexia em um cocho quando sentiu algo estranho. Um boi lambia seu pescoço. É um animal que pode pesar mais de meia tonelada e estraçalharia um humano em poucos segundos.

O administrador venceu a surpresa inicial e permitiu que Mansinho lambesse sua mão. Surgia ali uma amizade. Apesar da aparência semelhante a inúmeros outros animais, Mansinho se destacava. Ele atendia ao ser chamado pelo nome, aceitava carregar o neto do administrador no lombo, era carinhoso. O homem que se tornou o melhor amigo de Mansinho disse não ter dúvidas da inteligência e da capacidade emocional dos bois. Bastava se relacionar com eles para saber disso.

Quando chegou a hora do abate, no entanto, o dono de Mansinho não poupou-lhe a vida. Mesmo quando o administrador ofereceu outro boi em troca do bicho que passou a estimar. Esse funcionário de fazenda sabe que, diariamente, está trabalhando para matar criaturas inteligentes e extremamente emotivas. Assim, como a cientista que faz pesquisas com ratos. A solução emocional do administrador é afirmar que seus bois são muito bem tratados durante todo o período de engorda e tem uma vida feliz. Ele citou, inclusive, as normas de bem-estar animal que são aplicadas na propriedade, afirmando que eram derivadas de pesquisas científicas.

Se sabemos, no cotidiano das capacidades emocionais e cognitivas dos bichos, por que precisamos da ciência, por exemplo, para que os animais de abate sejam mais respeitados? O discurso de comprovação científica pode ajudar de uma maneira que a sensibilidade ainda não consegue em uma sociedade ainda contaminada pelo excesso de crença em uma suposta racionalidade superior. Aparece uma brecha para externar outra forma de ver os animais não-humanos: a ciência utilizada a serviço do sentimento.

2.3 Os animais falam

Muitos pesquisadores que escolhem desenvolver trabalhos ligados ao comportamento e inteligência animal declaram sua ligação emocional com os animais não-humanos. Vou me deter na história do etologista cognitivo Mark Bekoff. O simples olhar de um gato mudou radicalmente seu projeto de vida.

Um projeto de pesquisa para o doutorado do qual participei uma vez exigia que matássemos os gatos que estávamos estudando. No entanto, quando fui pegar “Speedo”, um gato muito inteligente a quem eu secretamente tinha dado esse nome – secretamente porque não tínhamos permissão para dar nome aos “sujeitos” -, para sua última saída da gaiola, o seu destemor desapareceu completamente como se ele soubesse que era a sua última viagem. Quando eu o peguei, ele olhou para mim e perguntou, “Por que eu?”. Lágrimas fluíram dos meus olhos. Ele não interrompeu o seu olhar penetrante. Embora eu tenha cumprido o meu dever e acabado com a sua vida, aquilo me deixou arrasado. Até hoje eu me lembro do seu olhar resoluto – ele me contou toda a história do seu sofrimento interminável e da falta de dignidade que tinha enfrentado (BEKOFF, 2010, p. 72).

Depois deste episódio, Bekoff abandonou pesquisa e mudou sua linha de estudos. Hoje, é um dos mais renomados etologistas cognitivos do mundo e trabalha para conscientizar as pessoas sobre a vida emocional dos animais.

Pinker (2011, p. 12145) afirma que a revolução pelos direitos dos animais é única dentro do contexto das revoluções humanitárias iniciadas no século XIX. Segundo ele, porque a parte interessada nunca atuou em seu próprio favor. “[...] ratos e pombos dificilmente teriam condições de pressionar por sua causa” (PINKER, 2011, p. 12145). Para muitas pessoas, os animais não têm agência e são incapazes de lutar pelos próprios direitos.

A história de Speed e Bekoff mostra justamente o contrário. Quantos animais como Speedo não falaram com seres humanos para que chegássemos até aqui? Talvez muitos não sejam bem sucedidos, como o boi Mansinho e os ratos de laboratório da minha amiga cientista. No entanto, milhares de outros tiveram sucesso. Não existe tecnologia para saber com exatidão o que eles estão defendendo, mas cada animal que cruza a fronteira entre espécies e conquista nossa atenção e nosso afeto está trabalhando ativamente para um mundo onde todos os bichos sejam mais respeitados.

Até mesmo um pesquisador como Pinker (2011, p. 12094), que não considera os animais como agentes de sua própria revolução por direitos em nenhuma instância, tem a marca de um bicho na sua biografia. Ele afirma que a pior coisa que fez na vida foi ter participado de uma experiência em um laboratório de pesquisa - quando ainda era um estagiário – que resultou em enorme sofrimento para um rato.

O roedor foi posto em uma caixa onde passaria por um experimento de condicionamento de evitação temporal.

Na prática, o animal passaria a noite inteira apertando uma alavanca dentro de uma caixa para evitar receber choques a cada seis segundos. O resultado esperado era encontrar a cobaia condicionada no dia seguinte.

Porém não era isso que me esperava quando abri a caixa naquela manhã. O rato apresentava um inchaço absurdo na coluna e estava tremendo incontrolavelmente. Poucos segundos depois, deu um salto. [...] compreendi que ele não aprendera a apertar a alavanca e passara a noite levando um choque a cada seis segundos (PINKER, 2011, p. 12107).

O rato morreu uma hora depois de ser encontrado e Pinker admitiu que sentiu que o experimento estava errado no momento em que o professor o propôs. Mas seguiu em frente mesmo assim porque todos os outros faziam a mesma coisa.

A cientista que citei nesse capítulo refinou suas práticas de pesquisa e hoje mata muito menos ratos. Ela também coíbe os comportamentos cruéis em seus laboratórios (além daquelas que já fazem parte do seu trabalho em si), pois era comum encontrar pesquisadores que se divertiam “judiando” dos ratinhos. Por trás dessas mudanças que pouparam algumas vidas e uma certa cota de sofrimento estava o seu cachorrinho. Somente depois de conviver com o mascote é que ela começou a prestar atenção no próprio comportamento.

Minha própria pesquisa só existe porque em algum ponto uma cachorra me disse de todas as crueldades que um bicho poderia sofrer apenas porque sua vida vale menos que a de um humano. Em 2007, quando me dedicava ao estudo das áreas úmidas e ao jornalismo científico, ganhei uma cadela de presente, uma *boxer*. Sempre gostei de animais, mas nunca considerei que este pudesse ser um campo de pesquisa. Não na área de ciências humanas. Achava que não se podia levar a sério um material tão “contaminado” pela sensibilidade.

Conheci essa cachorra quando ainda era uma filhotinha e passamos um tempo brincando. Meses depois, quando seu dono perguntou se eu queria a *boxer* de presente, aceitei imediatamente. Maggie era o nome dela. Passei dois dias esperando a chegada daquele animal enérgico e fofinho que tinha encontrado fortuitamente.

Porém, a cadela que chegou na minha casa era magra, tinha as costelas aparecendo e mal conseguia ficar de pé. Tinha tantos carrapatos que era impossível dar conta dos calombos que eles formavam sob seu pêlo. Quando via comida,

Maggie avançava no prato e devorava tudo. Só que logo depois, vomitava. Seu antigo tutor disse que ela era magra mesmo e que eu era responsável pela infestação de carrapatos. Ele jurava que em apenas uma tarde era possível que os bichos tivessem saído de frestas do meu quintal e tomado conta do corpo da cachorra. Algumas pessoas me sugeriram “devolver” Maggie, mas eu sabia que ela estava longe de receber um tratamento no mínimo adequado por parte do seu antigo dono. Procurei três veterinários diferentes. Somente a terceira não condenou Maggie. Os outros dois afirmaram que ela estava com doença do carrapato em estágio avançado e que não valeria nem a pena tratar. Era melhor deixar que morresse e “investir” em um animal saudável.

Naquele momento, eu ainda não tinha um vínculo emocional profundo estabelecido com Maggie. Mas, a simples ideia de deixar alguém morrer apenas porque o tratamento seria caro e eu poderia conseguir outro exemplar “melhor” me causou um enorme estranhamento.

A terceira veterinária afirmou que essa filosofia era corriqueira entre muitos profissionais e tutores. Um dos veterinários foi bem claro, o antigo dono da Maggie estava apenas me repassando um “problema” porque não queria que a cachorra morresse nas mãos dele. Se eu fosse uma pessoa boa, acabaria logo com o sofrimento da cadela.

Conforme eu descobriria em seguida, Maggie também tinha um problema congênito nos quadris que a impediria de ter filhotes. Por isso, ela me foi dada. Porque não cumpriria a finalidade desejada pelo primeiro tutor: ser reprodutora.

Era uma cachorra condenada e o prognóstico, negativo. Até mesmo a veterinária que me incentivou a tratá-la disse que as chances eram pequenas e o custo financeiro seria alto. Durante meses, catei carrapatos três vezes ao dia, organizei minha rotina para oferecer medicamentos nos horários corretos e preparei um alimento especial composto de miolo de pão, mel, gema de ovo e leite. Meu marido, que nunca teve um animal de estimação, se viu envolvido em uma rotina de vômitos, baba e fezes que tinha um efeito nada romântico sobre nossos primeiros meses de casamento.

Todas as noites eu me despedia dela, esperando a sua morte e me consolava com a ideia de que pelo menos morreria de forma digna. Esta separação, que parecia tão iminente, não aconteceu até hoje. Maggie continua viva. Apesar de ser uma senhora de oito anos, ainda tem a energia de um filhote e adora correr atrás de

gatos, cavar buracos na terra e derrubar pessoas com suas patas musculosas. Todos os dias, ela me fala sobre os animais que são condenados e acabam mortos simplesmente porque “não valem o investimento”.

É possível ouvir os animais. Nós os ouvimos com nossos sentimentos. Mas para que haja mudanças concretas em favor deles, o selo da ciência é considerado indispensável.

2.4 A jornada da comprovação

O ser humano é uma criatura ciente das suas fragilidades e de que seu comportamento - como aquele especialmente nocivo ao planeta em que coabitamos - o coloca no mesmo patamar das ditas criaturas “irracionais”.

O que pode ser o caminho de nossa ruína, como vimos, está pavimentado de espécies extintas, que não tiveram a menor chance contra o desenvolvimento humano. No meio dessa rota, no entanto, houve quem percebesse que havia algo fundamentalmente errado na maneira como lidamos com os animais. Para comprovar que eles também poderiam entrar na esfera da nossa consciência moral e ter direitos, os animais não-humanos passaram ao posto de objetos de estudos.

A Declaração de Cambridge. Em 7 de julho de 2012, um proeminente grupo internacional de neurocientistas, neurofarmacologistas, neurofisiologistas, neuroanatomistas e neurocientistas computacionais cognitivos assinou um documento chamado Declaração de Cambridge sobre a Consciência em Animais Humanos e Não Humanos. No documento, eles afirmam:

A ausência de um neocórtex não parece impedir que um organismo experimente estados afetivos. Evidências convergentes indicam que animais não humanos têm os substratos neuroanatômicos, neuroquímicos e neurofisiológicos de estados de consciência juntamente com a capacidade de exibir comportamentos intencionais. Consequentemente, o peso das evidências indica que os humanos não são os únicos a possuir os substratos neurológicos que geram a consciência. Animais não humanos, incluindo todos os mamíferos e as aves, e muitas outras criaturas, incluindo polvos, também possuem esses substratos neurológicos (DECLARAÇÃO DE..., 2012, p. 1).

O líder do grupo, Philip Low, resumiu em uma frase a necessidade do gesto: “Não podemos mais dizer que não sabíamos” (Veja, 2012, p. 1). Ou seja, depois de uma longa jornada de décadas de estudos, nossa sociedade chegou a um patamar em que não se pode mais fingir que os animais são destituídos de subjetividade. Podemos continuar com as criações industriais, os espetáculos em parques

aquáticos e até com “esportes” como rodeio e a pesca esportiva, mas não podemos mais fazer de conta que não estamos praticando agressões sistemáticas contra criaturas que pensam e sentem – mesmo que de forma diferente da nossa.

Na verdade, se levarmos em conta a própria questão de evolução, seria um contrassenso imaginar que as emoções surgiram apenas na espécie humana.

As estruturas físicas do sistema límbico e de circuitos emocionais semelhantes são encontradas em muitas espécies diferentes e fornecem um substrato neural para as emoções primárias. Em sua teoria do cérebro trino (três cérebros em um), MacLean identifica o cérebro reptiliano, ou arquicérebro (que os peixes, os anfíbios, os répteis, os pássaros e os mamíferos têm); o límbico, ou paleocérebro (que todos os mamíferos têm); e o neocórtex, ou cérebro neocérebro “racional” (que alguns mamíferos possuem, como os primatas e os seres humanos) – todos os três sobrepostos dentro do crânio. Esses três cérebros estão conectados, mas cada um deles tem capacidades próprias. Embora o sistema límbico pareça a área principal do cérebro, na qual muitas emoções residem, novas pesquisas indicam que nem todas as emoções estão necessariamente condicionadas em um único sistema e que pode haver mais de um sistema emocional no cérebro (BEKOFF, 2010, p. 31-32).

Parece-me muito mais lógica a opção contrária, de que somos tributários de uma longa linhagem de seres que se desenvolveu paralelamente a outras espécies – e aprendeu com elas.

Durante os anos que trabalhei na área de ecologia, escutava constantemente que os cientistas observam a natureza e a reproduzem em condições controladas (laboratórios) para resolver problemas que afligem a humanidade. O avião era o exemplo mais citado, um engenho que deve muito ao estudo do voo e aerodinâmica das aves.

Os elefantes agarram gravetos com as trombas para se coçarem em lugares difíceis de alcançar. Eles usam galhos como espanta-moscas e montículos de grama para limpar suas feridas. Chipanzés protegem o rosto da chuva com chapéus e guarda-chuvas que eles fazem com folhas. Eles também usam as folhas como guardanapos para o jantar e papel higiênico (KREISLER, 2005, p. 177).

Não será justo pensar então que muito do que fazemos e somos é fruto de uma influência direta de outros animais? Toda vez que vejo o ninho de uma Japuira ou uma casa de João-de-Barro tenho certeza de que foram eles nossos primeiros professores nas artes da edificação e tecelagem.

O fato de não termos habilidade para compreender totalmente os outros animais não significa que eles não sejam dotados de emoções, inteligência e até mesmo senso moral. Lestel (2010, p. 19) apresenta-nos a ideia das competências inacessíveis. “A questão que se coloca, e à qual nenhum etólogo ou zoólogo é

capaz de responder, é saber qual é a complexidade que as inteligências do animal podem atingir” (LESTEL, 2010, p. 273).

A maioria dos estudos que encontrei buscava documentar a semelhança entre os comportamentos de animais não-humanos e humanos. Talvez um traço do nosso antropocentrismo - para garantir a eles uma vida interior é necessário que a mesma tenha características semelhantes às nossas.

Outra manifestação clara da visão do homem enquanto ser superior se encontra em um conceito bastante disseminado no movimento de proteção animal: a senciência. Enquanto a Declaração de Cambridge dá um passo adiante e fala em consciência animal, diversos autores utilizam o termo senciente para qualificar os estados de consciência dos animais não-humanos. A senciência não está nem mesmo na maioria dos dicionários da língua portuguesa e as definições variam. Para Francione (2012, p. 1), que representa a corrente abolicionista dos Direitos dos Animais:

Um ser senciente é um ser que é subjetivamente consciente; um ser que tem interesses; isto é, um ser que prefere, deseja ou quer. Esses interesses não precisam ser iguais aos interesses humanos. Se um ser tiver algum tipo de mente que possa experimentar a frustração ou a satisfação de qualquer interesse que esse ser tiver, então esse ser é senciente (FRANCIONE, 2012, p. 1).

Em um guia de nutrição veterinária, a senciência é resumida assim: “(...) é a capacidade que um ser tem de sentir conscientemente algo, ou seja, de ter percepções (sensações e sentimentos) conscientes” (COSTA; PELUZIO; MARINO; HENRIQUES, 2014, p. 2). Em resumo, a senciência seria uma afirmação da capacidade de que os animais sentem e têm alguma forma de consciência, mesmo que diferente da nossa.

Por um lado, é fato que os animais são mais parecidos conosco do que muitos gostariam pois, no fim, humanos são animais também. Por outro, sabemos que eles enxergam e interagem com o seu redor de uma maneira diversa, até por questões fisiológicas. O termo senciência abraça esta diversidade, mas também reafirma a tendência humana de rebaixar os outros animais. Não seria mais fácil dizer simplesmente que os animais tem consciência? Porque cunhar um termo específico para a consciência deles? Afinal, o senciente – apesar de surgir como elemento distintivo, que amplia a necessidade de respeito - é sempre colocado em

oposição ao consciente como um estado mais limitado de perceber o próprio estar no mundo.

Ao avaliar o uso do termo consciência em relação aos animais, Reus (2005) faz a seguinte ressalva: “(...) o termo (consciência) também tem o sentido mais restrito de consciência moral, de faculdade de fazer julgamentos sobre o bem e o mal;” (REUS, 2005, p. 1). Assim, a consciência seria exclusiva dos humanos mesmo que, conforme mostra Singer (2002), existam casos de humanos que, por problemas de saúde, não tenham consciência moral ou capacidade de discernir entre bem/mal ou certo/errado.

A senciência é uma forma de preconceito, mas, ao mesmo tempo, funciona como uma ferramenta de proteção. Vários estudos científicos comprovam a ocorrência de conceitos como justiça, código moral e solidariedade entre animais não-humanos. Em uma palestra⁶ apresentada em 2011, o primatologista e etologista Frans de Waal, contou como começou a estudar a agressividade nos primatas e então descobriu que eles se reconciliavam. Na época, não parecia fazer sentido que, depois de uma briga, ganhador e perdedor, buscassem restabelecer o relacionamento, inclusive com a troca de carinhos. O que ele fez nos anos seguintes foi observar, analisar e realizar testes de laboratório para comprovar a cooperação entre os animais. Os experimentos conseguiram demonstrar que os chimpanzés retribuía favores. Eles ajudavam um companheiro a pegar comida mesmo que não estivessem com fome.

Frans de Waal estava comprovando a reciprocidade e a empatia nos animais, atitudes que são apontadas por ele como os pilares da moralidade. Tais comportamentos, admitidos aprioristicamente nos homens, foram agora, comprovadamente encontrados nos animais por meio da ciência. Outro teste é destacado para mostrar que os animais também tem senso de justiça. Pesquisadores ofereceram a dois macacos pedaços de pepino como pagamento pela realização de uma tarefa simples. Tudo estava certo até que um deles começava a ser pago com uvas. Aquele que recebia o pepino claramente se revoltava. Ele golpeava o vidro de acrílico da sua gaiola e esticava o braço para fora, batendo na mesa de testes.

⁶ Palestra “Franz de Wall: moral behavior in animals”, proferida por Franz de Waal, no evento TEDxPeachtree, em novembro de 2011.

Franz de Waal comenta que economistas, políticos e filósofos criticaram muito o estudo. “Eles haviam decidido em suas mentes, eu acredito, que justiça era um sentimento muito complexo e animais não poderiam tê-lo. Um filósofo até nos escreveu que era impossível que macacos tivessem senso de justiça porque justiça foi inventada na Revolução Francesa”, disse de Waal, provocando risos na plateia.

Waal contou que outro cientista argumentou que só haveria senso de justiça ali se o macaco beneficiado com uvas exigisse que o colega também recebesse o mesmo pagamento. Realmente, isso aconteceu com algumas duplas. Havia macacos que se recusavam a receber as uvas até que o companheiro também recebesse. O cientista afirma que os seres humanos estão em uma escala mais evoluída de moralidade, mas usa seus estudos para comprovar que outros animais, inclusive elefantes, tem código moral em seus comportamentos. Além de empatia e senso de justiça, eles apresentam reciprocidade e tendência a consolar e a socializar.

Kreisler (2005, p. 64) documentou um experimento realizado por Austin Lambert, neurocirurgião, que revela a compaixão entre peixes. Ele embebedou um peixe com álcool etílico e o jogou de volta ao seu tanque, com outros nove peixes. A experiência durou dezesseis dias, nos quais ele alternou os peixes que recebiam a bebida.

Ele descobriu que quando um peixe estava embriagado, os outros tomavam conta dele. Um deles sempre permanecia por perto, e ficava de guarda junto ao peixe bêbado até que ele ficasse sóbrio e pudesse nadar direito (KREISLER, 2005, p. 64).

Uma pesquisa de empatia apresentada por Bekoff (2010, p. 35) mostra que mesmo camundongos são capazes de se colocar no lugar do outro. O trabalho consistia em utilizar ácido acético para fazer com que os roedores se contorcessem de dor. O objetivo era testar a reação do companheiro que estava ao lado do animal que sofria.

Os pesquisadores descobriram que os camundongos que observam seus companheiros com dor ficam, eles próprios, mais suscetíveis à dor, e que um camundongo que recebe uma injeção de ácido acético contorce-se mais de dor se o parceiro também está se contorcendo (BEKOFF, 2010, p. 35).

Kreisler (2005) cita também um estudo do Departamento de Neurologia e Psiquiatria da Universidade de Northwestern em que foi testado o altruísmo animal.

[...] quinze macacos foram ensinados a puxar duas correntes para ganhar uma bolinha de comida. No quarto dia do experimento, uma das correntes foi cruelmente programada para dar um choque elétrico em outro macaco a

pequena distância dos outros. Depois de testemunhar o macaco levando choques e de ver sua aflição a maior parte dos outros macacos se recusou a puxar a corrente até mesmo para conseguir o alimento. Um deles não puxou *nenhuma* das correntes durante cinco dias, e um outro durante doze – mesmo que sua relutância significasse fome (KREISLER, 2005, p. 64).

Leis de Proteção animais são embasadas no fato de que os animais sentem dor, têm emoções, formas de comunicação, consciência e até mesmo código moral. O mesmo acontece com a adoção de práticas ditas favoráveis aos animais, como o abate “humanitário”. É a ciência que corrobora tais constatações.

Nas visitas a abrigos de animais e em conversas com protetores, pude constatar que estas pessoas não se importam com as descobertas científicas. Elas lutam pelos direitos dos animais porque têm um laço afetivo com eles. No entanto, utilizam os fatos científicos sempre que é necessário defender a causa em debates ideológicos. A defesa da senciência é o argumento favorito.

Sem negar que esses estudos foram importantes para comprovar a consciência animal, acredito que algo ficou patente: em algum nível os animais foram vítimas de desconforto, constrangimento ou até mesmo agonia. O sofrimento deles, até na hora de ganharem direitos, parece ser o saldo injusto, mas necessário, já que interpretações subjetivas costumam ser rechaçadas.

No entanto, mesmo fora do laboratório quase todas as pessoas que gostam e convivem com animais contam algum episódio de inteligência, compaixão, ética, bondade ou, como os cientistas preferem chamar, comportamento altruísta em bichos. Sem que para isso seja necessário o sofrimento deles.

Em 2007, ainda trabalhando como jornalista, fiz uma reportagem sobre uma *pitbull* chamada Zendra em Cuiabá (MT). A raça é considerada a mais perigosa do mundo e existem diversos projetos de lei para exterminar seus membros. Zendra encontrou três filhotes de gato vira-lata no quintal de casa. Sua tutora escutou os miados ao levantar de manhã e correu desesperada para fora, prevendo a morte certa dos gatinhos nas mandíbulas da cadela ou da outra *pitbull* da casa. Mas a cena que encontrou foi bem diferente. Os três animais estavam aninhados no corpo da cachorra. Ela não permitiu que a outra cachorra se aproximasse dos filhotes. No dia seguinte, Zendra começou a produzir leite. Seria absurdo dizer que Zendra desenvolveu sentimentos de empatia e compaixão por aqueles gatos?

O que é percebido apenas pelos sentidos ainda hoje tem o *status* de valor e, por isso, a comprovação científica contribui para a concessão de direitos aos

animais não-humanos. Mesmo que seja vista como inferior à humana, quando a condição subjetiva de um ser vivo ganha o peso do fato, da certeza, é mais fácil garantir o reconhecimento de direitos.

2.5 A história de Scooby

Ao se unir o fato e o valor, as fronteiras entre “gente” e bichos começam a ficar mais difusas. A amizade entre animais humanos e não-humanos juntamente com o uso de fatos científicos permitiu que o cenário de crueldade e desconsideração sofresse uma mudança razoável.

O reconhecimento dos interesses animais foi impulsionado por defensores humanos de tal comportamento, movidos pela empatia, pela razão e pela inspiração de outras Revoluções. O progresso foi desigual e com certeza os próprios animais, caso pudessem ser consultados, ainda não os parabenizariam com tanto ardor. Porém, a tendência é real, e está mexendo com todos os aspectos da nossa relação com nossos companheiros do reino animal (PINKER, 2011, p. 12150).

Mas mesmo aqueles que são sensíveis aos valores não o são indistintamente, sendo que hierarquizam os animais. Hoje, já existe até mesmo o termo *pet* para se referir aos animais de estimação. Mas o que dizer das galinhas, bois e porcos mortos todos os anos pela indústria alimentícia? O que falar dos ratos, macacos, cães e coelhos confinados em laboratórios? Como exigir que tenham direitos quando a morte e a dor deles – quando admitidas – são apresentadas como essenciais para nossa sobrevivência?

Escolhi um caso singular para representar a nova tendência citada por Pinker. A história de um cachorro chamado Scooby, de Campo Grande (MS), vítima de maus tratos, portador de uma doença incurável, a leishmaniose, e para qual o único tratamento aconselhado hoje, no Brasil, é a morte – ou, como preferem autoridades de saúde, a eutanásia.

O caso dos cães com leishmaniose visceral mostra que o discurso baseado na sensibilidade é insuficiente e precisa ser articulado com argumentos científicos. O tratamento para leishmaniose visceral em cães é proibido pelo Governo Brasileiro. Porém, muitos protetores defendem o tratamento dos animais, com a manutenção da vida. O procedimento é feito clandestinamente, com medicamentos para

humanos: o nível de parasitose nos animais baixa consideravelmente, mas não chega a zero.

Se um mosquito picar o animal infectado, há risco, mesmo que pequeno, de transmissão da doença para outro animal - humano ou não-humano. Para reduzir essa possibilidade, os animais recebem uma coleira especial que repele o mosquito vetor e vivem em locais com rígido controle ambiental.



FOTOGRAFIA 2 – Scooby no CCZ de Campo Grande

Fonte: Tatiane Queiroz/G1MS. Campo Grande . 2012. Scooby alguns dias depois à chegada no CCZ. É possível notar um pedaço do dedo da frente ainda em carne viva.

Em outros países, já existem remédios veterinários para a leishmaniose canina e a eutanásia não é permitida. Os laboratórios que fabricam os medicamentos atuam no Brasil, mas não tem licença para vender o produto aqui. Por isso, uma alternativa adotada pelos tutores de animais doentes é utilizar a versão do medicamento indicada para humanos (COSTA, 2013, p. 1). Em todas as

entrevistas que fiz com protetores de animais encontrei pelo menos um animal infectado sendo mantido vivo e tratado.

Para proteger animais infectados, os discursos éticos usam a retórica científica para lhe conferir crédito. Ou seja, quem quer proteger os animais com leishmaniose por motivos éticos busca fatos científicos. Obviamente que para cada pesquisa em favor dos cães doentes, existe outra contra. Cada grupo usa a roupagem científica como melhor lhe convêm. Assim, aqueles que defendem a vida dos animais acionam estudos que comprovam a viabilidade do tratamento. De outro lado, os grupos que apoiam a eutanásia também tem argumentos “cientificamente comprovados” para defender que os cães sejam mortos.

Scooby causou grande comoção na mídia e nas redes sociais. Em julho de 2012, apresentando sintomas de leishmaniose, ele foi amarrado a uma moto pelo próprio dono e arrastado por quatro quilômetros até o CCZ - Centro de Controle de Zoonoses do município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. (G1, 2012). Chegou ao local sangrando muito, com as patas em carne viva.

O dono de Scooby foi levado à delegacia, por maltrato ao animal. Chocados com a situação do cachorro, os próprios funcionários do CCZ denunciaram o caso. O homem garantiu à imprensa que não fez nada por maldade. Se quisesse, teria abandonado o cão em qualquer lugar. Em seu favor, usou a mais cartesiana das afirmativas: não imaginava que o animal sofreria ao andar quatro quilômetros naquelas condições (G1, 2012).

Scooby foi diagnosticado com leishmaniose em agosto, quando seu drama já havia corrido o país por meio da mídia e das redes sociais. Ele passou a contar com o apoio de entidades de proteção e de amantes de animais do Brasil inteiro. O governo, no entanto, não se compadeceu. Scooby deveria ser morto. Uma campanha começou na internet e na cidade de Campo Grande: as pessoas queriam impedir a eutanásia.

Naquele curto período, o cachorro triste e coberto de feridas já apresentava uma pelagem dourada e a postura acuada sumiu. O prefeito autorizou que Scooby fosse poupado somente depois que uma especialista o convenceu da segurança do tratamento. A própria presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária do município à época, Sibebe Cação, defendeu o tratamento do animal e forneceu argumentos científicos suficientes para garantir mais tempo de vida ao cachorro. Por causa da briga para manter Scooby vivo, Sibebe foi destituída do cargo.

Em dezembro de 2012, o prefeito voltou atrás: Scooby deveria voltar ao CCZ para passar por exames. Em janeiro seguinte, o Abrigo dos Bichos, ONG que cuidava do cachorro, entrou na Justiça para reaver o animal, temendo a eutanásia. A Justiça decidiu em favor dos protetores. Ainda em janeiro, a partir de uma ação movida pela mesma entidade, o Tribunal Regional Federal da 3ª Região autorizou o tratamento de cães com leishmaniose no Brasil.

O órgão considerou que proibir o uso do medicamento de humanos em animais seria um incentivo ao extermínio de cães. A decisão foi válida para todo país. O Ministério da Agricultura rebateu em nota oficial: “Essa prática pode tornar o parasita causador da doença resistente às drogas atualmente disponíveis” (Campo Grande News, 2013).

Um novo argumento entrava no jogo. A resistência do parasita, que poderia prejudicar a cura de criaturas, em tese, mais importantes: os seres humanos. Contudo, a justiça continuou decidindo em favor de Scooby. Procurei informações sobre o estado de saúde do cachorro e um voluntário da ONG afirmou que até maio de 2015 Scooby estava vivo, bem e muito forte. A senhora que me atendeu ao telefone, mas que pediu para não ser identificada, disse que a única preocupação é que Scooby está um pouquinho acima do peso.

Sua atual tutora é a veterinária Sibeles Cação, a mesma que perdeu o cargo no Conselho Regional de Medicina Veterinária. Ela não respondeu a nenhum dos meus contatos. É possível ver a atual condição de Scooby graças à publicidade que é dada ao cachorro na internet e nas redes sociais. Além de aparecer em destaque na rede social de Sibeles no *Facebook*, periodicamente sua história circula em sites e outros veículos de comunicação.

A saída para o impasse de Scooby parece repousar na ciência. Pesquisadores do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Minas Gerais desenvolvem um tratamento que já alcançou a cura parasitológica da leishmaniose visceral canina com taxa de sucesso de 50%. Além disso, todos os animais submetidos ao protocolo terapêutico deixaram de transmitir o parasita para o mosquito, interrompendo o ciclo de transmissão para o homem (O CAMINHO, 2015, p. 1).

Em todas as matérias coletadas e analisadas, foram expostos motivos científicos favoráveis e contrários à eutanásia. O fato é que os sentimentos de Scooby nunca foram colocados em pauta. Sua vida é mantida pelo equilíbrio de

teorias científicas que, por enquanto, estão permitindo que ele leve a melhor. Mas será que a vida de Scooby vale o risco para outras pessoas e animais?



FOTOGRAFIA 3 – Scooby passeando nas ruas de Campo Grande

Fonte: Reprodução *Facebook*. Campo Grande. 2015. Scooby fotografado nas ruas de Campo Grande (MS), em junho de 2014. O cachorro continua vivo e a doença é controlada com o uso de medicamentos.

Confrontado com essa pergunta em uma Audiência Pública, realizada em março de 2013, em Campo Grande (MS), o doutor em parasitologia e professor de doenças infectocontagiosas, Vitor Márcio Ribeiro, disse que a saúde humana é mais importante que a do animal. No entanto, afirmou que a eutanásia não reduz a doença e que o tratamento com remédio para humanos neutraliza, sim, o potencial de transmissão da doença pelo cão. Ou seja, quem decidiu por Scooby foram os argumentos científicos. Se não houvesse a confiança na eficácia do tratamento, haveria muito pouco em que apoiar o direito de Scooby à vida.

Assim, é justo dizer que a mesma ciência que consolidou a separação entre homens e animais também opera no sentido contrário. A consciência da própria fragilidade humana e o reconhecimento das capacidades cognitivas e emocionais dos não-humanos formam, então, um novo panorama, em que podemos ver se não uma atitude generalizada de respeito, pelo menos uma aceitação social muito maior dos direitos dos animais.

3. OS ANIMAIS E O COTIDIANO

3.1 Introdução

Das minúsculas formigas aos *pets*, o contato com os animais representa uma parcela significativa do cotidiano de qualquer humano. Mosquitos, baratas e ratos tiram o sono das donas de casa. Cães e gatos são integrantes de famílias ou, quando abandonados, aparecem como um problema social. Inclusive, enquanto digito este texto, um besouro caminha sobre a tela e um pequeno inseto verde repousa tranquilamente sobre a tecla F1. Quantas vezes essas pequenas criaturas nos fazem companhia e simplesmente não vemos?

Com mais alguns olhares, descubro a presença de uma aranha instalada atrás de um porta-retrato e uma mariposa pousada ao lado do *cooler* do computador. Há também uma formiga doceira, solitária, andando sobre o tampo da mesa. Assim, com um breve olhar descubro outras cinco vidas dividindo o espaço comigo.

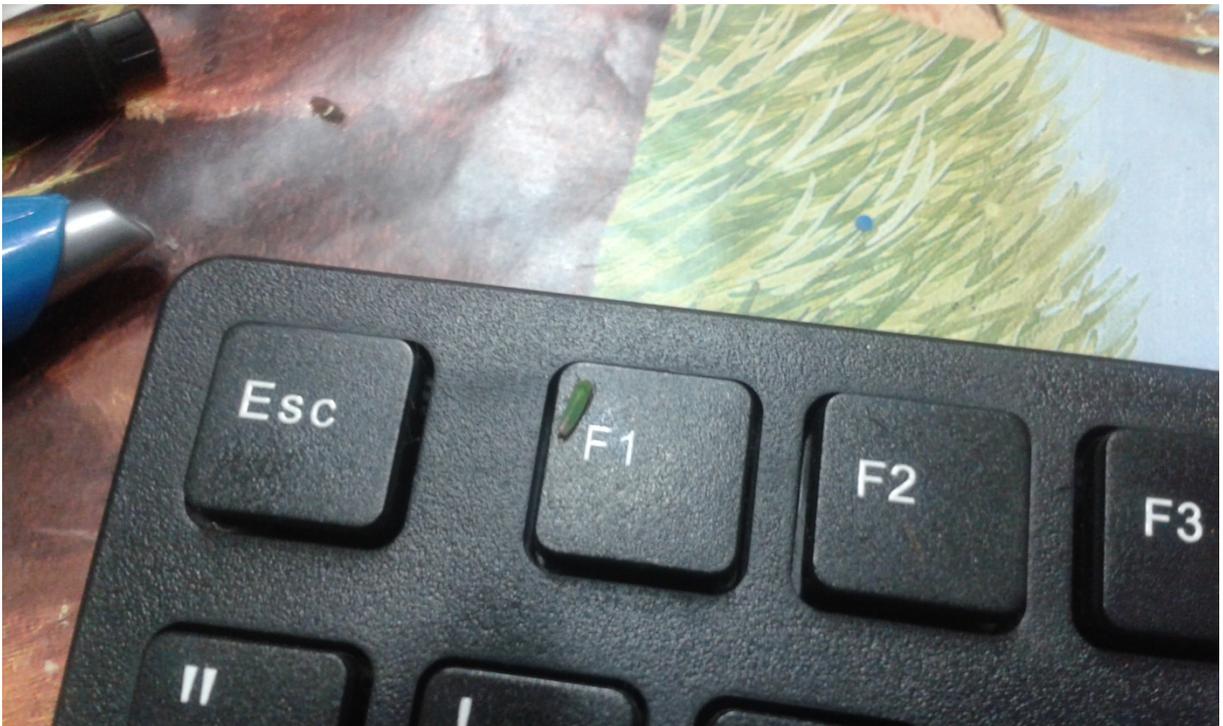
Qual resposta encontraria se levasse esse questionamento para o ambiente de uma grande cidade? No primeiro e segundo capítulos, vimos como a articulação do saber científico e dos sentimentos individuais opera para construir uma nova ideia de animal não-humano. Conceitos como inteligência e emoções entre animais começam a ser aceitos com mais facilidade e promovem alterações na sociedade.

A partir deste capítulo a proposta é seguir outro caminho, fora da arena científica e das informações consagradas como fatos. É possível verificar que as atitudes em relação aos animais estão sendo questionadas em espaços como a academia e a mídia. Mas, será que no cotidiano podemos identificar mudanças?

Se é no dia a dia que se dão as relações entre animais humanos e não-humanos, que contribuições a pesquisa nesta arena pode trazer para este trabalho? O que a etnografia dos espaços de uma cidade como Cuiabá, capital de Mato Grosso, poderia adicionar a estas reflexões? A proposta de estudar este tema na cidade é, em primeiro lugar, um exercício de observar espaços e o que eles dizem sobre nossa relação com os animais.

Acredito que um relato observado em sala de aula poderia ser a melhor forma de introduzir a cidade e a contribuição do cotidiano nesta discussão. Durante um

semestre fiz estágio docência no curso de veterinária da Universidade Federal de Mato Grosso, na disciplina de Sociologia. Sob supervisão da minha orientadora, Professora Doutora Juliana Abonízio, lecionei algumas aulas sobre os temas que estudo, entre eles, a emoção e a consciência animal, os direitos dos animais e a relação entre homens e animais. Alguns alunos eram bastante receptivos às informações, outros mostravam-se indiferentes, e uma parcela reagia negativamente a tudo que eu dizia.



FOTOGRAFIA 4 – Inseto no teclado

Fonte: Eveline Baptistella. Cuiabá. 2014.

Quando usei alguns exemplos de pesquisadores como Mark Bekoff e Frans de Waal para demonstrar que animais planejam o futuro, recebi algumas confrontações. Naquela aula específica, eu mostrava um contraponto a algo que aparecia como cristalizado entre os estudantes: os animais de abate não sofrem com a proximidade da própria morte porque bichos não têm capacidade de planejar o futuro, nem de compreender o que vai acontecer em seguida.

Na minha própria experiência, havia pelo menos um episódio marcante que contrariava tal convicção. Já testemunhei porcos fugindo do abate. Os gritos e o desespero dos animais não podem ser ignorados. Somente uma criatura que

reconhece o futuro demonstraria tal angústia. Contudo, usar fatos científicos sempre parece ter mais força nas argumentações, como já foi discutido no capítulo anterior.

As *citações*, tão frequentes nos trabalhos acadêmicos, correspondem a estratégias de acreditação de saber e poder. De facto, as citações são uma obrigatoriedade deontológica, numa época em que impera a ladroagem de ideias, mas são também o modo mais credível de fazer crer (PAIS, 2002, p. 41).

No entanto, nessa aula específica foi um exemplo do cotidiano que teve impacto sobre os alunos. Minha orientadora citou um hábito dos cães: enterrar os ossos. No caso do cachorro dela, o Ozzy, que vive em um apartamento, esconder os alimentos. “O Ozzy não enterra o ossinho porque não tem onde enterrar. Mas ele esconde a comida pelos cantos da casa. Se ele não planejasse o futuro, por que iria guardar a comida para comer depois?” (informação verbal).

Mesmo os mais reticentes acabaram dividindo casos em que observaram animais de seu convívio planejando o futuro. Os alunos passaram a articular a experiência comum e o saber científico em seus relatos, mostrando que o cotidiano traria outro enfoque, paralelo e complementar, a este estudo sobre a relação entre homens e animais - visto que mesmo episódios aparentemente sem importância são uma fonte extremamente rica de pesquisa e constituem um espaço de contraposição ao dos discursos científicos. O cotidiano é uma instância na qual afetos, sentimentos e principalmente os gestos mecânicos e irrefletidos ajudam a compreender melhor o objeto de estudo.

3.2 Metodologia

A rotina é marcada por atos considerados automáticos e, muitas vezes, inconscientes. No entanto, é dentro desse ser e estar no cotidiano que se forjam as mudanças. Pode-se dizer isso dos cães. Aqueles lobos que seguiam os caçadores e coletores, interessados em comer os restos das caçadas e, posteriormente, foram, se integrando às aldeias humanas, atualmente ganharam o título de “filhos” em muitas famílias. O cão de guarda, que vive no quintal e come restos – exatamente como os primeiros cachorros que se aproximaram de nós, humanos – ainda existe hoje, mas em paralelo com os *pets*, que dividem a cama com os donos, recebem alimentos especiais e até mesmo roupas e joias.

Além da premissa de que o cotidiano traria informações importantes, havia outro aspecto: mapear a ocorrência dos animais e as condições em que eles viviam dentro do espaço de uma grande cidade. Magnani (2002, p. 14-15) afirma que os debates em torno da questão urbana, comumente, excluem os atores sociais, dando destaque às forças do sistema ou aos representantes do capital.

[...] os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos, etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) de todo o intrincado processo urbano (MAGNANI, 2002, p. 15).

Para o autor, a etnografia ajudaria a introduzir os atores sociais em um cenário do qual são tipicamente excluídos. Levo esta proposta para a observação das relações entre animais e pessoas, uma vez que os bichos, geralmente, são considerados elementos sem agência ou secundários.

A sociologia do cotidiano e a proposta de deambulação sociológica trabalhados por Pais (2002) contribuem na metodologia deste percurso. Meu objetivo foi percorrer a cidade a partir de um novo ponto de vista, tendo os animais como foco principal e, por conseguinte, seus encontros com os humanos.

Fazer sociologia do cotidiano é desenvolver essa capacidade de *flâneur*, de passeante “ocioso”, daquele que passeia entre a multidão, misturando-se nela, vagueando ao acaso, sem destino aparente, no fluxo e refluxo das massas de gente e acontecimentos (PAIS, 2002, p. 55).

Outro pressuposto importante foi abraçar uma ignorância voluntária relativa aos percursos a serem escolhidos. Pais (2002, p. 57) contrapõe o pesquisador turista ao pesquisador viajante. O primeiro traçaria suas rotas ao abrigo de saberes consagrados.

Nesta lógica, da mesma forma que o “bom turista” é o que se interessa por monumentos, museus e paisagens reconhecidas, também o “pesquisador de *tour*” seria o infatigável colecionador de reputadas e reconhecidas teorias, de nobres e divulgados conceitos, de problemas sociais institucionalmente relevantes (PAIS, 2002, p. 57).

Decidi percorrer Cuiabá apenas com um mínimo planejamento prévio, porque seria impossível realizar a etnografia na cidade inteira. Também preferi sair das rotas consagradas para observação de bichos, como os zoológicos e parques. Fiz apenas uma exceção ao visitar o Parque Mãe Bonifácia.

Selecionei inicialmente as ruas e avenidas do centro, as vias arteriais de alto tráfego que cortam a cidade e quatro bairros de diferentes padrões sociais: Jardim

Florianópolis, um dos mais pobres de Cuiabá; Parque das Nações, reduto de classe média; Parque Cuiabá, um bairro afastado que tem uma mescla de diferentes realidades sociais, indo das casas de famílias com alto poder aquisitivo até áreas de invasão de terreno; e Jardim das Américas, uma das vizinhanças de mais elevado padrão da cidade.

Para contribuir na interpretação dos dados, escolhi também um caminho conceitual diferente ao adotar autores de um gênero considerado ainda nascente no Brasil: os estudos animais. Uma linha que é interdisciplinar por natureza e envolve ramos como etologia cognitiva, neurociência, psicologia, veterinária, sociologia, antropologia, direito, economia, geografia – só para citar alguns saberes.

[...] Sem dúvida, no curto prazo haverá mais ligações entre disciplinas existentes. Muitas faculdades já oferecem cursos em que os temas relacionados a animais são unidos a tópicos tradicionalmente ensinados em cursos separados (por exemplo, literatura, religião, e temas relacionados a animais) (WALDAU, 2013, p. 7475, tradução nossa).⁷

Não se trata, como muitos acreditam, de uma linha pesquisa que envolve apenas os direitos dos animais não-humanos. Este é, na verdade, somente um dos braços dos estudos animais. Assim como os animais não são únicos, nossas visões sobre eles também são diferentes. Os estudos animais são a união desses diferentes olhares, em uma tentativa de compreender o mundo com uma ótica que inclui milhões de criaturas com as quais construímos ou implodimos – percebendo ou não – pontes todos os dias. Dessa corrente de estudos, trouxe, muito fortemente, os relatos de caso.

Os relatos de casos, ou histórias, são um tipo de dado, e eles sempre estão presentes nas descrições dos animais. Contudo, alguns cientistas não gostam desses relatos, ou os ignoram, porque eles são “meras histórias”. Não são informações confiáveis, porque não podem ser reproduzidas e costumam vir acompanhadas de envolvimento pessoal e preconceitos. No entanto, grande parte da nossa teorização sobre a evolução do comportamento baseia-se, seja isso bom ou ruim, em histórias (BEKOFF, 2010, p. 137).

Contar essas histórias sobre animais e suas gentes é mais uma maneira de criar uma via de acesso para entender os diversos tipos de relacionamentos travados por eles. Ao analisar estes episódios busco também verificar as nuances de personalidade e modos de agir que se entrelaçam na cidade assim como as

⁷ (...) the near term will undoubtedly see more linking up of existing courses. Many colleges already offer courses in which animal-related issues bridge topics traditionally taught in separate courses (for example, literature, religion, and animal-related themes).

vidas de animais humanos e não-humanos se cruzam, algumas vezes sem tocar, mas sempre produzindo significados.

À medida que acumulamos mais e mais histórias, desenvolvemos um sólido banco de dados sobre comportamento, que pode ser utilizado para estimular pesquisas empíricas adicionais, e porque não, histórias adicionais. (...) No final, os relatos de casos são apenas dados que podem ser acumulados um pouco mais lentamente, mas isso não faz com que sejam menos úteis ou confiáveis (BEKOFF, 2010, p. 138).

A sociologia do cotidiano - ao explorar o trajetivo e priorizar a construção do saber a partir da investigação, da análise dos indícios – se alinha aos estudos animais por ser uma teoria que une o conhecimento teórico prévio, mas não fecha as portas para as contribuições que surgem na relação entre o pesquisador e o campo.

O pensamento sociológico não se esgota na estéril repetição de fluxos no refluxo das teorias, desgastadas na sua robusta improdutividade. Há lugar para a diversidade de paradigmas que assegurem a passagem de concepções teóricas abstratas, universais e mecanicistas para formas concretas, particulares e contingentes de teorização. Ao lado de quem prega as teorias gerais do social, reivindica-se a possibilidade de estudar, do modo mais pertinente possível, a diversidade das formas da vida social (PAIS, 2002, p. 46).

Bekoff (2010, p. 138) ainda argumenta que quanto mais documentamos ao redor do mundo as mesmas coisas, maior é a probabilidade de que esses testemunhos não sejam apenas visões influenciadas por preconceitos ou crenças pessoais.

Eugene Linden (1999) especialista em linguagem e inteligência animal também inspira esse objetivo. Depois de anos de pesquisas, ele decidiu que contar histórias animais seria mais uma forma de acessar as habilidades dos bichos sem entrar na roda viva dos questionamentos científicos e da busca incessante pela informação com *status* de fato.

De fato, há uma maneira de explorar o mundo mental, incluindo as habilidades comunicativas, dos animais sem cair na armadilha desse colóquio infernal. É não-científica, o que quer dizer que no fim do exercício, não importa o quão persuasivo seja o material, as histórias e exemplos não podem ser usados como prova de nada. Eu suspeito, contudo, que um monte de pessoas pode conviver com isso, por que eu também suspeito que existe um monte de gente como eu que observou animais tanto na natureza quanto no cativeiro resolvendo problemas e usando suas capacidades intelectuais (sim, capacidades intelectuais!) para conseguir o que querem. Sem se importar sobre o debate a respeito de suas

habilidades, animais usam as habilidades que tem (LINDEN, 1999, p. 139, tradução nossa)⁸.

Em algum ponto, ele decidiu dar de ombros para o ceticismo geral e assumir que a experiência de convivência entre homens e animais na arena do cotidiano, dos casos vividos, teria tanto a contribuir quanto todos os estudos que conduziu anteriormente.

Munida do espírito trajetivo, da meta de estranhar o que se tornou invisível por ser usual, comecei a etnografia indo aos bairros que apresentei acima. Os percursos foram feitos de diversas maneiras. Algumas vezes caminhei, em outras percorri os locais de carro, acompanhada por um motorista. Inicialmente, estava decidida a apenas observar, nunca interagir e a gravar minhas impressões em forma de áudio, em um gravador digital. Minha ideia inicial era que, se não fosse notada, correria menos chances de ver cenas manipuladas, já que muitas pessoas mudam seu comportamento quando sabem que estão sendo observadas ou participando de uma pesquisa. Como não iria me inserir em um grupo social específico e não teria, *a priori*, informantes, julguei esta proposta viável.

A pé, a intenção inicial de apenas observar não se concretizou. Travei contato com transeuntes, comerciantes e moradores. Perguntava por este ou aquele bicho, por um desenho ou informação. As conversas acabavam acontecendo e todas as pessoas sempre tinham algo a contar. Quando saí com a câmera, fui alvo de muita curiosidade e as perguntas eram diretas. Muita gente queria saber o que eu estava fotografando. Deliberadamente, não falava o objetivo do meu trabalho ou porque estava fazendo determinada pergunta a menos que fosse questionada.

Quando eu falava sobre a pesquisa nunca tinha a indiferença como resposta. Acabei criando, involuntariamente, uma rede de informantes que atua até hoje. São pessoas que sempre me avisam quando veem um bicho que julgam digno de interesse, encontram algum caso diferente ou acham que determinado episódio pode contribuir para minhas pesquisas. Conforme fui me situando no campo, percebi que a interação não era somente inevitável como também indispensável, uma vez

⁸ In fact, there is a way to explore the mental world, including the communicative abilities, of animals without getting trapped in this colloquy form hel. It's unscientific, which means that at the end of the exercise, no matter how persuasive the material, one cannot use the stories and examples as proof of anything. I suspect, however, that a lot of people can live with that, because I also suspect that there are a loto f peopel like me who have watched animals in both nature and capitivity solve problems and use their wits (yes, wits!) to get what they want. Unmindful of the debate about their abilities, animals use wha abilities they have.

que minha própria participação nas cenas e o modo como organizaria depois o material que observei também faziam parte da pesquisa. Todo etnógrafo só pode estar em uma cena alterada pela sua presença. O significado da cena exige não apenas um reconhecimento do caráter subjetivo da observação, mas sobretudo a capacidade de ter uma noção objetiva de sua própria presença (SILVA, 2009, p. 180).

Silva (2009, p. 178) lembra que o jogo de interações é parte do fazer etnográfico e que um dos desafios desse empreendimento é projetar na cena a identidade do etnógrafo e os significados que ela adquire na interlocução. Ao escolher observar as relações entre pessoas e animais construí outro eixo de observação do espaço urbano. É no jogo tenso entre aguda observação do entorno e introspecção como trampolim para se lançar na cena que episódios, situações, acontecimentos poderão adquirir sentido, significados legíveis (SILVA, 2009, p. 181).

Talvez seja bom lembrar que essa é uma questão de posição desde o começo. A separação entre homem e natureza citada no primeiro capítulo nos coloca em um lugar imaginário dentro do planeta, um lugar mais elevado. Ao observar a cidade, percebi que os animais estão sempre fora da altura dos olhos humanos. Para enxergá-los é preciso sempre uma mudança de eixo. Tirando os pássaros que dão rasantes e por acaso cruzam nosso olhar, ver um animal é sempre olhar para baixo, para cima ou por entre as coisas.

De alguma forma, sei que acabei direcionando o olhar das pessoas que se tornaram meus informantes da mesma forma que eles também me influenciaram. Se no começo as rotas foram se expandindo porque eu seguia um determinado pássaro ou uma tutora passeando com sua cachorrinha, logo passei a ir a locais que eram indicações dos informantes. Assim, o trabalho de campo incluiu áreas industriais, empresariais, comunidades ribeirinhas e até mesmo o aterro sanitário.

Meus informantes acabaram construindo um novo valor para algo que antes não davam atenção ou não julgavam especial – no caso a presença dos animais na cidade. Há também alguns informantes que me veem até hoje – e, provavelmente, para sempre - como uma pessoa com quem podem dividir o afeto pelos bichos.

Foi impressionante notar os esforços que algumas pessoas fizeram para me encontrar depois de contatos breves nas ruas da cidade. Ao falar comigo uma vez, um jardineiro - que se tornou um dos meus principais informantes depois - ficou apenas com as informações de que eu fotografava bichos para uma pesquisa e era

casada com um homem que trabalhava em um determinado prédio público. Somente com isso, depois de alguns dias, ele conseguiu localizar meu marido para pedir meu contato e iniciar as colaborações, informando onde poderia ver determinados animais na cidade.

Havia também pessoas que me encontravam pela rede social *Facebook* e outras que pediam meu telefone para manterem contato. Recebo e-mail, ligações e sou marcada em inúmeras postagens relativas aos bichos. Todos contatos iniciados durante a etnografia. É muito frequente receber mensagens ou ligações destas pessoas dizendo também que viram determinada cena e sentiram muito por não terem uma câmera no momento, porque gostariam de ter registrado a imagem para me enviar. Também recebo fotos dos animais dos informantes e um deles me mandou até mesmo imagens antigas, de quando era criança, ao lado do seu primeiro animal de estimação.

Por esse motivo, tracei também um retrato que inclui minha própria relação com os animais humanos e não-humanos que encontrei pelo caminho. Também realizei entrevistas semi-estruturadas para obter mais informações.

A câmera fotográfica nem sempre foi efetiva. O ato de pegar a câmera, mirar, fazer o foco, algumas vezes atrapalhava a própria observação. Por isso, privilegiei o olhar. Nos momentos em que a foto não atrapalhava a experiência em si, fiz o retrato. Isso ocorreu geralmente quando estava observando apenas animais. Algumas imagens foram enviadas pelos informantes ou pessoas que conheciam meu trabalho e queriam colaborar com a pesquisa, mandando vídeos e fotos.

O gravador ficou desligado, porque percebi que o aparelho tinha dois efeitos que atrapalhavam: ou bem intimidava as pessoas ou então chamava demais a atenção para mim. Optei por tomar notas ou então relatar em áudio, no celular, os episódios vividos logo depois de me afastar do local onde aconteceram. Os depoimentos foram construídos durante todo o período de pesquisa, que se ampliou para vários meses.

Esta etnografia produziu muitas reflexões e, para além das relações estudadas, revelou também a resistência dos bichos que, mesmo pressionados pelo desenvolvimento urbano, encontram maneiras de sobreviver em um espaço que lhes é essencialmente hostil.

3.3 Cuiabá, a cidade verde

Cuiabá, capital de Mato Grosso, é uma cidade quente. Estatisticamente, uma das mais quentes do Brasil. Falar de qualquer outra característica sem antes mencionar o calor é não fazer justiça ao que existe de mais marcante na capital de Mato Grosso. A média de temperatura nos meses de seca, entre maio e novembro, é de 37° (CLIMATOLOGIA, 2015).

A cidade fica distante 60 quilômetros do Parque Nacional de Chapada dos Guimarães e a cerca de 100 quilômetros de Poconé, que é considerada uma das portas de entrada do Pantanal. Também conhecida como Cidade Verde, Cuiabá, hoje, tem seu imaginário ligado à natureza muito mais por sua proximidade destes santuários ecológicos. Mesmo assim, é comum que as pessoas de outras regiões do Brasil, especialmente dos maiores centros urbanos, manifestem a percepção de que a cidade seria cercada de animais selvagens de grande porte, com grande concentração de áreas verdes e presença forte de indígenas.

Uma campanha publicitária de 2008, do site Mato Grosso e Seus Municípios, evoca bem esse conflito. Na chamada, o vídeo avisa: “impressionante, uma onça no centro de Cuiabá” (ONÇA... 2010). Após quatro segundos de imagens de transeuntes cruzando a faixa de pedestres na Avenida Getúlio Vargas, surge uma pessoa fantasiada de onça, que começa a dançar black music. Um meme que circula nas redes sociais também exemplifica o preconceito (FIGURA 4), ao expôr a ideia de que as pessoas que vivem em Cuiabá são índios, relacionando a cidade a percepção de isolamento e vida em contato com a natureza.

Numa característica que parece relacionada ao próprio processo de ocupação de Mato Grosso, a população local luta contra esse estigma, reforçando, sempre que possível, as qualidades de grande centro urbano. Conforme Galvão (2013), os projetos de colonização governamentais e privados que buscavam, a partir da década de 1970, preencher os vazios populacionais do país deram a Mato Grosso sua atual configuração, com grandes latifúndios e uma elite agropecuária majoritariamente formada por migrantes da região sul. Dentro da perspectiva destes programas, as grandes florestas que ocupavam o território mato-grossense eram consideradas não um patrimônio natural, mas sim áreas improdutivas, que foram

sendo dizimadas primeiramente para a extração de madeira e abertura de pastos e, posteriormente, ocupadas também pelas lavouras de soja, algodão e cana.



FIGURA 4 – Meme sobre Cuiabá

Fonte: Reprodução internet. 2016.

Mostrando que o processo modernizador tem várias facetas e não é homogêneo, os setores ligados à atividade rural buscam se afastar sempre que possível da imagem idealizada da vida no campo, expondo um processo produtivo ligado a adoção de tecnologias de última geração nas técnicas de plantio e colheita. Assim, há uma grande valorização local por produtos, serviços e instituições que são classificados como modernos e vinculam o estado – e sua capital – a uma ideia de progresso e avanço tecnológico. Entre eles, estão os *shoppings*, as grandes e caras picapes e o aluguel de aeronaves particulares para vencer as grandes distâncias territoriais.

Na verdade, atrativos turísticos cuiabanos ligados à fauna e flora são poucos, entre eles um zoológico, que fica dentro da Universidade Federal de Mato Grosso. Há ainda o aquário municipal e alguns parques urbanos. Mas para quem quer viver a experiência de observar aves silvestres e grandes mamíferos, Cuiabá funciona apenas como um local de desembarque, a partir do qual os viajantes seguem para maravilhas naturais como os paredões de Chapada e os corixos pantaneiros.

Desde o início dos anos 2000, a capital teve um grande crescimento econômico que se traduziu na construção de empreendimentos comerciais, prédios

e condomínios. Alguns números costumam ser utilizados para mostrar o desenvolvimento da cidade. A população conta com 575.480 habitantes⁹ e a relação de veículos automotores *per capita* é uma das maiores do país: 359.750 veículos licenciados¹⁰ circulando, cerca de 1,5 por habitante.

Não ter carro ou moto em Cuiabá é uma missão difícil. O transporte público é ruim, com ônibus antigos, muitos deles sem ar condicionado. Há também três *shopping centers*, três universidades de destaque – duas delas particulares - e uma grande concentração de hospitais, centros de diagnóstico e médicos. Algumas manchas de vegetação ainda persistem, mas o título de cidade verde é, cada vez mais, uma referência ao passado. A Copa do Mundo de 2014 deixou como legado o desmatamento e um projeto inacabado de reestruturação urbana: viadutos, trincheiras e estruturas para a passagem do VLT - Veículo Leve sobre Trilhos. Há obras como o Viaduto da Sefaz, que mal foi aberto ao público e teve que ser interditado.



FOTOGRAFIA 5 – Avenida Fernando Correa da Costa em 2007

Fonte: Lenine Martins/Secom-MT. Cuiabá. 2014. Em 2007, o canteiro central da Avenida Fernando Correa da Costa ainda possuía vegetação.

⁹ Censo IBGE. Disponível em <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=510340>

¹⁰ Detran. Disponível em

<http://www.detran.mt.gov.br/adm/uploads/downloads/b50eafrotadeveiculosdematogrosso-ano2014.pdf>

A própria Arena Pantanal, sede dos jogos, passou por uma reforma menos de um ano depois de sua inauguração. Por causa deste plano de reurbanização, as avenidas Fernando Correa e do Historiador Rubens de Mendonça, duas das principais vias arteriais do município, tiveram toda sua vegetação derrubada. As imagens aéreas destas duas avenidas mostram o cenário árido dos canteiros completamente nus.



FOTOGRAFIA 6 – Vista aérea Av. Fernando Correa da Costa

Fonte: Edson Rodrigues/Secopa. Cuiabá, 2015. Imagem aérea da Avenida Fernando Correa da Costa em 2013, depois da derrubada das árvores, arbustos e remoção dos gramados. As manchas verdes que aparecem na foto são vegetação ciliar do rio Coxipó, que corta um trecho da via.

Em Cuiabá, o verde não é só uma necessidade espiritual ou contemplativa. Nos lugares mais arborizados, como parques e bairros que ainda mantêm uma parcela maior de vegetação, a sensação de calor é menor. Segundo Oliveira (2008, p. 27), o conforto micro climático é um dos principais benefícios das áreas verdes urbanas em qualquer cidade.

As temperaturas mais altas puderam ser observadas em áreas com alta densidade demográfica e pouca vegetação. Por outro lado, as regiões com maior concentração de espaços livres, com vegetação ou próximas a reservatórios de água, sofrem acentuados declínios de temperatura. Isto ocorre porque a água interfere no balanço de energia devido a sua alta capacidade térmica e pelo consumo de calor latente pela evaporação, além de uma maior quantidade de vegetação também mudar o balanço de energia local, já que as plantas absorvem a radiação solar através dos processos de fotossíntese e transpiração (OLIVEIRA, 2008, p. 26-27).

Em um lugar tão quente, mesmo uma única árvore parece fazer falta e contribuir para a sensação de sufocamento da qual inúmeras pessoas se queixaram durante conversas casuais ao longo da pesquisa.

É neste cenário de clima desafiador que vivem e se relacionam animais humanos e não-humanos, dividindo, nem sempre em bons termos, os mesmos espaços.

4. O ANIMAL OSTENTAÇÃO

4.1 A cidade silenciosa

Esta etnografia começou em um dia atípico. A cidade estava vazia. Nas ruas, que costumam ser tomadas por engarrafamentos, o maquinário das obras para a Copa estava abandonado, não se via nem mesmo um vigia que fosse. O semáforo trocava de cor de tempos em tempos mas não havia carros em uma das avenidas mais movimentadas da cidade. Nenhum transeunte passava. Por alguns instantes, era como se a capital do estado tivesse sido vítima de alguma catástrofe silenciosa e sofrido uma evacuação às pressas. Então, um bem-te-vi cantou, para lembrar de que não estamos sozinhos. Era apenas mais um feriado em Cuiabá e logo o tráfego de veículos e pessoas seria retomado.

Só por um momento, vamos nos deter na cidade vazia. Mesmo que todos os humanos tivessem desaparecido, quanto de vida ainda haveria em Cuiabá? Conforme percorria as ruas, surgiam evidências de que a cidade continuaria tão vibrante quanto antes. Talvez menos lotada. Certamente menos barulhenta. Mas, ainda assim repleta de habitantes dispostos a manter a própria rotina – com ou sem gente ao redor.

Os sanhaços-cinzentos, pardais e bentevizinhos confundem-se com a vegetação das copas das árvores e dos arbustos. Os pombos, completamente integrados à paisagem urbana, não temem a aproximação e andam tranquilos pelos canteiros entre as avenidas, se espalham nas praças. Os bem-te-vis preferem os fios de energia, assim como os anús-brancos, que parecem até desfigurados, com as penas eriçadas, tentando se secar depois da forte chuva de verão que caiu naquele ponto. Na região da rodoviária, onde ainda há vegetação mais densa, os anús-pretos e graúnas cumprem o mesmo ritual.

Eles são tantos e tão comuns que já fazem parte do cotidiano. Em muitas metrópoles urbanas, essas são quase todas as aves que se pode ver, além de andorinhas, urubus e alguns pássaros migratórios. Será possível que daqui a algumas décadas sejam estes os únicos pássaros com os quais o homem vai conviver? Apenas uma limitada amostra de aves que conseguiram se adaptar ao ambiente urbano?

Para o biólogo E. O. Wilson (2006), a redução de habitats deve eliminar a maior parte da diversidade sobre a Terra. Isto deve ocorrer devido a uma série de fatores ligados a ações antrópicas: urbanização crescente, ocupação de territórios para produção de alimentos, poluição, espécies invasoras, superpopulação humana e exploração excessiva por meio da caça, pesca e coleta. Ele afirma que o planeta entrou no seu sexto ciclo de extinção em massa e, como vimos no capítulo anterior, agora a raça humana é a principal responsável pela mortandade.

Até o final deste século, esse surto de perdas permanentes deve atingir, se não for controlado, um nível comparável ao do final da Era Mesozóica. Entraremos então em uma era que tanto os poetas como os cientistas talvez queiram chamar de Era Eremozóica ou Idade da Solidão. Teremos feito tudo isso sozinhos, e conscientes do que estava acontecendo (Wilson, 2006, p. 79).

Em Cuiabá, descobri que a pressão ambiental parece estar gerando um efeito inverso. Se é possível que as gerações futuras vivenciem um verdadeiro isolamento em relação às outras espécies, hoje diversos animais silvestres estão se adaptando à vida na cidade.

4.2 Animais silvestres urbanos

Como moradora de Cuiabá, já conhecia as rotas de algumas aves que vivem entre o Rio Coxipó e o Zoológico da Universidade de Mato Grosso, principalmente garças brancas e biguás. Nas regiões próximas aos rios a diversidade é maior: frangos-d'água, socós e socós-boi podem aparecer. Periquitos e maitacas cruzam o céu em bandos

No São Gonçalo Beira-Rio - uma comunidade tradicional de pescadores e ceramistas, que hoje é ponto turístico, com diversos restaurantes especializados em culinária regional – descobri uma casa peculiar. A poucos metros da construção, havia uma pequena lagoa, na qual, diariamente, uma Garça-real ia se alimentar. Os moradores da residência me viram observando a ave mais de uma vez, mas nunca fizeram menção de falar comigo.

Um dia, uma vizinha se aproximou e comentou que era comum as pessoas irem até o bairro para comer peixe, beber cerveja e ter mais contato com a natureza, inclusive para olhar os pássaros, como eu estava fazendo. Acredito que, por isso, ninguém se preocupou com uma desconhecida observando fixamente o quintal da casa.

Na região do Porto, seguindo pelas margens do rio Cuiabá encontrei relatos de iguanas gigantescos, que ficariam nos estacionamentos das universidades particulares Unirondon e Unic Barão. Todas as menções eram de pessoas que “ouviram falar”. Um professor da Unic Barão me contou que realmente viu uma iguana muito grande no estacionamento, mas anos atrás, em 2005. Não se tratava, no entanto, de uma lenda urbana. Uma notícia de 2015 trouxe o registro de um iguana atravessando a Avenida Historiador Rubens de Mendonça em pleno horário do *rush* (IGUANA É..., 2015, p. 1).

Descobri que lagartos aparecem também na região do Jardim Europa, que faz margem com um trecho do Rio Cuiabá. Encontrei um funcionário de uma universidade da região que criava pequenos lagartos dentro da sala de trabalho, um laboratório de rádio. Quando entrei no local, me surpreendi ao ver um lagarto imóvel, na parede. Em um primeiro momento, achei que era um bicho de plástico e que o rapaz estava brincando comigo. Tratava-se, na verdade, de um filhote de iguana que ele “resgatou” dentro do prédio e levou para sua sala, para se recuperar.

O pequeno réptil foi parar na internet, onde ilustrou, no *Facebook*, a foto de perfil do seu tutor provisório. O homem me disse que algumas pessoas nem percebiam a presença do bicho, enquanto outras se assustavam ou sentiam nojo. Uma parcela pedia para tirar fotos com o filhote, registros que iriam parar nas redes sociais. Eu mesma acabei com o filhote nas mãos durante tanto tempo que o animal até cochilou entre os meus dedos. Logo, outro rapaz que estava na sala sugeriu que eu também tirasse uma foto com o animal e colocasse o registro no *Instagram*.

No bairro Santa Rosa, macacos de pequeno porte ganharam abrigo nas mangueiras que existem em diversas casas e circulam tranquilamente entre os fios de energia. Uma moradora me afirmou que eles vêm do Parque Mãe Bonifácia, uma área de preservação que próxima. Fiquei sabendo que os macaquinhos viraram astros de filmes caseiros ou de fotos – todos prontamente postados nas redes sociais. Ela me disse que é uma maneira de mostrar aos amigos que eles “existem” e que é muito comum os amigos, especialmente de outras cidades, duvidarem da presença de símios no espaço urbano.



FOTOGRAFIA 7 – Iguana atravessa Avenida de Cuiabá

Fonte: Reprodução/TVCA. Cuiabá. 2015. Iguana fotografado ao atravessar a Avenida

Historiador Rubens de Mendonça.

Macacos são comuns também no Jardim das Américas. Cheguei a conhecer pessoas que sofriam com a invasão dos animais em suas casas. Eles entravam para roubar comida ou simplesmente bagunçavam alguns cômodos. Uma moradora de uma casa perto do zoológico da UFMT, que fica ao lado, me contou que foi preciso fazer uma despensa do lado de fora da casa, guardando os alimentos em uma pequena edícula, com a porta trancada. “Daí sabe o que aconteceu? Um dia cheguei em casa e eles tinham tirado as telhas e entrado pelo teto na despensa! Agora, guardo tudo trancado no armário” (informação verbal)¹¹, ela disse, mostrando armários de aço com fechaduras a chave.

Na região do Jardim Florianópolis, visualizei a seguinte placa pendurada em uma árvore: *Cuidado com o macaco*. Ninguém soube me dizer quem pendurou a placa, apenas que o animal que vivia ali tinha o hábito de morder as pessoas. Perguntei se ele atacava os passantes, mas ele só faz isso com as pessoas que chegam perto e tentam pegá-lo.

No Parque Mãe Bonifácia, por diversas vezes, vi pessoas tentando se aproximar dos macacos, oferecendo comida. Muitas tinham câmeras de celular nas mãos e estavam em busca de uma foto. Mais de uma vez, vi pais tentando registrar os filhos interagindo com os macacos, apesar das placas de advertência e dos riscos de serem atacados pelos animais. Acredito que o macaco do Jardim Florianópolis talvez fosse vítima dessa mesma obsessão. Um morador me disse que tinha gente que queria levá-lo para casa. Alguns meses depois, a placa sumiu. Quando fui buscar informações apenas me disseram que o macaco não estava mais aparecendo no local.

Devido às informações que recebi do jardineiro, a região do Centro Político Administrativo - CPA - onde se concentram quase todos os prédios públicos da capital: Palácio do Governo, secretarias de estado, Tribunal de Justiça, Ministério Público Estadual, Defensoria Pública, Tribunal de Contas, entre outros - tornou-se um dos pontos principais da etnografia enquanto mapeava as relações entre pessoas e os animais silvestres.

¹¹ Informação verbal fornecida para a pesquisa em fevereiro de 2015.

Em Cuiabá, um longo histórico de descaso ambiental contribui para tornar a cidade ainda mais inóspita aos bichos. O CPA é o retrato mais bem acabado dessa realidade. O que poderia muito bem se tornar um grande parque tem apenas algumas pequenas áreas de preservação ambiental e os terrenos acabaram virando uma moeda de doação do Governo, que retalhou o espaço e entregou lotes para sindicatos, associações e entidades variadas.



FOTOGRAFIA 8 - Filhote de Iguana

Fonte: autor desconhecido. Cuiabá. 2014. O filhote de lagarto, recolhido e criado dentro de uma sala de aula, passou um longo tempo mãos da pesquisadora. Acostumado com o contato humano, ele não tentou fugir.

Em uma entrevista com o historiador Aníbal Alencastro, descobri que a região do CPA é uma área de nascentes, que deveria ter a vegetação preservada até mesmo para a manutenção dos estoques hídricos. Ele contou que a cidade era muito mais fresca antigamente, quando havia mais árvores e os cursos d'água ainda não tinham sido atingidos pela urbanização. Nas suas memórias de infância e adolescência, uma imagem marcante era a farda escolar, composta de calça e

camisa compridas. “A gente não sentia calor. Hoje, ninguém aguenta ficar com uma roupa dessas no centro da cidade” (informação verbal)¹².

Em vez de projetos de conservação o que surge, frequentemente, no CPA são placas de “em breve” anunciando a derrubada de mais vegetação. “Em breve, aqui será o Sindicato dos Profissionais de Enfermagem”. “Em breve, aqui será a Casa do Corretor de Imóveis”. O jardineiro, que viveu desde criança na região do CPA, afirmou que havia muitas chácaras na região até o fim do século passado e que a fauna local incluía mamíferos como jaguatiricas.

No meio da visão das construções no CPA, eu me perguntava o que acontecia aos animais que perdiam seus lares para o crescimento imobiliário da cidade. Boa parte deles continuava ali mesmo, construindo seu espaço na selva urbana. Primeiro, descobri os jacarés, que podem ser encontrados na sede da Procuradoria de Justiça e em outros locais próximos.

4.3 É bem Mato Grosso

No prédio da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso - FIEMT, bem na avenida principal do CPA, a Av. Historiador Rubens de Mendonça, uma das maiores da cidade, um jovem jacaré-do-Pantanal é considerado visitante ilustre. Já fez várias aparições e, segundo uma funcionária do local, é saudado com câmeras fotográficas. Ela destacou que coisas assim “só acontecem em Mato Grosso” (informação verbal)¹³. Essa moça me contou que suas fotos do Jacaré tiveram uma grande repercussão no *Facebook* e aceitou ser entrevistada.

“Quando eu entrei no trabalho, ele... eu sou paulista, né? (risos) Foi logo, tipo, um mês depois, todo mundo falando: ‘ah, ele apareceu, ele apareceu’. Aí, eu falei: “ele quem?” “O jacaré”. Eu falei: “um jacaré?” Aí, eu fui lá para ver o que que era, porque para mim era muito diferente, né? E aí, eles me mostraram que um jacaré lá, tal, que sempre aparecia. Só que não era o mesmo jacaré. E eu falei: “mas como assim? Cria jacaré aqui?” Porque aquela história de paulista, né?”

“Bem na Avenida do CPA, né?”

¹² Alencastro, em entrevista concedida em 2012.

¹³ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

“Pois é. Aquela história de que paulista vai ver jacaré atravessando a rua é verdade mesmo? Eu até brincava. Mas falaram que não, que atrás do meu trabalho tem um terreno baldio... baldio, não... tem um terreno que ele é uma APP, uma área de proteção permanente e dentro, eu não tenho certeza, mas me falaram que lá dentro dessa APP tem uma nascente”.

“Ali é área de nascentes”.

“Pois é. E aí me falaram que aquele terreno ali, ele não pode ser mexido, não pode nada”.

“E aí dentro do terreno do seu trabalho?”

“É atrás do terreno. O meu trabalho acaba... coloca um muro, depois, atrás desse muro, é uma APP. Então, ali, provavelmente, é um criadouro de jacaré. Provavelmente. Mas nunca apareceu mais de um. Sempre que aparece, aparece... eles aparecem principalmente em dia de chuva e aí eles ficam dentro da tubulação, porque lá tem uns buracos assim que aparece lá embaixo toda a tubulação. Então, eles aparecem, ficam lá um tempo e depois entram de novo na queda d'água”.



FOTOGRAFIA 9 – Jacaré-do-Pantanal no estacionamento da FIEMT

Fonte: Reprodução *Facebook*. *Cuiabá*. 2014 Jacaré-do-Pantanal fotografado no estacionamento da Federação das Indústrias do Estado de Mato Grosso, na Avenida do CPA, uma das maiores da cidade. O animal já é conhecido dos funcionários.

“E você, assim, quando o pessoal vê, o pessoal vai atrás pra ver o que é?”

“Não! Eles, na verdade, todo mundo já sabe, todo mundo é meio acostumado a aparecer”.

“E o povo vai lá e fica vendo?”

“É, fica vendo.”

“E o jacaré, faz o que?”

“Nada, fica parado o tempo todo. Nada. Toma sol. Em dia de chuva ele fica ali para tomar água mesmo, porque tem uma queda d’água, que é da tubulação, ele fica ali embaixo, tomando água...”

Nesse momento, minha cachorra interrompe a entrevista, colocando a pata sobre a perna da entrevistada para pedir atenção. Eu a repreendo, mas a moça demonstra que não se importa.

“Deixa, deixa... ele fica ali tomando, tipo, um banho mesmo o dia inteiro e final da tarde, geralmente cinco e meia, seis horas da tarde, ele vai embora.”

“Comportamento de um jacaré no Pantanal mesmo...”

“Exatamente assim. Então, todo mundo já, ninguém mais tem medo, todo mundo já sabe. Mas ainda assim é inusitado, porque tem empregados novos”.¹⁴

A poucos minutos a pé da FIEMT, está a sede das Promotorias de Justiça, onde outro animal símbolo do Pantanal decidiu fincar os pés. Como um sinal de resistência, um casal de Tucanuços construiu seu ninho na caixa d’água do prédio. Nos percursos pela cidade, já havia avistado estas aves algumas vezes, mas sempre cruzando céu. Foi o jardineiro quem me avisou que seria possível vê-las bem de perto se conseguisse autorização para entrar no estacionamento do prédio durante o fim de semana.

Antes mesmo de conseguir o passe para ir ao local, descobri que as duas aves eram celebridades do *Facebook*. Integrante da família *Ramphastidae*, o Tucanuçu tem como nome científico *Ramphadyod toco* e também é chamado de

¹⁴ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

Tucano-boi, porque seu canto muitas vezes parece o mugido de um boi (ANTAS, 2009, p. 157).

Os tucanos são, junto com araras e papagaios, um dos símbolos mais marcantes das aves do continente sul-americano. Seu colorido, o formato e tamanho do bico chamam a atenção com facilidade, tornando-os inconfundíveis. O tucanuçu é o maior deles, vivendo em todo o Brasil Central e partes da Amazônia. No Pantanal está a sua maior população (...) (ANTAS, 2009, p. 157).

Todas as pessoas com quem conversei sempre falavam dele com fascinação. A maioria relatava as tentativas de fotografá-lo ou de chegar perto. A conversa abaixo é somente um dos muitos relatos que registrei a respeito deles: “apareceu um tucano no muro de casa! Eu olhei para ele e pensei ‘eeeeeh!’ Aí, fui correndo pegar o celular, cheguei na cozinha bem devagarzinho, mas não deu tempo de tirar a foto”.¹⁵

Descrever a beleza de um animal não é algo muito bem visto em um trabalho acadêmico porque envolve subjetividade. Tecnicamente, eu poderia descrever o Tucanuçu como uma ave desproporcional.

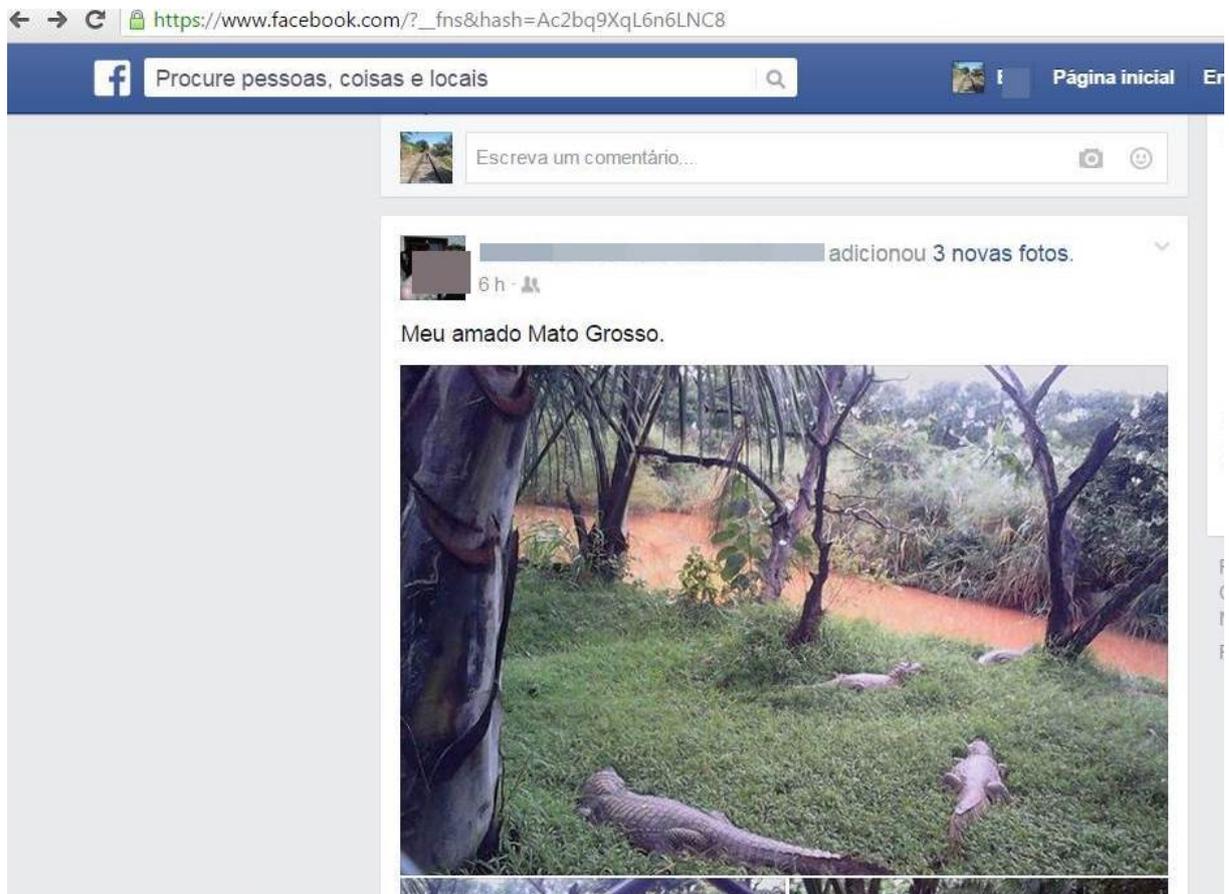
O bico corresponde a quase metade do tamanho do tucanuçu, destacando-se pela sua cor amarelo-alanranjada com algumas faixas avermelhadas e grande mancha negra na ponta (no adulto...). Apesar do tamanho é muito leve, devido à estrutura interna, onde existem grandes espaços vazios. O tucano usa-o com grande habilidade, apanhando desde pequenas presas até separando pedaços de alimentos maiores. Suas bordas são serrilhadas e a força do tucano corresponde ao seu tamanho. Para ingerir o alimento, lança-o para trás e para cima, em direção à garganta, enquanto abre o bico para o alto (ANTAS, 2009, p. 157).

As descrições de manuais, no entanto, falham em explicar o que faz do tucanuçu uma ave tão impressionante. Na verdade, nem mesmo as fotos se comparam à visão do animal. Em primeiro lugar, as penas tem uma cor muito vibrante, a parte branca chega a parecer uma pelúcia e a parte negra é brilhante, chamativa. O bico amarelo tem detalhes que parecem pintados à mão e os olhos negros e azuis, rodeados por uma plumagem amarela são bastante expressivos.

Alguém poderia acreditar que eles são desengonçados. Na verdade, cruzam o céu como setas, com uma agilidade impressionante. O modo como se alimentam, descrito acima, é de uma habilidade graciosa – nas visitas praticamente diárias que fiz durante anos ao Zoológico da cidade testemunhava o encantamento das pessoas com o modo como eles jogavam as rodela de bananas para o ar e depois

¹⁵ Informação verbal concedida em março 2015.

apanhavam com o bico. Apesar de tanto carisma, estão entre os piores elementos do reino animal, porque são brigões e se alimentam dos filhotes e ovos de outras aves (ANTAS, 2009, p. 157).



FOTOGRAFIA 10 – Meu amado Mato Grosso

Fonte: Reprodução *Facebook*. Cuiabá. 2015. Na rede social *Facebook*, a foto dos jacarés aparece com a legenda “meu amado Mato Grosso”.

Antes de conhecer pessoalmente os tucanuços da Promotoria de Justiça, conversei com muitas pessoas que faziam registros dos pássaros. Os funcionários do prédio fotografavam diariamente os animais e postavam em seus perfis sociais sempre com legendas como “privilégio começar o dia com eles” ou “é bem Mato Grosso” - esta última evocando uma música muito popular no estado, que virou tema de uma emissora de televisão e chama-se “É bem Mato Grosso”. Em comum, todos ressaltavam a beleza deles e o fato de serem criaturas de “floresta”, o que os tornava uma raridade distintiva do prédio em que trabalhavam.

Uma funcionária me disse que se considerava “abençoada” por passar o dia em um lugar em que tinha tal proximidade de animais “selvagens” (informação verbal)¹⁶. Ela contou que morava em um edifício recém inaugurado no bairro Coxipó e que lá, também, apareciam tucanos-boi com muita frequência, até mesmo na sacada da sua varanda. Tanto a sede das promotorias quanto o condomínio de apartamentos eram construções recentes, que provocaram desmatamento. Era possível que os tucanos estivessem apenas voltando para lugares que sempre frequentaram e tentando se adaptar aos novos vizinhos.

Quando finalmente entrei no estacionamento do prédio, em uma manhã de sábado, bem cedo, pude entender um pouco mais do encanto provocado pela ave. Eu já havia visto tucanos em diversas situações, tanto em cativeiro quanto em liberdade, já havia ficado tão próxima deles que alguns, resgatados do tráfico, até me deixaram fazer carinho. Mesmo assim, eles eram visualmente impressionantes. Um guarda do local me disse que as duas aves saem bem cedo, em direção ao Batalhão do Exército, que fica em frente e tem mais árvores. Quando estão no estacionamento da Promotoria, ficam no telhado do prédio e na caixa d’água, sempre distantes dos seres humanos.

No dia da minha visita, encontrei os dois bem perto, no gramado do estacionamento, provavelmente porque era fim de semana e o local estava vazio. Um voou ao me ver, mas o outro se escondeu em uma árvore ao meu lado e ficou um bom tempo me observando. Quando finalmente estava cansado de mim, ele se aproximou do companheiro (a) e voaram para o outro lado do prédio. Ali, desmoronou a visão romântica do animal silvestre convivendo em harmonia com os humanos. Durante longos minutos, vi a agonia de um dos animais, que começou a enfrentar seu próprio reflexo espelhado pela fachada envidraçada. Ele abria as asas, fazia barulhos e jogava as garras contra sua própria imagem, sem nunca conseguir pegar o inimigo – como eu disse, eles são brigões.

A cena, que me deixou muito incomodada, foi relativizada pelo guarda. Quando comentei o sofrimento do bicho, ele achou graça. “Isso aí é igual galo de briga. Você já pôs um galo de briga na frente do espelho? Cachorro também faz isso se você botar na frente do espelho, não é nada demais” (informação verbal)¹⁷.

¹⁶ Depoimento concedido em novembro de 2013.

¹⁷ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

Como nunca fiz nenhuma das duas coisas, só me restou observar os dois tucanos se afastando para um lugar mais tranquilo – ou seja, longe da minha presença.



FOTOGRAFIA 11 - Tucano briga com o próprio reflexo

Fonte: Eveline Baptistella. Cuiabá. 2014.

4.4 Os invasores

Na literatura ecológica, o termo espécie invasora é utilizado para definir animais e plantas que saem das suas áreas de distribuição natural e se proliferam em novos ecossistemas de forma a comprometer o equilíbrio original dos locais que passaram a ocupar. Temos o exemplo do impacto de uma simples formiga fora do lugar:

A formiga fogo-vermelho (*Solenopsis invicta*) mata aves domésticas, lagartos, serpentes e aves que nidificam no solo; só no Texas, estima-se que os danos à pecuária bovina, à vida selvagem e à saúde pública cheguem a aproximadamente 300 milhões de dólares por ano, além de 200 milhões de dólares gastos no controle (TOWNSEND; BEGON; HARPER, 2010).

Quando pesquisava as ocorrências de animais silvestres em áreas urbanas, uma espécie invasora foi citada de forma recorrente: o ser humano. Uma servidora do Ministério Público, por exemplo, afirmou que foram eles (os funcionários do prédio) que tomaram o lugar dos tucanos e por isso todos tinham que tratar muito bem aqueles que moravam ali.

Mas quando citei a angústia que os tucanos deviam sentir ao brigar com o próprio reflexo, ela disse que era difícil conciliar a beleza do prédio com o bem-estar dos animais e indicou construções próximas que eram “muito feias”. Depois, esclareceu que o tratar muito bem era deixar que eles continuassem vivendo no local, apesar de agora aquela ser uma unidade de atendimento público e por fim mudou de assunto, perguntando se eu tinha algum cachorrinho.

Em um evento em uma propriedade rural, mas ainda dentro do que é considerado perímetro urbano, pude presenciar a filosofia do homem invasor de uma forma mais favorável aos bichos. Era um festejo, um grande número de pessoas lanchava. Eu não conhecia ninguém no local e entrei na festa como convidada de uma convidada, sem que soubessem meu interesse em ver os animais que transitavam naquela região. De repente, um convidado pegou o microfone da aparelhagem de som e avisou: “cuidado, pessoal, não se aproximem da cerca, porque a cobra que está lá é extremamente venenosa”.

Quando olhei na direção da cerca, vi um bando de crianças gritando e um homem que tentava espantar o animal. Desobedecendo ao locutor, fui em direção à cerca. A cobra era pequena, fininha e extremamente agressiva. O homem tentava afastá-la usando um boné e o bicho pulava e mostrava os dentes. Tentava atacar. Pelo comportamento do ofídio, achei que se assemelhava muito a uma caninana, um tipo de cobra que morde, mas não tem veneno.

Fiquei admirada com a coragem do homem, que se esforçava para encaminhar o animal para um ponto mais afastado do gramado, onde havia um córrego. Algumas vezes, achei mesmo que ele seria picado pela cobra e fiquei intrigada em ver uma pessoa se arriscar tanto. Em um certo momento, ele me olhou bem nos olhos, me dei conta que eu era a única outra adulta no local. De resto, havia só crianças berrando, excitadas com o comportamento desafiador da serpente. Aquele olhar se assemelhava muito a um pedido de socorro, logo verbalizado. Ele me disse que as crianças estavam estressando a cobra e que assim não seria possível fazer nada.

Comecei a dispersar os garotos, mandando todos voltarem enquanto o homem saiu atrás de um graveto comprido para pegar a cobra. Nesse meio tempo, surgiu um carro e quase passou em cima do animal. Quando os ocupantes do veículo desceram, as crianças remanescentes começaram a gritar sobre os perigos

da cobra. A motorista decidiu acabar com o problema. Pediu indicações para posicionar o carro de forma a atropelar a pequena serpente.

Eu, fracassando como espectadora que deveria ser imparcial, comecei a gritar desesperada para a mulher não matar o animal. Não fui ouvida. Mas aquela cobra tão disposta a brigar mostrou sua verve de novo. No último minuto desviou da roda do carro e eu menti para a motorista, avisando que a cobra estava morta. Ela fez um sinal de joia com as mãos e arrancou para fora da propriedade. Com o carro já distante, o homem reapareceu e conseguiu levantar o bicho com uma vara e a jogou na beira do córrego.

Só então me dei conta do contrassenso naquele comportamento. Se a cobra era tão perigosa porque ele havia se sacrificado tanto para salvá-la? Meus motivos eram puramente emocionais. Simpatizei imediatamente com aquela criatura frágil e minúscula que se comportava como um cão selvagem e enfrentou a multidão de crianças como se não tivesse a menor consciência da própria fragilidade. Mas e o trabalhador rural? Ele morava ali, corria o risco dos próprios filhos serem picados pelo animal venenoso.

“Porque o senhor não matou ela?”

“Ora, porque aqui é o espaço dela. É a casa dela, não vou matar. Esse povo todo é que tá de intruso aqui hoje, né?”

“Mas o senhor não tem medo?”

“Medo de que?”

“Dela atacar um de vocês.”

Nesse momento, ele deu uma sonora gargalhada.

“Moça, isso aí é uma cobra cipó, ela não tem veneno nenhum. Só falei isso para espantar as crianças, o povo, e poder tirar ela dali.”

“Se fosse venenosa, o senhor matava? ”Graças a Deus não era. A gente é que invade o lugar do bicho, a gente tem que pensar nisso”. (informação verbal)¹⁸

No Fórum da capital, que fica no prédio ao lado, as vítimas da ocupação humana eram as jiboias. Em uma das vezes em que passei na frente do prédio encontrei três pessoas olhando a copa de uma árvore. Tentei me juntar ao grupo, mas eles se dispersam antes que eu chegasse mais perto. Um dos rapazes me disse que estavam tentando encontrar uma cobra, mas que não havia nada. Nesse

¹⁸ Depoimento concedido em abril de 2015.

caso, não encontrei nenhuma referência a fotos nas redes sociais, apesar de ter visto um dos homens apontando a câmera do celular para a árvore enquanto me dirigia até lá.

Uma funcionária do Fórum me disse que somente no dia anterior apareceram duas e que elas surgem depois das chuvas fortes. A mulher me contou que somente na primeira semana do ano, foram quatro episódios. “Ainda bem que é jiboia, que não tem perigo nenhum. O guarda mesmo tira elas e leva lá para trás, que é mais afastado” (informação verbal)¹⁹. Quando perguntei o motivo de ninguém ter medo da jibóia, ela me explicou que a cobra não pica, ou seja, não é peçonhenta, e por isso não representa perigo para os humanos. Ela apresentou o seguinte argumento:

“Não podemos matar. Somos nós que estamos invadindo o espaço delas.”

“Mas e se fosse uma cobra venenosa?”

“Aí, a gente ia ter que ver, né? Porque aí é diferente.”

“O que você acha de deveria ser feito?”

“Aí, eu não sei. Teria que ver (informação verbal).”²⁰

As respostas evasivas eram muito comuns. Nesse caso, a funcionária havia tecido todo um discurso ambientalista e parecia não querer verbalizar o óbvio: que se a cobra fosse peçonhenta, receberia um tratamento diferente. O mesmo aconteceu com o trabalhador rural que salvou a cobra-cipó. Quando eu insisti sobre a opinião dela no caso da cobra ser venenosa, ela desconversou mais uma vez e começou a contar histórias sobre a própria cadelinha.

A mulher acabaria virando uma informante regular, que chegou até mesmo a me convidar para sua casa devido à aparição de um bicho, uma coruja buraqueira, que já estava há muitas horas nas vigas da cobertura do quintal. Ela pediu para que eu levasse a câmera para tirar fotos, mas também queria ajuda, pois achava que o animal estava doente.

¹⁹ Depoimento concedido em janeiro de 2015.

²⁰ Depoimento concedido em janeiro de 2015.



FOTOGRAFIA 12 – Coruja buraqueira no quintal de uma casa

Fonte: Eveline Baptistella. Cuiabá. 2015. A coruja buraqueira que encontrou abrigo na viga de uma casa no Parque das Nações. As aves são motivo de conflitos entre vizinhos.

Mesmo sabendo que não era a pessoa indicada para resolver o problema, fui até o local. Uma vizinha que ficou sabendo do drama, disse que era habitual as corujas fazerem pouso durante o dia nas vigas do quintal dela também e que isso era normal. Novamente, surgiu o argumento de que “nós tomamos o espaço dos animais”. A mulher me disse que ali havia muitas famílias de corujas antes da construção das casas e que elas deviam ser respeitadas.

No entanto, os animais eram fonte de conflito entre vizinhos naquela região, o bairro Parque das Nações, que foi criado há menos de dez anos para receber um conjunto de três condomínios de casas e sete de apartamentos. Dois outros moradores da área narraram fatos parecidos envolvendo as aves: elas tinham o hábito de dar rasantes sobre cães de pequeno porte. Uma entrevistada disse que precisava passear com seu cachorrinho agitando uma sacola no ar para evitar o ataque das corujas.

Outro informante narrou brigas nas reuniões de condomínio em torno da questão. Ele disse que só houve um consenso sobre não matar os animais quando alegou que as corujas caçavam ratos e, por isso, contribuía para a saúde coletiva.

“Agora, somos um santuário das corujas. Nossas corujas são as mais bonitas do bairro”. Em complemento, fui apresentada a uma enorme coleção de fotos de corujas que ele havia feito com o celular. Não encontrei consonância entre o discurso de respeitar os animais silvestres urbanos e a própria realidade de Cuiabá. Ouvi e vi muitas declarações de afeto a esta classe de bichos mas não encontrei nenhum caso em que, efetivamente, houve mudanças de padrões para garantir o bem-estar deles. Os gestos pontuais, como a defesa das corujas ou a manutenção da vida das cobras não peçonhentas, até confirmam mudanças de mentalidade, mas eram manifestações individuais – o morador que lutou para proteger as corujas ressaltou que era “maluco por corujas” desde pequeno. Além disso, foram episódios em que a proteção dos animais não comprometia os interesses humanos.

As corujas não matavam os pequenos cãeszinhos ou bicavam seus tutores. Elas podiam ser afastadas com expedientes simples e ainda funcionavam como controle de pragas. As jiboias e a cobra-cipó não representavam risco para a segurança dos humanos. Mesmo assim, a motorista que tentou atropelar a cobra não considerou nem por um segundo as implicações de matar o ofídio. Era de se imaginar que a cobra gostaria de ficar viva tanto quanto qualquer um de nós, mas é provável que este pensamento nem tenha passado pela cabeça da mulher.

Singer (2010, p. 11) afirma que temos a tendência a priorizar o bem-estar da nossa própria espécie e desconsiderar os interesses dos outros animais. O autor chama este comportamento de especismo, um termo equivalente ao racismo.

Assim como a maioria dos seres humanos é especista por se dispor a causar dor a animais por motivos pelos quais não causaria dor similar a seres humanos, a maioria é especista, também, por se dispor a matar um animal nas mesmas circunstâncias em que se negaria a matar um ser humano (SINGER, 2010 p. 27).

Singer (2002, p. 70) considera que esta preferência é “moralmente indefensável”. Penso que por isso as pessoas com quem conversei se esquivavam de perguntas desconfortáveis, que poderia expor as incongruências entre seu discurso e seu modo de agir.

4.5 Uma questão de imagem

Pouco tempo depois da minha visita ao Parque das Nações, fui chamada novamente para voltar ao bairro. A vizinha da informante conseguiu meu telefone e queria me avisar sobre uma coruja que estava no quintal da sua casa. Disse que poderia “ajudar na pesquisa”. Na casa desta outra mulher, realmente consegui belas fotos de coruja e algumas informações interessantes. Com indicações dela, percorri o restante do bairro e encontrei, além de mais corujas, urubus-de-cabeça-vermelha, gaviões e gaviões-bombachinha. Ao percorrer o bairro às seis da manhã de um domingo, encontrei, inclusive, um casal de tucanuços em cima de um dos prédios.

No entanto, percebi que o interesse da moradora era na minha câmera profissional. Ela revelou que queria mostrar as corujas para amigos, mas que a câmera do celular tinha baixa qualidade de imagem. Em alguns momentos, chegou até mesmo a orientar que ângulos eu deveria fazer nos registros e criticou alguns enquadramentos que escolhi, como se fosse uma diretora de imagens e eu uma fotógrafa contratada.

Notei que o registro de fotos e vídeos de animais silvestres em espaço urbano era recorrente entre as pessoas com quem falei ou observei. Busquei entender porque as pessoas gastavam tanto tempo ou corriam até mesmo riscos por causa de uma foto. Um ponto em comum era o objetivo de divulgar as cenas em alguma rede social, especialmente o *Facebook* e o *Instagram*. Para elas, estar perto desses bichos trazia uma característica distintiva tanto à cidade de Cuiabá, quanto a si mesmas.

Berger (1991, p. 5) fala do abismo de não-compreensão que envolve a troca de olhares entre um ser humano e um animal não-humano.

Os olhos de um animal quando ele contempla um homem são atentos e cautelosos. O mesmo animal pode muito bem olhar para outras espécies da mesma maneira. Ele não reserva um olhar especial para o homem (BERGER, 1991, p. 4 – 5, tradução nossa).²¹

Percebi que a ideia de romper esse abismo exerce um fascínio sobre as pessoas. Interagir com um animal que habitualmente não se relaciona com

²¹ The eyes of an animal when they consider a man are attentive and wary. The same animal may well look at other species in the same way. He does not reserve a special look for man.

humanos, ou melhor, que não seja de estimação nem alimento, aparece como uma característica especial – conforme uma informante me disse “eles só se aproximam de quem eles querem, não vão com qualquer um”²².

No entanto, muitas vezes é claro que interagir com um animal não significa entendê-lo nem romper barreiras. O abismo de não-compreensão de Berger permanece. Quando interagimos com um animal – até mesmo com um animal domesticado – estamos, dos dois lados nos jogando em um precipício escuro. Lá, no fundo, pode haver um oceano azul ou uma floresta de espinhos.

Para refletir mais sobre esse fascínio, trago aqui o relato do caso do menino Vrajamany, que teve o braço arrancado por um tigre, no dia 30 de julho de 2014, durante uma visita ao zoológico de Cascavel, no Paraná. O episódio foi destaque na imprensa do Brasil inteiro e também nas redes sociais, não apenas pelo ataque em si, mas porque também havia uma boa quantidade de vídeos do menino brincando com o Tigre Hu e com outros animais potencialmente perigosos, como o leão do estabelecimento. Além disso, foram feitas cenas do menino logo depois do ataque, sendo amparado pelo pai e socorrido pelo Serviço de Atendimento Médico de Urgência.

As imagens veiculadas no *You Tube* e na imprensa mostravam o menino na área proibida, sendo incentivado, pelo pai, a dar ossos de galinha para o leão do zoológico. O adulto falava “dá a patinha” para o felino, como se ele fosse um gato, enquanto o menino instigava o animal. A voz de uma mulher ao fundo afirma que o menino é muito corajoso, mostrando a admiração envolvendo o que, na verdade, era um comportamento perigoso.

Havia pelo menos três vídeos amadores do menino brincando com os felinos do zoológico. Ou seja, a interação despertou a atenção de pessoas que sequer conheciam o garoto. Em uma entrevista para uma emissora de TV, um rapaz afirmou que achou o comportamento do garoto perigoso e chegou a alertar o pai do menino. Porém, em vez de tomar uma medida mais drástica, a testemunha apenas se conformou em filmar Vrajamany já em outro recinto, diante do tigre Hu (TIGRE..., 2014).

O menino colocava as mãos dentro das grades e chegava a encostar nos animais. Em um descuido, Hu agarrou o braço de Vrajamany e dilacerou o membro,

que foi amputado. Marcos do Carmo Rocha, pai do garoto, afirmou à polícia civil que não viu o filho se aproximando dos recintos do leão e do tigre. Mas poucos dias depois, no programa Fantástico, decidiu revelar a verdade. Entre lágrimas e lamentos, ele justificou: “As pessoas que estavam em volta se envolveram, de uma certa forma como uma coisa bacana, curtindo a situação. Eu fiquei meio... né? Vacilei”, diz Marcos, pai do garoto” (TENTEI FAZER..., 2014, p. 1).

Quem consegue atravessar a barreira da linguagem e das diferenças de habilidades entre humanos e não-humanos é visto de forma diferente. Por isso, o menino Vrajamany atraiu tantas câmeras no zoológico. Por isso, as pessoas se preocupam tanto em mostrar publicamente, por meio de fotos, a presença destes animais silvestres no seu cotidiano. No entanto, nem sempre as interações saem como esperado. Os vídeos que poderiam ser registros curiosos sobre um menino que brincava com predadores se transformaram na documentação de uma tragédia.

Durante a etnografia, pude perceber que romper esse abismo de compreensão e se relacionar com os animais silvestres que aparecem no espaço urbano é algo almejado e admirado. É também um diferencial a ser exibido nas redes sociais, pois são imagens que atraem muita atenção. Conforme uma adolescente de 14 anos me explicou, a vida é uma luta por *likes* – ou seja, por conseguir “curtidas” nas páginas das redes sociais – e todos que tem que apresentar algo especial para continuar em evidência. “Quem você acha que é melhor? A minha prima tomando café no *Starbucks* ou eu assim, ó, do ladinho de um tucano?” (informação verbal)²³.

O movimento funk tem uma corrente chamada “ostentação”, na qual os artistas exibem joias, roupas de grife, carros caros e mansões luxuosas. Na relação entre humanos e não-humanos as fotos exibidas nas redes sociais e nas conversas cotidianas funcionam exatamente como elementos de ostentação.

Uma idosa, moradora do bairro Praierinho, resumiu essa condição ao conversar comigo para saber porque eu estava tirando fotos naquela região. Quando eu falei apenas que estava fotografando animais, ela respondeu que tinha pena de pessoas como eu, que precisavam andar pela cidade procurando os bichos, enquanto ela tinha um casal de tucanos que comia mangas diariamente no quintal da sua casa. “É uma coisa que não é para qualquer um. Não é só lugar em que a

²³ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

gente mora não, fia, é a gente também que tem essa coisa de atrair o animal” (informação verbal)²⁴.

Thomas (2010, p. 350) lembra que com o surgimento das cidades, o campo começou a ser cada vez mais um espaço idealizado.

Foi, por certo, a intensificação de uma aguda separação entre cidade e campo, mais nítida que qualquer coisa que possamos encontrar na Idade Média, o que encorajou esse anseio sentimental pelos prazeres rurais e a idealização dos atrativos espirituais e estéticos do campo (THOMAS, 2010, p. 354).

O autor ressalta que esse ideário permaneceu vivo e pode “...ser visto nas imagens do campo tão utilizadas para anunciar bens de consumo; e no vago desejo de tanta pessoas de findar seus dias em uma cabana no campo” (THOMAS, 2010, p. 359). As fotos que mostram animais pertencentes a fauna pantaneira dentro do cotidiano da capital sugerem, então, que os habitantes de Cuiabá estão, sim, em uma grande cidade, mas uma grande cidade diferente, na qual é possível dividir espaço com criaturas que já não se encontram em outras regiões do país.

Assim, no contexto urbano, os animais silvestres surgem dentro da categoria de bichos ornamentais. São praticamente elementos visuais, objetos de composição de cenas. O que conta nesta relação é a imagem. A quantidade de sofrimento envolvida na adaptação de um animal silvestre ao espaço urbano bem como as dificuldades que estes bichos devem enfrentar para viver – o que come um jacaré-do-pantanal que se movimenta em tubulações de água e pega sol em um estacionamento? – não fazem parte do pacote “É bem Mato Grosso”. Involuntariamente, tucanos e jacarés, entre outros, são garotos-propaganda de um imaginário sedimentado na vida Cuiabá: a de que a convivência harmônica entre seres humanos e animais silvestres em espaço urbano acontece sem traumas ou prejuízos significativos para os bichos.

Para concluir este capítulo, trago mais um relato de caso, que mostra que, mesmo quando ganham, os animais perdem. As vitórias são momentâneas. Na Avenida Fernando Correa era fácil encontrar japuínas, aves muito comuns no Pantanal. Elas faziam seus ninhos na altura do Rio Coxipó, e até 2012, os ninhos em forma de sacos eram uma característica da paisagem, pois ficavam bem nas árvores da rotatória com a Avenida Beira Rio. Quando a notícia de que aquela vegetação seria totalmente derrubada, um morador da região entrou com uma

²⁴ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

queixa no Ministério Público. Ele pedia providências para que as árvores não fossem derrubadas, já que isso prejudicaria a reprodução das japuínas (MORADOR VAI..., 2012, p. 1).



FOTOGRAFIA 14 – Ninhos de japuínas

Fonte: Kelly Martins/G1. Cuiabá. 2012.

Como o caso foi maciçamente noticiado pela imprensa, o homem e as aves ganharam certa notoriedade local. No entanto, ele não conseguiu salvar as dezesseis árvores em que foram encontrados os ninhos. A denúncia fez apenas com que a derrubada fosse adiada até o fim do período reprodutivo das aves. Quando voltaram àquele ponto do Rio Coxipó em 2013, elas não encontraram mais seu antigo *habitat*.

De volta ao local em março de 2015, encontrei o canteiro de obras do VLT abandonado – governo e empreiteiras estão em guerra e a previsão mais otimista é que a construção só termine em 2018 - e contei seis árvores ainda de pé (CONSÓRCIO VLT..., 2015, p. 1). Em cada uma delas, ninhos de japuínas. Acredito que somente aquele homem pensou no que as aves sentiriam ao voltarem para o lar de tantos anos e encontrarem apenas a terra arrasada.

O espaço dos animais foi respeitado apenas no limite da conveniência humana. Mesmo quando seus interesses são considerados, isso se dá de forma a não ferir as prioridades do desenvolvimento urbano. Se algumas japuínas ainda mantêm ninhos no local é porque a obra foi interrompida. Quando finalmente a

construção do VLT for retomada, elas deverão encontrar outro pouso. De preferência, longe o bastante para não prejudicarem o transporte público e perto o suficiente para continuarem sendo fotografadas e celebradas nas redes sociais.

5. AMIGO BICHO?

5.1 O império pet

O ano de 2015 talvez entre para a história como um dos mais conturbados já vividos no Brasil. Escândalos de corrupção, crise econômica, instabilidade institucional tomam as manchetes dos veículos de comunicação. Neste cenário, a revista *Veja*, publicação semanal mais vendida no país²⁵, tem priorizado capas sobre os problemas enfrentados pelo país, com viés de ataque ao governo. Para interromper essa sequência de denúncias, foi necessário, na edição de 10 de junho, uma revelação bombástica, obtida por meio da análise de dados da Pesquisa Nacional de Saúde, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: os lares brasileiros tem mais cães do que crianças.

(...) o número de cães nos lares brasileiros superou o de pequenos humanos: de cada 100 famílias no país, 44 criam cachorros, enquanto só 36 têm crianças. (...) o resultado do cruzamento de dados saiu apenas na semana passada. Ele apontou a existência de 52 milhões de cães, contra 45 milhões de crianças até 14 anos – uma situação que se assemelha à de países como o Japão (16 milhões de crianças, 22 milhões de animais de estimação) e os Estados Unidos (em 48 milhões de lares há cães; em 38 milhões há crianças). (RITTO; ALVARENGA, 2015, p. 71).

A capa da revista traz dois filhotes de labrador, um bebê e a seguinte manchete: “Ok, vocês venceram!”. A tradução deste fenômeno pode ser feita em números. O chamado mercado *pet* – segmento econômico de serviços e produtos para animais de estimação – faturou no Brasil, somente em 2014, US\$ 7,2 bilhões (RITTO; ALVARENGA, 2015, p. 74). Somente uma nação gasta mais do que nós com os bichos de estimação: os Estados Unidos, com faturamento de US\$ 30,4 bilhões no mesmo período.

Em 2012, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento criou a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva dos Animais de Estimação – ou simplesmente

²⁵ Fonte: ANER - Associação Nacional de Editores de Revistas.

Câmara Pet – reconhecendo a importância do setor para a economia nacional. O documento que anuncia o lançamento do órgão traz uma definição mais ampla do que é um pet:

São animais criados para o convívio com os seres humanos por razões afetivas, gerando uma relação benéfica. Têm como destinações principais: terapia, companhia, lazer, auxílio a portadores de necessidades especiais, esportes, ornamentação, participação em torneio e exposições, conservação, preservação, criação, melhoramento genético e trabalhos especiais. Os principais grupos animais são: aves canoras e ornamentais, domésticas, silvestres e exóticas; cães; gatos; peixes ornamentais e outros (répteis, pequenos roedores, pequenos mamíferos), domésticos, silvestres e exóticos (BRASIL, 2012).

Nenhum animal é, por essência, um *pet*. Ele entra nessa categoria ao estabelecer uma relação de afeto e proteção com um humano. Certa vez, uma mulher me esperou no centro em que eu fazia fisioterapia, pois ouviu falar da pesquisa. Ela desejava me contar que teve, na juventude, um sapo como *pet*. O animal atendia ao seu chamado e aceitava carinhos. Seu objetivo era incluir o batráquio na dissertação como forma de mostrar ao mundo que sapos também poderiam ser estimados.

Assim, teoricamente, qualquer animal pode ser de estimação. No entanto, pelo menos duas espécies parecem mais fortemente associadas a essa categoria: cães e gatos são aqueles que entraram de forma mais inequívoca na esfera de afeto humana. Conforme Pais (2006, p. 283) estes dois espécimes vem passando por um processo de antropomorfização que, embora questionável, mudou a qualidade da relação entre homens e animais.

Outrora, o pouso comum de cães e gatos era a rua para uns, o telhado para outros; actualmente houve um notável aburguesamento das espécies caninas e felinas, a partir do momento que passaram a “animais de companhia”. Os que não usufruem de um tal estatuto social são marginalizados: não passam de vadios, rafeiros, vagabundos, vira-latas. Os “afortunados” – atribuição abusiva por não levar em linha de conta a “vontade” dos que julgamos que o sejam – compartilham com os donos de confortos e bonomias inimagináveis (...) (PAIS, 2006, p. 283).

Estimar um animal não é nenhuma novidade. Existem dezenas de registros históricos sobre este tipo de relacionamento. Segundo Amaro e Custódio (2011) ainda no antigo Egito, a deusa *Bastet* era personificada por um gato e, no mesmo período, cães foram encontrados sepultados junto com humanos em posturas que revelavam relações de afeto. Thomas (2010, p. 140) chega a enumerar espécies privilegiadas na modernidade, entre elas o cavalo, os falcões e os cães. Porém,

agora, ao observar a grande oferta de produtos e cuidados, é possível perceber que eles estão sendo irmanados aos seus tutores em novos aspectos.

Roupinha e acesso a todos os cômodos da casa são exemplos. Os tratamentos médicos sofisticados também. Outra reportagem, na mesma edição da revista *Veja*, apresenta o aumento da expectativa de vida dos bichos de estimação. “Um cachorro que nascer hoje viverá, em média, dezoito anos. Há três décadas, um cãozinho teria metade desse tempo de vida” (MELO, 2015, p. 76). Entre os avanços da medicina veterinária citados na matéria estão novos tipos de exames, vacinas e o uso de aparelhos de diagnóstico que antes eram exclusividade de humanos, como o tomógrafo, o raio-x e o ultrassom. É citada ainda a existência de especializações médicas para tratar isoladamente cada tipo de problema dos *pets*.

Sem falar em todos os luxos oferecidos pelo comércio, como camas especiais, rações *gourmet* e jóias. Toda esta conjuntura aparece frequentemente na mídia e cada um de nós tem pelo menos um conhecido que trata seu animal como criança. Mas que tipo de relacionamento eu encontraria entre humanos e *pets* em Cuiabá? Os animais de estimação realmente estão dominando o mundo?

5.2 Um clube fechado

Os *pets* podem ser vistos com mais frequência no início e no fim do dia, acompanhados por seus donos, passeando. Os menores, como *pinschers*, *poodles toy* e *shih tzus*, apareceram até nos *shoppings* e no saguão do aeroporto, no colo dos tutores. Mas o local em que mais vi cães de companhia de pequeno porte foram as janelas dos carros em movimento. Alguns chegavam a ficar com metade do corpo para fora e chamavam a atenção por onde passavam. O dono de um animal me explicou que eles gostam do vento e que o seu cão aprecia tanto passear de carro que é preciso tomar cuidado na hora de entrar no veículo antes de ir trabalhar. “Se ele consegue entrar no carro, depois, para tirar de lá é um sacrifício” (informação verbal).²⁶

Toda vez que parava para observar um *pet* com seu dono, percebia uma reação interessante. Os tutores agiam como se soubessem que estavam sendo

²⁶ Depoimento concedido em janeiro de 2015.

observados por causa de seus animais e iniciavam uma cena. Alguns começavam a conversar em voz alta com o cachorro ou então passavam a interagir de forma a demonstrar a inteligência ou a capacidade do bichinho.

Vi que muitas conversas entre estranhos eram travadas tendo os animais como tema inicial. As pessoas trocavam dicas, falavam das gracinhas que os cães fazem. Era frequente ouvir a frase “só estou contando isso para você porque você entende”, quando o tutor ia se referir a uma proeza realizada pelo seu bichinho. Como eu passava longos períodos sentada em praças, áreas de lazer e saguões de clínicas veterinárias, colecionei um grande volume de conversas em que esta expressão se repetia.

Nas áreas públicas, o que mais acontecia era o próprio animal se aproximar de mim – talvez atraído pelo cheiro da minha cachorra. O dono acabava conversando comigo enquanto eu trocava carinhos com os bichos e em poucos minutos chegávamos ao ponto em que todas as façanhas do animal eram narradas em tom de confidência. A pesquisa só surgiu em algumas conversas, mas foi o suficiente para eu continuar recebendo, até hoje, fotos e atualizações sobre a vida de alguns *pets*. Muitos tutores manifestavam orgulho ao saberem que seus bichinhos fariam parte da pesquisa.

Fui até mesmo convidada para o aniversário de uma cachorrinha *shih tzu*, que conheci durante a etnografia. A dona do animal me ligou em um dia de semana, à noite, e disse que ia fazer “um bolinho” (informação verbal)²⁷ para a cadelinha Duda e que, junto com a filha de 9 anos, achou que seria bom me chamar. Quando cheguei na casa, descobri que era a única convidada, porque a mulher disse que só lembrou de mim como pessoa que trataria a festinha da cachorra com a devida consideração. Curiosamente, o bolo era para os humanos. Duda comeu ração na própria festa.

Aparentemente, existe um clube fechado só para as pessoas que “entendem” os animais. Nesse caso, “entender” significa, em primeiro lugar, gostar de animais, e, em segundo lugar, comungar da crença nas habilidades cognitivas e na personalidade individual dos bichos. Os discursos científicos sobre estas características nunca foram acionados durante a etnografia.

²⁷ Informação verbal.

Isso porque as pessoas falavam das capacidades dos seus *pets* como uma realidade concreta que não precisava de comprovação, mas que só era admitida por aqueles que conviviam com bichos e conseguiam compreender estes fatos – mostrando que as diferentes visões sobre as habilidades dos animais não-humanos ainda convivem. Conforme veremos adiante, os bichos de estimação são vistos por seus donos e entusiastas até mesmo como superiores aos humanos em alguns aspectos.

A senha para entrar na confraria do que entendem animais é, antes de tudo, a aceitação do bicho, porque todas as pessoas com quem conversei comungam da noção de que os *pets* são os melhores julgadores de caráter que existem. “O cachorro conhece quem é do bem”; “Ele só vai com pessoas que a gente pode confiar”; “Essa gata aqui sente de longe o cheiro de quem não presta”. Estes comentários são algumas das variações que ouvi sobre o mesmo tema (informação verbal)²⁸.

Fazer parte dessa irmandade, inclui, ainda garantir o bem-estar do animal de todas as formas possíveis. Esses limites variam, no entanto, de pessoa para pessoa. Nos bairros mais pobres, o sacrifício em prol dos *pets* se traduz em comida. No Parque Geórgia e Jardim Florianópolis encontrei muitos *pets* soltos nas ruas e visivelmente sujos, alguns com problemas de pele, mas seus tutores declaravam, com orgulho, que os bichos nunca passavam fome.

Eu não fazia perguntas específicas sobre o tratamento dos animais. Geralmente, apenas conversava amenidades, como perguntar o nome do bicho. A oferta regular de alimento era citada espontaneamente como uma prova de afeto. Uma senhora que trabalhava como diarista fez questão de me levar até dentro da sua casa para conhecer os seis netos, que sustentava sozinha. A moradia tinha piso apenas no quarto de dormir e havia somente um ventilador, apesar do calor de Cuiabá. Ela disse que, apesar das dificuldades, seus dois cães nunca ficaram um dia sequer sem receber alimento.

Em grupos sociais com melhor poder aquisitivo, as dívidas em tratamentos médicos são bastante comuns. Há também a menção de supérfluos que são oferecidos exclusivamente aos *pets*, como os cuidados cosméticos. Eram tutoras que nunca iam ao salão de beleza mas levavam seus cães semanalmente ao *pet*

²⁸ Depoimentos concedidos em diversas fases da pesquisa.

shop para tomarem banho e fazerem escova. Outra forma de doação é mudar a rotina diária ou deixar de viajar/participar de eventos sociais para fazer companhia ao bichinho.

Mais uma generalização era o fato de que pessoas que gostam de animais são melhores que as outras – outro item distintivo do clube de pessoas que “entendem” os bichos. Vale lembrar que Hitler era apaixonado por bichos e a proteção animal no Terceiro Reich era tão estrita que “um judeu podia ser colocado em uma câmara de gás, mas uma lagosta não podia ser cozida em uma panela de água fervente” (ORLEAN, 2013, p. 2244). Esse conceito parece derivar de uma crença que veremos a seguir.

5.3 Um ser ético?

A ideia de que os animais de estimação têm valores morais mais elevados também era recorrente. Trago três relatos de caso em específico. A cachorrinha Vida, outra *shih tzu*, que conheci durante a etnografia e cuja família entrevistei, foi resgatada de uma situação de abandono. Toda vez que encontro seus tutores, eles ressaltam como Vida sabe reconhecer a oportunidade que ganhou ao sair das ruas. Durante a entrevista, com a voz embargada, a dona da cachorrinha explicou: “Ela retribui todo esse carinho. É que nem o meu marido fala: o olhar dela parece que é de gratidão para a gente, sempre” (informação verbal).

No saguão do Hospital Veterinário da UFMT outro exemplo me chamou atenção. Uma mulher de meia idade chorava copiosamente enquanto aguardava o veterinário. Quando finalmente, um estagiário apareceu carregando uma caixinha de transporte de animais, vi que era tutora de um gato. O animal estava internado. Ela conversou com o rapaz em voz baixa, enquanto acariciava o bichano. Quando o estudante se retirou, a senhora olhou para mim e disse: “*Esses bichinhos são nossa fortaleza. Eles são mais fortes do que a gente. Ela está calma desse jeito porque sabe que precisa me dar forças*” (informação verbal)²⁹. Depois, outra estagiária, que havia sido minha aluna no estágio docência veio falar comigo - minimizou a situação reforçando a ideia de que a gata tinha mais equilíbrio emocional que a tutora. Ela

²⁹ Depoimento concedido em março de 2015.

relatou que as pessoas se desesperavam facilmente a qualquer indício de que perderiam seus entes queridos enquanto os bichos mantinham a calma (informação verbal)³⁰.

Em uma entrevista com uma estudante de veterinária que adotou um gato paraplégico, questionei se o cachorro da família, Epaminondas, tinha sentido ciúme, a resposta foi imediata: “Não, meu Deus! Ele é um amor. Ele é o cachorro mais iluminado dessa vida. É por que ele não tem essas coisas no coração” (informação verbal).³¹

Moussaieff (2005, p. 12) fala que existe uma escassez de heróis humanos na sociedade contemporânea, e, que talvez por isso, as pessoas estejam buscando suas lições de moral e ética entre os animais. Durante a pesquisa ouvi inúmeros casos de altruísmo, bondade e solidariedade de animais de estimação. Eram *pets* que protegeram suas famílias de ladrões, que acompanharam seus tutores fielmente durante duros problemas de saúde, que abriram mão do próprio alimento para beneficiar outro animal.

Linden (1999, p. 63) contextualiza esta visão como algo inerente a nossa cultura. Um advogado que passeava com uma *poodle* branca, Lola, disse que seu trabalho envolvia lidar só com gente que não prestava e que o mundo estava muito corrompido. O único lugar em que ele ainda via bondade era no reino animal – fique sublinhado que para ele os homens estavam inseridos em um reino em separado.

Quando notícias sobre algum ato humano de barbárie, ganância, venalidade ou fraude nos empurram em direção à melancolia, nós frequentemente nos viramos para os animais, projetando neles uma superioridade moral em relação aos humanos, as criaturas caídas que provaram o fruto proibido. *Inocência* é a palavra mais frequentemente aplicada aos animais, inferindo uma existência sem malícia na qual eles sempre revelam seus sentimentos verdadeiros. Quantas vezes nós ouvimos um treinador de animais ou guru pet dizer, “um animal nunca vai tentar te enganar” (LINDEN, 1999, p. 63 -64, tradução nossa)³².

Por outro lado, encontrei casos de animais que não correspondiam ao ideal de pureza sentimental tão propalado. A tutora de Lilly, uma *pinscher*, me contou que a cachorra tinha o hábito de destratar as visitas. Mordia qualquer um que abraçasse

³⁰ Depoimento concedido em março de 2015.

³¹ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

³² When news of some act of human barbarity, greed, venality, or deception prods us towards misanthropy, we often turn to animals, projecting onto them a moral superiority to humans, the fallen beings who have tasted the forbidden fruit. *Innocence* is the word most often applied to animals, implying a guileless existence in which they Always reveal their true feelings. How many times have we heard an animal trainer or pet guru say, “An animal will never try to deceive you”.

sua dona, especialmente quando a pessoa estava distraída – eu fui uma das vítimas, levei uma dentada no joelho. A mulher me disse ainda que Lilly tinha o hábito de seguir os hóspedes da casa e latir quando eles mexiam em algum objeto. “*Minha cunhada disse que se sentia vigiada, como se a Lilly desconfiasse dela*” (informação verbal)³³. A tutora atribuía esse comportamento ao amor excessivo da cadelinha por ela e seu marido, o que tornava o hábito de atacar pessoas completamente justificável.

O *Akita Mellow* impedia que os outros dois cães da casa comessem. Quando sua tutora colocava a ração para os vira-latas Pipoca e Neve, Mellow simplesmente batia nos companheiros até que eles se afastassem dos potes. Depois, ele comia a ração dos outros ou, se não estivesse com fome, simplesmente espalhava todo o conteúdo dos pratos pelo quintal. A dona de Mellow afirmava que o interesse dele não era comer a comida, era deixar os outros sem alimento – ao ponto de ser preciso separar os bichos na hora da refeição porque Neve emagreceu muito. “Ela é muito boazinha, então não conseguia comer mesmo. Estava passando fome. O Mellow não é um cachorro mau, acho que ele faz isso porque sofreu algum trauma antes da gente comprar ele” (informação verbal)³⁴.

Um *basset dachshund* chamado Pretinho não podia ouvir não. O tutor relatou que o cachorro mordeu absolutamente todos os integrantes da família. É ele quem decide onde vai dormir e dita até mesmo a vida sexual dos tutores. “Você acha que filho atrapalha? A gente só namora quando ele resolve dormir na cama do meu menino. Meus filhos saíram do nosso quarto antes dos seis meses, porque eu achava muito errado essa coisa de criança na cama. Já o Pretinho... não saiu até hoje” (informação verbal)³⁵. Se for retirado da cama que selecionou para dormir, o cachorro ataca. Ele também decide quando vai para o colo de alguém e se a pessoa fizer menção de largá-lo, rosna. Se o fato for consumado, morde. Banhos, só no *pet shop*, porque Pretinho não é agressivo com estranhos. “Tem gente que acha que eu devia matar ele, você acredita? Eu sempre falo que a gente morde e trata mal quem é da família. Eu não trato mal quem eu não conheço. Isso aí do Pretinho é o normal de toda família” (informação verbal)³⁶.

³³ Depoimento concedido em junho de 2015.

³⁴ Depoimento concedido em março de 2015.

³⁵ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

³⁶ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

No primeiro capítulo, vimos estudos científicos que buscam comprovar que os animais fazem escolhas morais. Este é um ponto de grande controvérsia. No entanto, mesmo os cientistas que defendem a existência de código moral entre os animais não-humanos argumentam que este seria limitado e menos complexo que aquele existente entre humanos.

Entretanto, durante a etnografia a existência de ética entre os bichos surgiu como consolidada, sem necessidade de ser provada. É curioso que nas relações cotidianas a figura do animal apareça como elevada justamente nesta esfera. Afinal, um dos critérios mais acionados para diferir animais humanos e não-humanos é o fato dos bichos não terem essa capacidade. Conforme Bekoff (2010, p. 106), existe uma distinção entre código moral e ética.

A ética pressupõe o estudo contemplativo de questões sutis de retidão e senso de justiça. Ela se pergunta por que o senso de justiça existe, por que uma ação é considerada “justa” e outra injusta. Neste caso, eu estou argumentando que alguns animais têm códigos morais de comportamento, não que eles têm ética. Eles podem se sentar, pôr a pata no queixo, considerando o mundo como o *Pensador* de Rodin, mas não acho que estejam contemplando a razão de “por que o bom é bom”. Até onde sabemos esse é um fenômeno distintamente humano (BEKOFF, 2010, p. 106 -107).

Para as pessoas que encontrei essa diferença não existe. Os animais são simplesmente seres éticos e têm moral mais elevada que os humanos. Os bichos de estimação desviantes, como Pretinho, Lilly e Mellow tinham seu comportamento sempre justificado pelos tutores. Inclusive, Pretinho fazia coisas que o dono não admitia em seus filhos, como atrapalhar a vida sexual do casal.

Os animais de estimação que encontrei nunca faziam nada “por mal”. Linden (1999, p. 64) defende que os animais são capazes, sim, de comportamentos condenáveis e que muitas das suposições sobre a pureza animal são considerações sentimentais. Ele cita a própria gata, Júnior, que costuma fingir que não foi alimentada quando, na verdade, já comeu.

Para crédito deles, os animais não merecem sua reputação de modelos morais. Eu digo para crédito deles porque as formas mais sofisticadas de engodo requerem consciência e entendimento do estado mental dos outros, e as habilidades que acompanham as maquinações ardilosas (LINDEN, 1999, p. 63, tradução nossa)³⁷.

³⁷ To their credit, animals don't deserve their reputation as moral paragons. I say to their credit because the more sophisticated forms of deceit require consciousness, as awareness of others' mental states, and the propositional abilities that go with artful scheming.

No caso dos *pets*, a agressividade com estranhos é considerada de duas formas: ou é ciúme ou algo que foi provocado por um fator externo, como trauma ou provocação. Percebi ainda que os tutores veem a habilidade para enganar como um sinal de inteligência e, por isso, ela é tratada como gracinha. Sobre um gato desobediente que insistia em subir no sofá, ouvi o seguinte da tutora: “(...) a gente ensinou que não, que não é para subir. Então, às vezes, todo mundo saí, a gente chega e ele tá lá no sofá, mas daí ele vê a gente, aí ele desce. Aí é uma comédia” (informação verbal)³⁸.

Quando iniciei a pesquisa, acreditava que a visão de que os bichos eram superiores moralmente era ligada à questão ecológica, já que a maioria dos animais consegue viver em equilíbrio com o meio ambiente e não representam uma ameaça significativa para a continuidade da vida no planeta – ao contrário dos humanos. No entanto, essa hipótese não se confirmou.

A devoção que os *pets* oferecem aos tutores parece a melhor explicação para uma crença tão generalizada nas qualidades morais dos bichos, bem como a defesa incontestável daqueles que têm uma personalidade complicada. Vários tutores narraram o quanto era maravilhoso receber aquela quantidade aparentemente inesgotável de afeto e como eles são melhores que os seres humanos na hora de expressar seu amor. A pesquisadora Irene Pepperberg, por exemplo, trabalhou durante 31 anos com um papagaio-cinzento-africano, Alex, que ficou famoso por suas habilidades cognitivas. Apesar de narrar seus esforços para encarar o animal como uma simples ferramenta de trabalho, ela frequentemente cita Alex como um companheiro que lhe oferecia carinho e até mesmo apoio emocional. Ao citar uma crise pessoal, ela conta:

O meu único conforto eram os amigos, fora Alex, é claro. Agora passava quase o tempo todo no laboratório, inclusive as noites. Alex e eu nos amparávamos no final do dia; eu tentava fazer planos e ele alisava as penas com o bico, e de vez em quando trocávamos palavras (...) (PEPPERBERG, 2009, p. 115).

Acredito que encontrei poucos donos de gatos porque eles não levam seus animais para passear, mas aqueles com quem conversei também narravam uma relação de tanto carinho e amor que me fez duvidar do mito do gato interesseiro. O amor incondicional, que geralmente é ligado às relações de pais e filhos, é uma qualidade extremamente idealizada e é justamente o que os bichos de estimação

³⁸ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

oferecem. Garber (2000, p. 152) afirma que as pessoas se sentem atraídas por seus cães não pelo que eles são mas pelas características humanas que apresentam – entre elas fidelidade e gratidão.

O fato de que estas “qualidades humanas” raramente sejam encontradas em seres humanos pode, em parte, explicar a natureza exageradamente determinada do amor manifestado pelo animal de estimação. “Nenhum ser humano tem uma expressão tão suplicante quando um basset hound. Nenhum ser humano é tão leal quanto seu cachorro” (GARBER, 2000, p. 152).

Os animais de estimação oferecem um tipo de recompensa emocional que parece ser classificada além dos limites da amizade, conforme veremos adiante. A condição de desigualdade entre humanos e não-humanos pode ser patente quando se trata de avaliar o espaço urbano, a legislação e atual estágio dos estudos científicos, mas na família humana, pelo menos um tipo de bicho já nos deixou para trás no imaginário popular: os animais de estimação.

5.4 É meu bebê

O amor familiar pelo bicho de estimação foi outra recorrência na pesquisa. Os animais que são tutorados tem um lugar certo na família humana: são filhos. Todas as pessoas que entrevistei, sem exceção, definiram assim seus animais de estimação. Até mesmo dois policiais militares que atuam na polícia montada estadual falaram que os cavalos eram seus filhos (informação verbal)³⁹.

Flagrei uma discussão acalorada entre dois vizinhos em uma calçada. O homem jogou veneno para formigas no gramado. A mulher estava indignada, pois o inseticida podia prejudicar sua cachorrinha. Ela repetia várias vezes “é a minha filhinha” e abraçava a cadelinha, um exemplar de *pinscher*, que, curiosamente, rosnava e latia para o homem, fazendo coro com sua “mãe” humana (informação verbal)⁴⁰.

Nas praças, áreas de lazer e ruas é evidente que os cães são bebês com patas e pêlos. De maneira automática, via as pessoas chamando os *pets* de “bebezinho”, “filhinho”, “neném da mamãe” (informação verbal)⁴¹. Eu não percebi a

³⁹ Depoimentos concedidos em fevereiro de 2015.

⁴⁰ Informação obtida em dezembro de 2014.

⁴¹ Informações obtidas ao longo da pesquisa.

força deste hábito até um episódio que aconteceu comigo. Uma nova vizinha pensou que eu tinha uma filha deficiente e comentou com outros moradores que ficava comovida em escutar meu carinho ao tratar aquela criança que não podia falar. O que ela ouvia, na verdade, eram minhas conversas com minha cachorra, Maggie. Quando procurei a mulher para conversar sobre o mal entendido, ela disse que pelo fato de nunca ter ouvido latidos em minha casa e pela qualidade das conversas, imaginou que era uma criança com alguma deficiência, como paralisia cerebral.

O primeiro fator que parece levar a prática de chamar os *pets* de filhos é a própria dependência dos bichos de estimação em relação aos humanos, bem como sua fidelidade aparentemente inabalável. Pais (2006, p. 309) ressalta que existe uma infantilização dos *pets*, de forma que eles acabam se tornando completamente incapazes de cuidar da própria sobrevivência.

Ao contrário das crianças humanas que crescem e se tornam mais autônomas, os animais de estimação continuam precisando de cuidados básicos. Os cavalos da Polícia Montada Estadual, por exemplo, passam por um ritual diário chamado *grooming*, no qual seus cavaleiros tratam os animais, escovam, conferem as ferraduras, aplicam produtos para a pelagem. O policial que monta o animal é que fica responsável por esse trabalho, reforçando o laço de afeto. Um PM explicou que essa rotina fortalece o relacionamento, uma vez que policial e cavalo confiam suas vidas um ao outro quando estão patrulhando as ruas.

Um caso extremo, da estudante de veterinária que adotou o gato paraplégico, demonstra ainda mais essa dependência. O felino, Alfredo, não consegue urinar. Por isso, precisa de ajuda para esvaziar a bexiga. A moça ou a mãe dela reservaram uma pia em casa somente para este ato, o que acontece pelo menos de 12 em 12 horas. “Tem um lugar certo que a gente aperta e vai saindo o xixi. Aí, depois, a gente passa uma pomadinha, um Hipoglós, para não assar. Ele é um bebê, passo o Hipoglós e tudo mais. Em contato com a fraldinha, lá vai ficando vermelhinho, vai caindo pelinho. Aí, a gente vai vendo que vai assando. Aí, põe pomada e põe fraldinha” (informação verbal)⁴².

Os animais também oferecem conflitos menos complexos que aqueles que envolvem um filho de duas pernas. Uma advogada de meia idade verbalizou assim essa condição: “os filhos, a gente cria para o mundo. Os cachorrinhos, não. Eles são

⁴² Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

nossos para sempre” (informação verbal)⁴³. Problemas como um sofá roído não se comparavam aos que ela enfrentava com o filho do meio, usuário de drogas.

Um aposentado chegou ao ponto de me dizer que se arrependia de tudo que tinha feito pelos filhos. Se pudesse voltar atrás, afirmou, ele teria se dedicado somente aos cães da família. Quando eu perguntei se a relação era conflituosa, ele afirmou que não e que tanto o rapaz quando a moça “nunca deram desgosto”, eram filhos exemplares, bem sucedidos, com destaque na sociedade local por causa das profissões. “É que o cachorro ama a gente, está sempre do nosso lado. Só depois de velho é que entendi que quem me ama são meus cachorros, os meus filhos tinham era medo de mim”, resumiu (informação verbal)⁴⁴.

Na visita a um abrigo de animais, notei que a filha da administradora xingava a mãe na frente de todos, de maneira bastante rude. A mulher fingia não ouvir as críticas da moça. Por outro lado, enquanto se movimentava pelo abrigo, os animais praticamente se jogavam em seus braços, pedindo e oferecendo carinho. O contraste entre as duas atitudes me fez refletir sobre porque é tão fácil amar um animal em comparação com uma pessoa.

Pais (2006, p. 293) aventa a hipótese de que os animais domésticos ajudam a restaurar a autoridade familiar.

Neste caso, vemos que o animal pode desempenhar um papel substitutivo de um filho, com a vantagem de raramente a autoridade familiar ser posta em causa, no que respeita que em à pontualidade das refeições, que à obediência (PAIS, 2006, p. 293).

Os filhos fazem malcriação, não tem tempo para os pais ou então se envolvem em problemas que afetam toda a família. Os *pets*, pelo contrário, amam incondicionalmente e oferecem uma espécie de gratificação emocional absoluta permanente, com um padrão impossível de ser mantido na relação entre humanos e humanos. Ninguém vai chegar em casa todos os dias e ser recebido efusivamente pelo marido/esposa, filhos ou colegas de quarto. Já a recepção até mesmo desproporcional dos *pets* se mantém inabalável durante todos os anos da sua existência.

Quando percorria um bairro, fui atraída pelo choro desesperado de um cachorro. Ele gania alto e achei que estivesse apanhando. Mas quando me aproximei da casa de onde vinha o barulho, me deparei com o animal chorando nos

⁴³ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

⁴⁴ Depoimento concedido em janeiro de 2015.

braços da tutora. A mulher me explicou que o choro era de alegria: a cachorrinha se comportava assim todos os dias quando ela voltava para casa ao fim do expediente.

Uma entrevistada narrou desta maneira seus reencontros com o cão da família: “Pra mim é, assim, um alegria imensa eu chegar e receber o carinho do Epaminondas. Ele chega, ele pula, ele me lambe, ele me cheira. Assim, como se fosse ‘oi, mamãe, que bom que você chegou’. Pra mim, isso é, assim, é inenarrável, é muito gratificante. Vale a pena qualquer, qualquer situação desagradável que eu vivi lá fora, chegar a casa e receber o carinho deles pra mim, assim, vale a pena tudo” (informação verbal)⁴⁵.

A neurociência busca respostas para essa sensação de bem-estar. Alguns estudos sugerem que, pelo menos em relação aos cães, esta ligação de afeto é considerada biológica. Uma pesquisa da Universidade de Azabu demonstrou que os níveis do hormônio oxitocina aumentam quando as pessoas olham para os seus cães e vice-versa (LOPES, 2015, p. 1). A oxitocina é uma espécie de responsável químico pelo elo forjado entre mães e bebês e é liberado em grandes quantidades cérebro da mulher logo depois do parto e durante a amamentação, mas também é produzida no corpo dos homens e aparece principalmente durante os cuidados com a prole e nas relações sexuais. “O resultado: donos e cães que buscavam contato visual uns com os outros tiveram um grande aumento dos níveis de hormônio – de cerca de 400% e 150%, respectivamente” (LOPES, 2015, p. 1).

Esta sensação de felicidade e de necessidade proteger se repete em vários relatos que ouvi - independentemente do tipo de bicho. É difícil dizer se o mecanismo opera em outras relações humanos x não-humanos de estimação porque os pesquisadores de Azabu realizaram o estudo apenas com cães e lobos domesticados – sendo que os níveis de oxitocina não se elevaram entre lobos e seus tutores.

Por fim, se o amor oferecido pelos bichos é tão superior àquele que recebemos dos humanos, parece natural que sejam colocados no lugar de maior destaque das relações familiares: o de filhos. No entanto, essa relação de amor inabalável esconde algumas concessões, conforme veremos a seguir.

⁴⁵ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

5.5 Um dia de cão

Em uma tarde de sábado, fui convidada por um informante para participar de um *dog day*, um encontro para reunir pessoas e cães no condomínio de classe média em que ele morava. O homem me avisou que a grande atração do evento seriam os cães farejadores da Polícia Civil e que haveria também algumas palestras sobre cuidados com animais.

Ao chegar ao local, a área de lazer do condomínio, descobri que era um evento organizado por uma clínica veterinária. O espaço estava coberto de publicidade por todos os lados: faixas e banners de marcas de ração, remédios e vermífugos. Havia também exibição de filhotes para venda. Os integrantes da organização estavam todos vestindo camisetas com o logotipo do *pet shop* ligado à clínica.

Antes mesmo que pudesse me situar, um rapaz uniformizado veio em minha direção. Ele me deu boas vindas e entregou diversos panfletos, que enumero a seguir:

- Seu *pet* não é brinquedo – propaganda de um plano de saúde veterinário.
- Seu cãozinho não escolhe a hora para ficar doente – propaganda do atendimento 24 horas de urgência da clínica.
- Campanha de castração de cães e gatos – informações sobre o que é o procedimento, quais as vantagens para os animais e propaganda sobre os preços especiais oferecidos pela clínica para realização desta cirurgia – “confira e traga seu amiguinho!!!”, dizia o texto.
- Quem está na minha barriga? – propaganda do vermífugo Drontal, da Bayer.
- Gibi do cachorrinho Pingo – outro material publicitário do vermífugo Drontal.
- Quem pode nos livrar da *Giardia*? – mais uma propaganda do vermífugo Drontal.

A apresentação das duas cachorras, da raça Labrador, farejadoras da Polícia Civil foi o ponto alto do evento e levou as crianças, literalmente, à loucura. A apresentação em si era uma simulação de uma operação de apreensão de drogas,

mas todos os meninos e meninas queriam participar da encenação – o que era impossível. Quando a equipe da polícia foi embora, começaram as atividades educativas.

A palestra com uma educadora canina era, na verdade, um momento para venda de produtos. A profissional falou sobre diversas doenças que acometem os pets e indicou os produtos a serem utilizados, entre eles, é claro, os vermífugos da marca Drontal. Somente nos últimos momentos ela discorreu sobre o que chamou de “bons tratos”, lembrando eu os animais eram membros da família e não podiam ficar sem tratamento adequado.

O *Dog Day* revela a dimensão da indústria em torno dos laços de afeto entre animais humanos e não-humanos. O objetivo final, e mal disfarçado, do evento era vender produtos, planos de saúde e filhotes (que ficavam expostos em gaiolas). Perguntei a uma das expositoras o que seriam os “bons tratos” aos animais. Banho em *pet shop*, brinquedos, vacinação, castração, ração de qualidade, visitas regulares ao veterinário e, se meu animal de estimação fosse mal educado, adestramento.

Durante a pesquisa, ouvi que a castração era um gesto de amor, que melhorava a qualidade de vida do animal. Do panfleto recebido no *Dog Day* retirei a seguinte lista de vantagens da castração:

1. Diminui drasticamente o risco de doenças transmissíveis por ato sexual ou mordida;
2. Elimina a gravidez psicológica, comum em algumas fêmeas após o término do cio, o que ocasiona aumento das mamas (muitas vezes edema), a produção de leite e irritabilidade excessiva;
3. Elimina o risco do câncer dos órgãos reprodutivos (câncer de mama, útero, próstata e testículos);
4. Diminui o risco das fugas e brigas, que podem acarretar acidentes graves e até fatais;
5. Acaba com os latidos, uivos e miados excessivos que ocorrem por ocasião do cio;
6. Elimina os estados de excitação por falta de cruzamento (e o embaraço com as visitas!);
7. Elimina a inconveniente perda de sangue das cadelas no período de cio, assim como as desagradáveis reuniões de machos na porta de sua residência;

8. Diminui o hábito dos machos de urinar em paredes e móveis para demarcar território. A urina também perde o odor forte e desagradável;

9. Os animais ficam mais tranquilos e caseiros.

A defesa científica da castração é muito comum, mas na etnografia percebi que ela costuma atender mais às conveniências dos tutores, que não aceitam que seus animais são bichos. Sempre ouvi inúmeros elogios a cães e gatos que não se comportavam como tal – isso incluía não latir, não fazer necessidades em casa ou locais errados e não terem impulsos sexuais.

A explicação sobre “bons tratos” e os panfletos mostraram que por trás da relação de amor entre humanos e pets existe uma tirania latente, já que os alvos das restrições não falam e, como vimos anteriormente, parecem bem satisfeitos em amar incondicionalmente seus humanos.

A partir da análise do caso dos cães com depressão, Segata (p.197) reflete sobre humanização dos pets a partir da anulação dos seus estados naturais, inclusive com o uso de medicamentos psicotrópicos para conter supostas doenças mentais.

De um modo geral, parece que os comportamentos “animalescos” dificultam a relação e fazem com que esses bebezinhos ou lindinhos voltem ao seu “estado natural”, de simples cães e gatos. E, sem os “manejos adequados”, sem os tratamentos dessas “pulsões”, dilui-se a humanidade deles. Os equipamentos médicos, os diagnósticos e os tratamentos com fármacos parecem facilitar uma diplomacia entre as espécies (SEGATA, 2011, p. 197).

O casal que resgatou Vida das ruas deu muito destaque a educação da cachorra: “Deus colocou ela na nossa vida de uma maneira perfeita, assim, porque como a gente não estava preparado, ela é muito assim, ela é muito educada, ela é extremamente educada, ela não faz xixi nem coco em casa. A gente tem assim um... ela já veio assim pra cá, é um ritual, de manhã e de noite ela tem que sair para passear para fazer o xixi e o coco dela. Assim, não parece, aqui em casa não tem cheiro de cachorro, ela não faz bagunça, é na dela” (informação verbal)⁴⁶.

De outra forma, uma informante que apareceu na minha casa de surpresa - para levar algumas fotos - ficou chocada com a quantidade de tapetes, papel picado e pedaços de plástico rasgados espalhados no chão da sala. Ela perguntou se havia passado um vendaval ali e justifiquei que minha cachorra gostava de destruir coisas e depois deitar em cima dos farrapos. O comentário: “Nossa, você deixa sua

⁴⁶ Depoimento concedido em fevereiro de 2015.

cachorra viver assim, fez uma ratazana, fazendo ninho de lixo? Eu pensava que a Maggie era uma menininha” (informação verbal)⁴⁷.

A aproximação entre o animal de estimação e a situação de objeto, em alguma medida, parece fazer parte do modelo de amor oferecido pelos tutores. O ideal é que sejam mais parecidos com bebês de plástico do que com os filhos humanos de quem as pessoas juram serem substitutos. Para Kreisler (2005, p. 54), os bichos de estimação podem funcionar como objetos transacionais.

Quando os animais se aproximam de nós e, ansiosamente, permitem que os acariciemos e abracemos, eles podem tornar-se o que os psicólogos chamam de “objetos transacionais”. Esses objetos são substitutos maternos e paternos, coisas às quais nos agarramos em busca da mesma segurança e amor que se supõe que tenhamos recebido da nossa mãe e do nosso pai, os primeiríssimos “objetos” aos quais nos apegamos para receber amor e segurança depois do nascimento (KREISLER, 2005, p. 54-55).

O objeto transacional pode ser um travesseiro, um cobertor ou até mesmo um pedaço de pano. Para Garber (2000, p.153), essa condição dos bichos de estimação se manifesta até mesmo na nomenclatura.

A própria palavra “*puppy*” – filhote de cachorro em inglês – vem do francês *poupée*, boneca, e na história da criação de cachorros muitas espécies de cães têm sido produzidas para se parecerem com filhotes – bonecas? – durante a vida inteira (GARBER, 2000, p. 153).

Um treinador de cães me afirmou que *puppy* derivaria de *puppet*, que quer dizer fantoche ou marionete em português. Qualquer uma das duas origens evidencia que se espera que estas criaturas de estima sejam maleáveis e atendam a todos os desejos dos seus mestres. No entanto, muitas vezes os *pets* tiranizam seus donos, como o cachorro que dormia entre o casal de meia idade. Uma tutora de um gato chamado Noturno contou que havia se habituado a acordar cedo porque o animal arranhava a porta do seu quarto pontualmente às seis da manhã, pedindo ração. Se ela demorasse, Noturno começava a miar e só parava quando tinha seu desejo satisfeito. Disciplinar o felino estava fora de cogitação. “A gente vai fazer o que? Tem que dar a comida. Se demorar, ele mia ainda mais alto. O gato não tem dono. Gato é dono da gente”⁴⁸.

Pais (2006, p. 283) ironiza a condição de subserviência em que os *pets* colocam os humanos:

⁴⁷ Depoimento concedido em janeiro de 2015.

⁴⁸ Depoimento obtido em fevereiro de 2013.

Hoje, eles desfrutam de uma alargada rede de benefícios que, de vez em quando, retribuem com uma abanadela de cauda ou uma lambuzadela de língua. Esta inversão de préstimos expressa-se na passagem de uma *domesticidade* (comensalista) a uma *familiaridade* (protecionista) em que o animal doméstico passou à condição de convidado permanente. Os animais que outrora estavam ao serviço dos donos passaram a beneficiar dos serviços que estes lhes prestam, inclusivamente, quando, de modo servil, lhes recolhem as matérias fecais evacuadas na rua (PAIS, 2006, p. 283).

Assim, ser um animal estimado é uma condição privilegiada na relação entre humanos e não-humanos. Mas se os pets vão dominar o mundo não será sem concessões – dos dois lados. Se os seres humanos sacrificam suas contas bancárias e mudam hábitos em nome desse amor, os bichos entregam muito mais. O preço de ser um filho humano envolve abandonar a própria natureza – deixando que outros controlem até mesmo suas necessidades mais básicas como o ato de defecar ou praticar sexo.

6. OS INDESEJÁVEIS

6.1 As pragas

Existe uma relação com os animais que não é feita de afeto ou admiração: é a repulsa. Para alguns bichos foi cunhado o termo praga. “Uma espécie-praga é simplesmente aquela que os humanos consideram indesejável” (TOWNSEND; BEGON; HARPER, 2010, p. 462). Geralmente, ratos, baratas e a maioria dos insetos estão elencados como pragas. Eles provocam nojo ou medo. São caçados com chinelos, vassouras e inseticidas.

Apesar da escolha em não ir a lugares óbvios para ver animais – como parques e zoológicos – visitei pelo menos um local em que a presença deles poderia ser dada como certa: o aterro sanitário. As presenças mais marcantes no depósito de lixo são os urubus e carcarás. São tantas aves que é impossível ter uma ideia da quantidade. Com alimento farto (nosso lixo), elas chamam a atenção pela força e pela vitalidade.

Enquanto observava a boa condição de saúde dos animais, dois homens se intrigaram com a minha presença. Quando expliquei que estava observando os

bichos, eles começam a rir. Um deles disse que eu era maluca de ir até um local daqueles para ficar olhando animais.

Muitas aves nem se assustam mais com a aproximação dos humanos e, por incrível que pareça, é muito mais difícil ver um rato ou uma barata no local, apesar de saber que milhares deles estão por ali. As pragas, eu constato, são muito discretas. Em todas as saídas pela cidade durante o dia, não vi um rato ou barata sequer.

Para encontrar as baratas, foi preciso sair à noite, o que me permitiu ver também morcegos, sapos e baratões de água. Estes últimos provocam um pânico generalizado, pois podem chegar ao tamanho de uma mão e observei algumas pessoas que saíam correndo ou mudavam de calçada só para não passar perto deles. Já os ratos não se mostraram de maneira nenhuma.

Existem muitos motivos pelos quais um animal se torna indesejado. Segundo Jones (2015), um animal assume esse papel quando invade o espaço privado do lar e não pode ser controlado.

O próprio comportamento humano varia em relação ao espaço em que o animal se encontra:

Enquanto um ligeiro abanar de mão pode ser o suficiente para dissuadir uma abelha curiosa atraída pelo chá com creme no quintal, se ela entrar em uma sala de estar, os ocupantes irão procurar o mata-moscas ou o inseticida. Pardais, figuras meramente divertidas quando pousam empertigados no espaldar de uma cadeira de jardim, de olho nas sobras de sanduíches, mas se eles começam a se empoleirar nos beirais do telhado, ou leva material para construção de um ninho para o sótão, se transformam em criaturas daninhas (JONES, 2015, p. 117, tradução nossa)⁴⁹.

Conceitos científicos – equivocados ou não – também contribuem para que, no cotidiano, este ou aquele animal seja visto como praga. Algumas vezes, percorri a cidade acompanhada por um motorista, um senhor já idoso, que se apresentou como um pantaneiro da região de Mato Grosso do Sul. Apesar de ser uma pessoa que gostava de cultivar a imagem de antipático, rapidamente ele se envolveu na pesquisa e trazia informações diárias sobre animais – falava sobre a saúde e os cuidados com seus *pets*, relembrava casos do tempo em que vivia no Pantanal ou então mencionava algum bicho que encontrou no cotidiano.

⁴⁹ While a gentle waft of the hand may be enough to dissuade a curious wasp attracted to the cream tea on the patio, it will have the occupants of a living room reaching for the swat or the bug spray indoors. Sparrows are merely amusing figures of fun when landing perkily on the back of a Garden chair and eyeing up the last of the sandwiches, but if they start roosting under the eaves, or dragging nest material into the loft, they become vermin.

Certa vez ele me contou, arrasado, que havia matado uma coruja buraqueira a pauladas no quintal de casa. Disse que ouviu um barulho esquisito em um canto escuro da varanda e pensou que fosse um pombo que tivesse quebrado a asa e caído no local. Como estava sem óculos, matou o animal sem demora.

Ele se lamentava, explicando que se soubesse que não era um pombo não teria matado a ave. Quando eu perguntei a diferença entre as duas aves, primeiramente, recebi o silêncio como réplica. Somente alguns minutos depois, ele falou, com a voz ligeiramente alta: “Pombo dá doença” (informação verbal).⁵⁰ Uma jornalista que se identificava com a causa animal contou, aos risos, que havia passado a tarde de domingo vendo o vizinho atirar em pombos. Ao perceber que eu não gargalhei em uníssono, ela perguntou: “você sabe que pombo tem que ser morto, não é? Porque eles são um perigo para a saúde, deixam a gente cega” (informação verbal).⁵¹ Ouvi a mesma alegação em relação aos sapos. No *dog day*, citado no capítulo anterior, um grupo de crianças me explicou que os sapos soltam um leite que deixa as pessoas cegas e que são perigosos porque andam no esgoto. Um menino me mostrou o esgoto de onde os batráquios saiam no período noturno. Era, na verdade, uma galeria de águas pluviais.

O especismo, já citado anteriormente, se apresenta de forma justificada nestes casos, pois, na cidade, encontrei quase um consenso de que não há dolo em matar animais que ameaçam a vida humana. Mesmo que esse perigo nem sempre seja claro ou até mesmo imaginário, como no caso dos sapos.

Outra maneira de se tornar uma praga é incomodar ou causar algum tipo de desconforto aos seres humanos. Assim, identifiquei que os carcarás são considerados pragas em alguns bairros – inclusive no qual eu morava. Durante a etnografia, vivi em um condomínio em que o aparecimento destas aves, atraídas pelo lixo, foi se tornando comum.

Como a coleta de resíduos era realizada somente na hora do almoço, os animais aproveitavam o banquete na madrugada – algumas vezes reviravam o lixo até mesmo de manhã, alheios ao movimento dos moradores. Durante um período, era comum que as fotos das aves em meio a sacos de lixo rasgados aparecessem nas comunidades de *whats app* do condomínio. Os registros eram acompanhados

⁵⁰ Depoimento concedido em Janeiro de 2014.

⁵¹ Depoimento concedido em dezembro de 2014.

por críticas ao trabalho da administração e a falta de eficácia gestão de resíduos sólidos.

No entanto, quando um novo síndico definiu horários para a colocação de lixo nas calçadas e para coleta, muitos moradores protestaram. Para eles, era um absurdo que as pessoas fossem obrigadas a ficar com o material de descarte em casa durante toda a noite somente por causa do ataque das aves – além de possíveis gatos e ratos que também se alimentavam dos rejeitos durante a madrugada. A solução pedida: veneno para conter os animais que chamavam de pragas e liberação do lixo nas ruas em qualquer horário.

No geral, as pessoas não se importavam em viver em um lugar com sacos de lixo nas portas de casa o tempo todo, mas se sentiam incomodadas com uma solução que, a seu ver, deixavam os bichos em uma posição de vantagem, ainda mais porque eram pragas. No meio dessa polêmica, um gato chegou a ser morto a pauladas em uma noite.

Um morador com quem conversei, pai de um bebê de dois meses, explicou que não se sentia confortável com o lixo em casa, pois atrairia baratas para dentro da residência. A distância entre o lixo na calçada e a porta das residências não passava de dez ou quinze passos. Mas de alguma forma ele acreditava que o lixo deixado na rua não comprometeria a saúde da família da mesma maneira que o lixo acondicionado no quintal.

Nos condomínios vizinhos, encontrei medidas mais extremas, como pulverização de veneno em todas as residências e também nas ruas, caixas de esgoto e galerias de água. Os carcarás eram incluídos na lista de pragas e muitas falavam também do mosquito da dengue e dos escorpiões, que seriam atraídos por baratas. As pessoas com quem conversei nunca mencionaram os riscos da utilização maciça de inseticidas, mas havia em todas o mesmo objetivo: proteção da família e da saúde coletiva.

Se na ecologia, o conceito de praga está ligado às espécies que atacam culturas, insetos e fitopatógenos (TOWNSEND; BEGON; HARPER, 2010, p. 462), no cotidiano esta condição é alargada. Talvez nenhum animal que incomode o homem esteja totalmente livre dessa denominação. O salvo-conduto para matar animais que ameaçam a segurança humana parece ter a ver com essa classificação generalizada. Matar um animal apenas porque ele incomoda pode ser um ato de crueldade ou até mesmo um crime. Matar um animal porque ele prejudica o bem-

estar coletivo encontra amparo legal e, mesmo que não generalizadamente, moral – visto o caso do cachorro Scooby, no capítulo 1.

Assim, no percurso por Cuiabá, encontrei o outro lado da vida dos animais que identificados como *pets* por excelência: cães e gatos de rua vivendo sob a classificação de pragas. Estes animais são uma presença marcante no cotidiano cuiabano e são as relações com estes indesejáveis que pretendo analisar neste capítulo.

6.2 Os animais comunitários

Se os “inimigos” do homem só aparecem na surdina, os “melhores amigos” podem ser vistos com frequência. O primeiro cachorro que encontrei durante o trabalho de campo foi um vira-latas que havia cavado um buraco debaixo de um arbusto, no jardim de um hotel. Ele tinha um olhar cansado e estava muito magro. Na mesma rua, dois cães da raça poodle passeavam junto com a dona, usando lacinhos nas orelhas e coleiras cravejadas de pedrinhas brilhantes. Mesmo fazendo parte da mesma subespécie, a *C.I. familiaris*, pude observar a clara divisão entre os cães de rua e os cães “de lar”. Os animais sem tutor são considerados um problema social e recebem a denominação de vira-latas, tanto pelo fato de se alimentarem de restos quanto por não terem uma raça definida.

Na região central é muito difícil ver vira-latas, principalmente em locais com grande tráfego de automóveis. É nos bairros periféricos que eles se concentram em maior volume. As fêmeas geralmente surgem sozinhas, nas portas de estabelecimentos comerciais, como mercearias e espetinhos. Muitas vezes tem as mamas inchadas, indicando que, em algum lugar, estão sendo aguardadas por uma ninhada de filhotes. Elas inspiram mais simpatia das pessoas nestes locais, onde os machos, muitas vezes costumam ser afugentados com chutes e gritos.

Os machos mais jovens tem bastante vigor e andam em grupos de quatro ou cinco. Muitos deles vão morrer ainda bastante novos e os que sobreviverem provavelmente ficarão como aqueles que encontrei sozinhos em praças ou próximos a terrenos baldios: com feridas, fracos, cobertos por moscas e sarnas. Entre as pessoas de maior poder aquisitivo, cães e gatos devem, necessariamente, ser tutelados. Já na periferia, mesmo entre pessoas que tem animais de estimação, a

condição de animal de rua não é vista como anormal e é concebível que bichos destas espécies vivam por conta própria.

A condição de problema social, no entanto, é mais forte e até mesmo institucionalizada. Em julho de 2015, o Ministério Público do Estado de Mato Grosso - MPE/MT instaurou uma ação civil pública obrigando a administração municipal de Cuiabá a recolher todos os animais de rua ou vítimas de atropelamento/maus tratos existentes na cidade. A estimativa do órgão é que 11 mil cães e gatos estejam nesta situação atualmente (MPE QUER..., 2015, p. 1).

Na ação, o MPE também requer a definição de um calendário, por parte do município, para a realização de esterilização cirúrgica progressiva dos animais abandonados nas vias públicas, de forma a contemplar no mínimo 20 animais por mês. Também deverá ser implementado dispositivo de identificação para evitar a castração em duplicidade do mesmo animal. Ainda em caráter liminar, foi requerida a destinação de recursos financeiros na Lei Orçamentária Anual, a partir de 2016, para a realização de um programa voltado ao bem estar animal. “O Poder Judiciário também foi provocado a proibir o município de praticar a eutanásia em animais diagnosticados com Leishmaniose Visceral, devendo realizar o tratamento adequado e inserindo coleiras específicas. A eutanásia deve ser indicada somente se o quadro clínico do animal se mostrar absolutamente incompatível com o tratamento e se tal medida for realmente necessária”, ressaltou o promotor de Justiça, Gerson Barbosa (MPE ACIONA..., 2015, p. 1).

Como se vê pelo texto, apesar da preocupação com os bichos abandonados, o ideal é que estes animais parem de procriar até serem extintos das ruas. A saúde pública está entre as razões apresentadas pelo promotor para a adoção das medidas (MPE ACIONA... 2015, p. 1). O risco para o bem-estar humano é acionado como forma de justificar, sem reflexão, as mortes dos animais que, aparentemente, não são da estima de ninguém. A sombra de Scooby, no entanto, paira nesta ação. Três anos depois do caso do cachorro, a recomendação de eutanásia em caso de leishmaniose deixou de ser absoluta e o promotor ressaltou a indicação de tratamento. Uma mudança, significativa a meu ver, foi registrada.

Os cães e gatos sem donos não são, no entanto, coletivamente indesejados. Muitos deles ganham o status de bichos comunitários. Ou seja, vivem em espaços coletivos ou nas ruas e recebem algum tipo de tratamento humano na forma de comida, afeto e eventuais cuidados de saúde. Nos postos de combustíveis, encontrei muitos cães comunitários. Em um deles, um frentista me disse que a cadela guardava o local e que avançava até mesmo nos clientes depois das onze da noite. Ele afirmou se sentir mais tranquilo durante os plantões, porque ela

desestimularia a ação de ladrões (informação verbal)⁵². Também encontrei gatos nesta situação em lojas no centro da cidade, prédios públicos e até escolas.

Em conversas com protetores de animais, ficou registrado que os animais comunitários vivem uma situação talvez até mais difícil que a daqueles completamente abandonados. Primeiro porque quando surgem problemas de saúde ou entram em gestação, são deixados à própria sorte. Uma estudante relatou que a gata comunitária da república em morava foi muito amada até engravidar. Depois, os filhotes nasceram com “um problema nos olhos” e eles decidiram colocar Sofia e sua prole em um saco plástico que foi levado para bem longe da residência. O argumento é que não tinha dinheiro para cuidar de tantos gatos e que eles poderiam passar doenças para os moradores (informação verbal)⁵³.

Em segundo lugar, eles correm muitos riscos pelo fato de confiarem cegamente em humanos. Como estabelecem relações com um grupo grande de pessoas, acabam sendo presa fácil para aqueles que pretendem maltratá-los. Apesar de ter ouvido, no capítulo 5, que os animais sabem julgar o caráter e as intenções das pessoas, os relatos de protetores mostram que os animais comunitários confiam indistintamente nas pessoas e sofrem consequências graves com isso.

Este tipo de proteção divide os humanos. A condição de praga é acionada por aqueles que querem se ver livres dos animais que os perturbam ou ameaçam de alguma maneira. De outro lado, aqueles que forjam vínculos com os bichos buscam maneiras de protegê-los.

Os conflitos entre os dois grupos apareceu durante a etnografia quando comecei a observar uma prática comum em prédios públicos: o hábito de alimentar gatos abandonados. Sem um tutor específico, estes animais vivem com duas faces. Hora são apontados como vítimas indefesas da crueldade humana, hora como vetores de doenças perigosíssimas que colocam o risco de toda a coletividade.

Ao estudar estes casos, ficou bem claro o papel do afeto e da empatia na forma como animais humanos e não-humanos se relacionam e como a posição dos bichos na sociedade oscila em função da maneira como são classificados.

⁵² Depoimento concedido e

⁵³ Depoimento concedido em fevereiro de 2014.

6.3 Os gatos cuiabanos

6.3.1 Os gatos da UFMT

Cuiabá tem muitos gatos de rua - talvez todas as cidades do país tenham. Na capital de Mato Grosso, encontra-se uma grande concentração destes animais no campus da UFMT. São centenas de gatos abandonados ainda filhotes, que recebem cuidados de parte dos alunos e dos servidores. Alguns nascem no local. É comum encontrar potes de água e de ração espalhados pelo campus – a ponto do lugar ter se tornado uma espécie de *hot spot* de abandono reconhecido pela população. Quando alguma gata tem filhotes e o dono não quer, simplesmente vai até a UFMT e joga os animais em algum canto.

Ao mesmo tempo em que muitas pessoas demonstram pena e até interagem com os felinos, outras reclamam dos riscos de transmissão de doenças e da falta de higiene. Sentada na mesa de uma cantina, em uma área de convivência, flagrei um debate acalorado. De um lado, uma moça reclamava que os gatos estavam invadindo o restaurante universitário durante a madrugada e comendo os restos de alimentos deixados nas bandejas do jantar. Da outra ponta, um rapaz dizia que se não fossem os gatos, seriam os ratos e que a culpa do problema era da administração do Campus.

A funcionária da lanchonete me explicaria, mais tarde, que a louça do jantar só era limpa no dia seguinte. Ou seja, os estudantes comiam, deixavam as bandejas e talheres sujos no local e a limpeza se dava apenas pela manhã. Nesse meio tempo, os gatos atacavam. Quando eu perguntei o que ela achava do assunto, a moça deu uma risada sem jeito e disse que não tinha nada a declarar.

Certa tarde, uma lixeira queimada chamou minha atenção. Uma funcionária da limpeza, que passava pelo local, disse que, durante uma madrugada algumas semanas atrás, dois gatos foram colocados ali e depois atearam fogo. Ao longo dos meses, tive várias oportunidades de testar a crença popular de que os gatos são animais autossuficientes e interesseiros.

Uma frase que me marcou muito ao longo da etnografia foi a que ouvi de um senhor de idade, que parou para conversar comigo. “Quem gosta da gente é o cachorro, o gato gosta é da casa” (informação verbal)⁵⁴. Todas às vezes, no entanto, em que encontrei gatos e pessoas, vi animais carinhosos, receptivos não apenas à comida, mas também ao contato físico. Não acredito que isso desmente o fato dos gatos serem animais muito conectados com seu território, mas pelo menos mostra outra dimensão do comportamento deles.

Nos saguões da UFMT era comum que felinos fossem receber afagos dos estudantes, apesar de não haver nenhum tipo de alimento como contrapartida – até porque a oferta de comida para eles é farta. Isso coloca os gatos em uma posição bastante vulnerável. Como citei anteriormente, o contato com os humanos faz com que eles corram o risco de serem machucados ou mortos por alguém que é contra sua presença no local.

Ao ponderar essa questão em uma aula, fui surpreendida pelo comentário de uma aluna: “Isso é igualzinho à gente, professora, a gente também se aproxima dos outros e não sabe se vão nos machucar” (informação verbal)⁵⁵. Quando argumentei que uma coisa é ser magoado, a outra é ser queimado vivo, a menina lembrou os diversos casos de mendigos mortos da mesma maneira - atacados por outras pessoas. Uma terceira pessoa entrou na conversa e afirmou que mendigos e animais são tratados da mesma maneira. A aluna, que parecia ser bem entendida sobre crimes em geral, encerrou o assunto citando dois casos de pessoas assassinadas recentemente – e de forma cruel – por conhecidos.

Estes episódios mostram a variedade de visões e tensões que permeiam o contato entre os humanos e os bichos de rua. Achei todo tipo de animal vivendo por conta própria nas ruas de Cuiabá – inclusive silvestres – sem que houvesse nenhum tipo de indignação com isso. Já a presença de cães e gatos nas ruas é considerada fundamentalmente errada, como se eles tivessem que ser, obrigatoriamente, tutelados. O discurso da fragilidade dos animais que confiam demais em humanos confirmava esse imaginário que nega uma possível autonomia dos vira-latas – felinos e caninos.

Mas em alguns casos, os bichos se veem em uma situação de fragilidade que é extrema. Em uma manhã, encontrei, no meio de um canteiro em frente ao bloco

⁵⁴ Depoimento concedido em setembro de 2013.

⁵⁵ Depoimento concedido em setembro de 2013.

conhecido como Casarão dois filhotinhos muito pequenos. Um estava coberto de moscas. Ambos miavam muito. Foi mais um momento em que era impossível não me envolver com a cena. Como entendia muito pouco de gatos, tentei ligar para uma veterinária. Mas antes que a ligação completasse uma senhora apareceu, ela disse que os gatos tinham menos de 24 horas de vida, pegou os dois e sumiu para dentro do prédio – rejeitando qualquer tentativa de conversa da minha parte.



FOTOGRAFIA 14 – Gatos nascidos no campus da UFMT

Fonte: Eveline Baptistella. Cuiabá. 2014. Pessoas que frequentam o campus providenciaram uma caixa, água e comida para mãe e filhotes.

Imagino até hoje se ela era a servidora de quem ouvi falar várias vezes quando percorri a UFMT. Uma funcionária antiga da Universidade que dá comida e água aos gatos da área do Casarão. Essa mulher surge como um fantasma em relatos que ouvi de alunos e servidores. Há quem a coloque como uma santa. Outros, dizem que ela é uma das raízes do problema da superpopulação de gatos no campus.

Conseguí seu telefone e tentei conversar com ela. Em um primeiro contato ela foi solícita. Depois, nunca mais me atendeu. Pelo que vi, não importa como seja

classificada, ela vive como uma criminosa. A administração do Campus é claramente contra os animais e sua atuação como protetora fere o que é considerado "saudável" para o local. Por isso, ela continua alimentando os bichos, mas sempre escondida.

Já havia detectado a prática de alimentar animais de rua em segredo anteriormente, quando visitei a sede das Promotorias de Justiça para ver os tucanos. Lá, encontrei um *pinscher* muito pequeno e agressivo, provavelmente assustado. Tentei resgatá-lo, mas não consegui. Liguei para uma funcionária do local, que era minha informante para falar sobre o cachorro. Ela disse que não me preocupasse: ela estava levando alimento para o cão até que pudesse encontrar um lar que o abrigasse. Só pediu total sigilo porque a prática era proibida (informação verbal)⁵⁶.

Essa situação se repete em diversos prédios públicos. No CPA, há muitos gatos abandonados e os dirigentes das secretarias e órgãos públicos restringem, de forma não oficial, a prática. Aqueles que têm vínculos com os animais acabam sendo também marginalizados. O tratamento de criminoso para quem tem esse comportamento chegou a ser institucionalizado pelo poder judiciário em um caso que gerou grande controvérsia na sociedade cuiabana.

6.3.2 Os gatos do TJ

No apagar das luzes de 2013, mais exatamente no dia vinte e três de dezembro, o desembargador Orlando Perri, então presidente do Tribunal de Justiça de Mato Grosso, assinou uma portaria proibindo a alimentação dos cerca de 100 gatos que viviam na sede do órgão. A notícia só ganhou repercussão a partir do dia seis de janeiro de 2014, com a divulgação pela imprensa (SERVIDORES DO..., 2014, p.1). O escândalo em torno do fato não era só porque os animais ficariam sem comida: a portaria (anexo 1) autorizava a revista dos servidores.

Art . 1º - Fica vedado o acesso de pessoas às dependências das unidades judiciárias portando qualquer espécie de alimento (ração, suplementos, sobras alimentares, líquidos, etc.) destinado a prover a alimentação de qualquer espécie animal, errante ou não, dentro dos prédios das unidades judiciárias e no seu entorno. Parágrafo único. Para o cumprimento do caput deste artigo e para as situações necessárias, fica autorizada, excepcionalmente, desde que haja suspeitas justificadas, a revista de

⁵⁶ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

veículos e pertences pessoais (bolsas, valises, sacolas, recipientes fechados) pela Coordenadoria Militar (TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2014, p. 1).

Até mesmo o vocabulário utilizado na portaria se parecia com os termos do código penal.

Art . 3º Os usuários das dependências das unidades judiciárias do Estado de Mato Grosso devem comunicar, de imediato, o gestor geral do Fórum, em primeira instância, e a Coordenadoria de Infraestrutura – Divisão de Manutenção e Serviços, em segunda instância, acerca da existência de animais, errantes ou não, ou o flagrante da distribuição de alimentos a estes no interior e no entorno dos respectivos prédios, com vistas à adoção das providências cabíveis (TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2014, p. 1).

A briga já vinha de longe. A proibição à alimentação começou em fevereiro de 2012 (TJ PROÍBE..., 2012, p.1), mas conforme constatei durante os meses de etnografia, em 2013, ninguém cumpria a determinação.

Tive a oportunidade de conversar com diversos servidores que cuidavam dos animais oferecendo água, alimentação e até mesmo abrigo dentro do prédio. Eles consideravam a proibição descabida e mesmo um ato de crueldade. Uma servidora me disse que o Tribunal de Justiça era “um umbral e os gatos são a única coisa que ajuda a descarregar esse lugar” (informação verbal)⁵⁷. Ela não foi a única a expressar esse sentimento. Era recorrente a apresentação dos gatos como animais que traziam uma ambiência positiva para o prédio. Os argumentos incluíam o fato de que os gatos eram amorosos, companheiros e que não tinha culpa de serem abandonados.

Nem todos pensavam assim. Por isso mesmo, aqueles que conversaram comigo defendendo os gatos pediam sigilo de identidade. Argumentavam que poderiam sofrer represálias. Uma notícia de 2012 me foi apresentada como o símbolo maior da campanha difamatória contra os gatos (SUPERPOPULAÇÃO DE ..., 2012, p.1): nela, o coordenador de saúde do TJ, Homero Florisbello atribuía aos felinos até mesmo tentativas contra a integridade física dos trabalhadores.

Para o coordenador de saúde da unidade, Homero Florisbello, os felinos já causaram transtornos aos funcionários. “Os próprios servidores colocam a ração para os gatos. Tivemos dois casos de servidores que foram mordidos e um acidente. Também existe o mau cheiro e gatos que se escondem nos motores dos carros”, detalhou. Homero contou que no ano passado um dos gatos entrou na caixa de força do estacionamento e causou um curto-circuito. Já os servidores ‘atacados’ tomaram vacina contra raiva. No entanto, o CZZ informou que não foi notificado de nenhum ataque SUPERPOPULAÇÃO DE ..., 2012, p. 1).

⁵⁷ Depoimento concedido em janeiro de 2104.

Uma servidora tinha a notícia impressa e teceu tantos xingamentos a Florisbelo que cheguei a ficar constrangida. As palavras mais suaves que ouvi foram mentiroso e assassino. Nesta visita específica ao local, fui sem a câmera, como se fosse uma cidadã percorrendo o prédio. Mas essa mulher se lembrou de mim do tempo em que eu era jornalista de uma emissora de TV e foi pedir ajuda. Eu expliquei que a reportagem já estava ouvindo os dois lados, mas ela rebateu: “tem que ser uma repórter que entende de animais. Tem que ser você”. Só então ela explicou que me achava uma fonte confiável devido a um quadro que eu tive no telejornal da hora do almoço, voltado especialmente para crianças, chamado “Amigo Bicho” (informação verbal)⁵⁸.

Mesmo diante da minha impossibilidade em ajudar, já que não trabalhava mais na mídia, ela continuou me mantendo informada sobre as idas e voltas do caso. A indignação agora estava multiplicada porque havia a possibilidade de revista dos trabalhadores, o que, segundo ela, feria os direitos humanos. Dessa vez, a repercussão na mídia também foi bem maior que em 2012, provavelmente por esse último detalhe – a autorização de revista.

Um detalhe da portaria de 2013 era ainda mais escabroso para todos aqueles que se preocupavam com o bem estar dos gatos:

Parágrafo único – Recebendo a comunicação, o gestor geral do Fórum e/ ou a Coordenadoria de Infraestrutura – Divisão de Manutenção e Serviços, adotarão medidas imediatas para remoção do(s) animal (is) , solicitando a ação do Centro de Controle de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde e/ ou de profissionais da vigilância sanitária, e promovendo a limpeza do local onde se encontravam.

O CCZ é o equivalente contemporâneo do “homem da carrocinha”, figura que atormentava as crianças que deixavam seus pets soltos na rua no século passado. Isso porque o destino de quase todos os animais que vão parar no CCZ é a morte, conforme me relataram inúmeras pessoas, especialmente os entrevistados que se apresentavam como protetores de animais ou ativistas dos direitos animais.

Provavelmente, ninguém no Tribunal de Justiça esperava a avalanche de reprovação pública que se seguiu. Percebi que ao mexer com os direitos dos seres humanos, o caso ganhou vulto. Houve mobilização para resguardar os interesses dos gatos. Especialmente de uma desembargadora aposentada, a Dra. Shelma Lombardi Kato, conhecida como uma das primeiras vozes a se levantar pelos

⁵⁸ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

direitos dos animais no estado. O nome dela é ligado também à proliferação de gatos na UFMT. Muitos detratores dos gatos afirmam que, durante anos, ela mandava um empregado levar comida aos animais no campus diariamente, o que gerou a superpopulação de felinos.

No caso do TJ, em conjunto com a ONG Voz Animal, ela providenciou que os animais fossem retirados do prédio, castrados e abrigados em outros locais. A presidente da ONG esbravejou na mídia:

Maria das Dores avaliou como absurda a portaria baixada pelo Tribunal. “Foi um absurdo a atitude dele (Orlando Perri), pois deveria ter nos chamado para conversar antes de baixar essa portaria absurda, que vai contra os direitos animais, pois, se não forem alimentados, eles vão morrer de fome”, declarou (SERVIDORES DO..., 2014, p. 1).

A percepção pública negativa do caso trouxe para a arena do cotidiano uma velha conhecida do capítulo 1: a ciência. Uma nota oficial emitida pelo departamento de comunicação do Tribunal de Justiça (anexo 2) lançou mão dos argumentos científicos e antropocêntricos para justificar a controversa portaria. O conteúdo geral do documento busca mostrar que os gatos são um risco para a saúde dos servidores, o texto se refere também às medidas determinadas – e não cumpridas – em 2012.

Nos documentos foram expostos motivos para manter o ambiente livre de animais, tendo em vista as possíveis doenças causadas pelos felinos. (...) No documento foi lembrado ainda o problema causado no forro do departamento judiciário auxiliar (Dejaux) e da Coordenadoria de Tecnologia da Informação, infectado pela urina de gato (TRIBUNAL DE..., 2014, p. 1).

A nota oficial traz as ponderações do médico veterinário do CCZ de Cuiabá, Fernão Franco, como justificativa para a medida adotada.

Do ponto de vista sanitário, o risco é de contaminação pelo vírus da raiva, uma doença que, se não for tratada, pode matar o ser humano”, alertou. A contaminação se dá pela mordida ou arranhões do animal infectado. Outras doenças também podem ser transmitidas pelo gato, como a toxoplasmose e a *larva migrans cutânea*, conhecida popularmente como bicho geográfico. Ambas podem ser transmitidas pela urina e fezes (TRIBUNAL DE..., 2014, p. 1).

Conversei com uma médica veterinária de Cuiabá, a Dra. Magda Omori. Ela explicou que, na verdade, o bicho geográfico é transmitido pelas fezes do cachorro e a toxoplasmose não é transmitida pela urina do gato (informação verbal)⁵⁹. Mas ao

⁵⁹ Depoimento concedido em maio de 2015.

apresentar essa versão, o documento deu força ao discurso dos servidores que eram contrários aos gatos. Um senhor me disse que o perigo era altíssimo porque os gatos iriam fazer xixi em cima de mesas e objetos, depois a urina secaria e eles trabalhariam usando objetos contaminados, pegando, por fim, a toxoplasmose (informação verbal)⁶⁰.

O nome Homero Florisbelo surgiu novamente: ele é citado no documento como médico responsável pelo Ambulatório Médico do Tribunal de Justiça. Seu comentário chega a ser surpreendente, pois usa o velho mito de que a toxoplasmose é a doença do gato, mas, ao mesmo tempo, desvincula o animal da doença.

Nossa cidade enfrentou um foco de toxoplasmose recentemente. Muito embora não tenha relação direta com o gato, o animal é um dos hospedeiros desta doença. A doença passa despercebida até que a pessoa começa a sentir sintomas de gripe, como febre e gânglios doloridos (TRIBUNAL DE..., 2014, p. 1).

A questão da toxoplasmose já havia aparecido no meu percurso pela cidade. Certa vez, em uma praça de caminhada do Parque Cuiabá, duas mães debatiam os riscos de deixar suas crianças brincando na terra. Uma delas alegou que a areia tinha xixi de gato e que poderia transmitir toxoplasmose, que era a “doença do gato”. A outra mãe disse que tinha um monte de gatos em casa e que nunca tinha ouvido falar que xixi de gato passava doença, mas que seus gatos eram muito limpos e só faziam as necessidades na caixinha, que não havia perigo.

Também encontrei uma grávida na UFMT, acariciando um gato abandonado. Ela falava a duas outras pessoas que estavam perto que era seu segundo filho e que ela sempre teve gatos, que eles não eram perigosos para a saúde. Percebi que ela estava argumentando sobre a recomendação popular de se “desfazer” dos gatos quando há uma mulher grávida em casa, pois eles passariam a doença para o bebê e para a mãe. A conversa continuou com a moça explicando os benefícios da convivência do seu filho já nascido e os animais de estimação.

Diversos sites, jornais e até mesmo emissoras de tv tratam a toxoplasmose com o termo “doença do gato”. Segundo protetores de animais entrevistados na pesquisa, muitos animais foram mortos e outros tantos abandonados devido a essa simples nomenclatura.

Toxoplasmose é uma doença infecciosa, congênita ou adquirida, causada por um protozoário chamado *Toxoplasma gondii*, encontrado nas fezes dos gatos e outros felinos. Homens e outros animais também podem hospedar o

⁶⁰ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

parasita. A toxoplasmose pode ser adquirida pela ingestão de alimentos contaminados — em especial carnes cruas ou mal passadas, principalmente de porco e de carneiro, e vegetais que abriguem os cistos do *Toxoplasma*, por terem tido contato com as fezes de animais hospedeiros ou material contaminado por elas mesmas. A toxoplasmose pode ser transmitida congenitamente, ou seja, da mãe para o feto, mas não se transmite de uma pessoa para outra (VARELA, 2012, p. 1).

A médica veterinária Magda Omori me passou também a informação de que o sistema digestivo do gato é o lugar onde o protozoário se desenvolve, mas o verdadeiro vilão da doença é a falta de higiene adequada de vegetais e hortaliças, bem como consumo de carne mal passada. “Seria preciso a pessoa colocar a pata do gato na boca, por exemplo. Mas se a pessoa lavar a mão, mexer nas fezes deles com luvas, mantiver o gato em casa, o risco é muito pequeno”, ela afirmou (informação verbal)⁶¹.

Uma servidora do Tribunal de Justiça usou um argumento parecido ao falar comigo sobre o caso. Bastante exaltada, ela tinha a voz de uma pessoa a ponto de chorar. “Estão dizendo que o xixi do gato que passa a doença, estão dizendo um monte de merda. Para esses gatos aqui passarem a doença para a gente, a gente teria que comer o cocô do gato, você tá me entendendo? Isso não tem nada que ver com toxoplasmose, não tem nada” (informação verbal)⁶².

Depois, ela parou e pareceu se lembrar de que eu estava gravando a conversa. Então, pediu que eu apagasse o áudio. Não queria ser identificada e tinha medo de perder o emprego – apesar de ser concursada e ter estabilidade. Apaguei o áudio na frente dela e deixei o gravador desligado em cima de uma cadeira, bem à vista, porque depois disso ela ainda me perguntou se eu não estava “gravando escondido”.

Como a ciência foi mobilizada, trago mais um pouco de ciência para a discussão, como forma de consolidar como fato a explicação dada pela veterinária:

Um em cada dois brasileiros já teve contato com a toxoplasmose e apresenta sorologia positiva para a doença, causada por um protozoário (*Toxoplasma gondii*) que se reproduz no sistema digestivo dos felinos e que pode provocar cegueira, abortamentos e levar até a morte. A transmissão para os humanos se dá pela ingestão de carnes mal passadas ou verduras e frutas mal lavadas, além do contato com o protozoário. O dado é da pesquisadora Maria Regina Reis Amendoeira, chefe do Laboratório de Toxoplasmose do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) (MAIS DA..., 2012, p. 1).

⁶¹ Depoimento concedido em maio de 2015.

⁶² Depoimento concedido em janeiro de 2014.

Apesar dos tipos de problemas de saúde citados serem bem assustadores, a própria pesquisadora tem uma ressalva:

A toxoplasmose é uma doença autolimitada. Cerca de 90% das pessoas que têm contato com o parasita, não têm a sintomatologia ou então apresentam uma forma muito branda. O mais frequente é ter dor de cabeça, dor muscular e articular, cansaço. Simula uma gripe, Simula uma gripe, tem uma febre e enfartamento ganglionar [ínguas], ou seja, pode ser qualquer coisa. Qualquer infecção pode dar isso (MAIS DA..., 2012, p. 1.).

O verdadeiro risco da toxoplasmose é especialmente para pessoas com imunidade baixa, como idosos, portadores do vírus da Aids e pacientes em tratamento quimioterápico. A pesquisa também aborda a questão da convivência com os gatos:

A pesquisadora alerta que gatos domésticos não devem dormir na cama com os donos e nem subir na mesa, pois podem trazer nas patas os cistos do protozoário. Pesquisas indicam que 16% dos gatos domésticos que têm donos, mas costumam passar um tempo fora da residência em contato com outros felinos e eventualmente caçando outros animais, apresentam o protozoário da toxoplasmose. Já os gatos que comem apenas ração e nunca saem de casa têm chance quase zero de ter a doença. “Não precisa se desfazer do gato. Basta ter cuidados. Principalmente a mulher que nunca teve contato com a doença. Porque se ela se contaminar durante a gestação poderá passar para o bebê, levando ao aborto ou deixando sequelas, como hidrocefalia e toxoplasmose ocular, que pode causar cegueira” (MAIS DA..., 2012, p. 1.).

A higiene correta de alimentos e do corpo, me alertou a veterinária Magda Omori, seria o ponto principal na prevenção da toxoplasmose. No entanto, o gato aparece sempre como destaque quando se fala da doença porque é uma maneira fácil de justificar procedimentos radicais para extermínio – como a suspensão da alimentação e a remoção para a morte no CCZ.

Em um caso como o do Tribunal de Justiça o risco para saúde é um argumento poderoso, pois trata da sobrevivência dos servidores. Ninguém quer ficar cego, morrer ou sofrer aborto. A retirada dos gatos era, então, um ato emergencial que visava a preservação do bem-estar humano.

A portaria, no entanto, demonstra a falta de preocupação com o destino dos gatos em si. O artigo primeiro do documento proíbe o acesso a qualquer unidade do judiciário portando comida ou líquidos para animais. O artigo segundo veda a distribuição. O artigo terceiro fala em denunciar os infratores que cometem o crime de alimentar os animais – implicitamente, colocando em risco o bem-estar e até mesmo a vida de seus colegas humanos. Em seguida, um parágrafo único especifica:

Recebendo a comunicação, o gestor geral do Fórum e/ ou a Coordenadoria de Infraestrutura – Divisão de Manutenção e Serviços, adotarão medidas imediatas para remoção do(s) animal (is), solicitando a ação do Centro de Controle de Zoonoses da Secretaria Municipal de Saúde e/ ou de profissionais da vigilância sanitária, e promovendo a limpeza do local onde se encontravam (TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 2014, p. 1).

O documento não deixa claro quais seriam as consequências das medidas imediatas de remoção. Talvez porque a ninguém da administração do Tribunal de Justiça essa questão realmente importasse. Os gatos ali eram um problema de saúde pública. Acredito que nenhum ser humano tenha um interesse particular em passar fome – salvo os casos das dietas ou das formas alternativas de alimentação, como as dos grupos que afirmam se alimentar de luz. Também acredito firmemente que são muito poucas as pessoas que desejam ser retiradas do lugar onde vivem e levadas para um prédio público, colocadas em gaiolas e postas a esperar a morte em poucos dias. Ainda que com todas as barreiras de linguagem, ou o abismo da não-compreensão já citado, penso que os gatos também não são masoquistas incorrigíveis que aplaudiriam as medidas do desembargador Orlando Perri.

Não questiono aqui, os motivos do administrador público ou do médico Florisbello nem pretendo atacá-los – como muitas pessoas fizeram durante este caso. Mas estes documentos mostram a total desconsideração de um elemento crucial nesta situação: as próprias relações de afeto entre os servidores e os gatos. Como vários me disseram - e como pude ver em outras situações na etnografia - existem laços sinceros de amor e companheirismo entre homens e animais.

As pessoas mais exaltadas com a situação eram aquelas que alimentavam os bichos e já tinham uma relação com os gatos. Elas não estavam só perdendo autonomia e sendo tratadas como criminosas, estavam em vias de ver criaturas que amavam serem maltratadas e eventualmente mortas.

Para completar, os animais seriam recolhidos pelo CCZ durante a alimentação, momento em que estariam próximos dos humanos em quem mais confiavam. Uma protetora de animais sintetizou a questão do TJ da seguinte forma: “o que essas pessoas vão dizer para os gatos quando chegarem os homens da zoonoses lá e levarem todos para morrer?” (informação verbal)⁶³. Esta foi uma pergunta que as autoridades não se fizeram, apoiadas apenas nos critérios de

⁶³ Depoimento concedido em janeiro de 2014.

saúde pública. Alguns deles, imaginários, como a transmissão de bicho geográfico por meio de urina de gato.

Aí, surge o completo descaso e, muitas vezes, a repulsa, em relação aos animais que vivem nas ruas da cidade. Na minha peregrinação, todas as câmeras e suspiros se voltaram para os animais silvestres no espaço urbano. Os animais de rua só tinham algum destaque diante de um nicho bem específico: os protetores de animais. Mas quando andei pela cidade não testemunhei nenhum resgate ou gesto de solidariedade, somente animais seguindo com suas vidas.

Vários servidores do TJ – tanto pró e contra felinos – consideravam que os gatos só continuaram vivos pela grande repercussão na mídia/redes sociais, que provocou a intervenção dos protetores de animais. Foram os servidores afeitos aos gatos que levaram o caso para a imprensa. Eles não podiam tomar medidas de forma pública sem colocar o próprio sustento em risco mas encontraram pessoas dispostas a brigar pela manutenção da vida dos gatos.

Assim, ser estimado, na cidade, significa a diferença entre a vida e a morte até mesmo para os animais de rua. Se nem todos os gatos do TJ foram encaminhados para um lar, pelo menos a totalidade escapou do sofrimento da privação de alimento e da subsequente eutanásia. O destino de animais de rua que não estabelecem a mesma conexão com os humanos pode ser a morte por atropelamento, doenças, inanição ou maus tratos.

6.3.3 O gato do cemitério

Em um dia de etnografia fui com um grupo de colegas ao Cemitério da Boa Morte, localizado bem no centro de Cuiabá. A proposta era falarmos da cidade, mas focalizei especificamente os animais. Mesmo que não quisesse fazer isso, meus colegas faziam questão de alertar sempre que viam algum bicho.

Quando entramos no cemitério, automaticamente comecei a andar entre os túmulos, atraída por um grupo de pardais e bem-te-vis que parecia discutir em cima de um fio de energia. De relance, vi um gato se esgueirar e sumir de repente. Naquele clima sobrenatural, comecei a me perguntar se realmente havia visto o gato, pois não consegui mais encontra-lo após aquela visão inicial.

Recorri ao grupo de coveiros que trabalhava no local. Em um primeiro momento, eles se mostraram desconfiados e perguntaram se eu era da imprensa. Expliquei que estava fazendo uma pesquisa e estudava na UFMT. A partir daí, os homens relaxaram, pois identificaram a universidade como um local “bom para os gatos”. Eles me disseram que existia sim um gato ali, com as características que eu havia mencionado.

- Esse gato vive aqui?

- Vive sim.

- Ele é de rua?

- Não, ele é nosso, nós damos comida para ele e tudo. É muito bonito, tá tratado.

Outro coveiro completou:

- Os outros é que são de rua (informação verbal).⁶⁴

Só vi aquele gato no cemitério, mas os coveiros explicaram que havia outros, pois periodicamente as pessoas abandonavam os animais ali. O gato que vi, no entanto, era de estimação e recebia comida e tratamento. Os outros, não. Eles disseram que os administradores do Cemitério proibiram a alimentação dos animais e chamaram o CCZ para recolher todos os gatos. O gato do cemitério escapou com a proteção dos amigos humanos. Os coveiros forjaram o vínculo de amizade exclusivamente com ele e, por isso, apesar de viver no cemitério, ele não era considerado um gato de rua. Todos os outros, mesmo sendo gatos e vivendo no mesmo local, eram animais sem dono.

Após encerrarmos a conversa, um dos coveiros se aproximou e disse, em voz baixa, que eu devia procurar uma senhora que morava em um prédio próximo. Ela levava comida para os outros felinos diariamente e colocava na rua, fora dos limites do cemitério. Isso permitia que eles sobrevivessem confortavelmente ali. A administração não podia fazer nada – apenas chamar o Controle de Zoonoses periodicamente. O homem disse que não aceitava maldade com os animais e que, ali, os bichos estavam vulneráveis. Talvez se eu falasse com a mulher ela arrumasse um jeito de levar os gatos para um lugar fora do alcance do CCZ. Ele também afirmou que iria levar o gato do cemitério para sua casa em breve, “pois a fiscalização não está mole” (informação verbal)⁶⁵.

⁶⁴ Depoimento concedido em abril de 2013.

⁶⁵ Depoimento concedido em abril de 2013.



FOTOGRAFIA 15 – O gato do cemitério

Fonte: Eveline Baptistella. Cuiabá. 2013. O gato de estimação dos coveiros do Cemitério da Boa Morte.

Antes de sair do Cemitério da Boa Morte, o gato do cemitério reapareceu e parou diante de uma placa, como que fazendo pose para a câmera. Qual a diferença entre aquele gato e todos os outros? Porque aquele animal era protegido enquanto os outros, mais dia menos dia, acabavam caindo no CCZ?

Alguns animais forjam um elo emocional com os seres humanos e este vínculo determina suas condições de vida na cidade. Decidi chamar este mecanismo de ponte, pois ele funciona dos dois lados, tanto pode ser ativado pelos humanos quanto pelos próprios animais. O caso do boi Mansinho, citado no capítulo 1, é um exemplo de animal que construiu esta ponte. Foi ele quem se aproximou do administrador, que chegou a tentar compra-lo para poupar sua vida.

Na minha própria biografia, registro um caso semelhante. Trabalhei no campus da UFMT entre 2010 e 2012. Diariamente, convivi com a situação dos gatos abandonados e participei de algumas ações para tentar resolver a situação. Uma gata em específico, uma filhote de cerca de três meses, começou a visitar minha sala todos os dias. Apesar das restrições pesadas ao acesso de animais no local em que eu ficava, ela encontrava uma maneira de entrar. A gatinha se enroscava nas

minhas pernas e ficava no meu colo por longos períodos. Eu nunca a alimentei e não imaginava porque, entre tantas pessoas, ela havia decidido se aproximar de mim.

Sabendo os problemas que os animais enfrentavam no campus, consegui rapidamente um lar adotivo para a gata. No novo lar, ela demonstrou uma personalidade dominante e ganhou o nome de Madonna – seus tutores dizem que ela manda até nos cães da casa. Naquele mesmo período, encontrei diversos gatos, mas foi Madonna, que estabeleceu um vínculo comigo quem teve a vida radicalmente alterada.

Barros (2009) mostra que diferença é uma condição ligada ao ser enquanto a desigualdade é transitória. A diferença entre humanos e bichos é construída, mas também é natural. Se biologicamente serão sempre diferentes de nós, a situação de desigualdade em que se encontram pode mudar. O animal indesejável de hoje pode mudar de posição, exatamente como aconteceu com Madonna.

Ser um *pet*, como já vimos, apresenta desvantagens e restrições. Mas em uma sociedade em que o bem-estar humano ainda é preponderante, a condição de estima determina o destino dos animais. É ela que faz com que até mesmo os argumentos científicos sejam desarmados em conflitos de saúde pública. Os animais não são elementos inanimados nesse processo. Para o bem ou para o mal, nas trocas emocionais que estabelecem com humanos, eles vêem seus papéis sociais serem cristalizados ou transformados.

7. O MEU ANIMAL

7.1 O valor da relação

Durante uma apresentação acadêmica expus os principais pontos desta pesquisa. Não foi um encontro sem tensão pois duas pesquisadoras, apesar de amigas, estavam em lados opostos do conflito sobre os gatos abandonados. Uma delas adotou três gatos encontrados no campus e ajuda um sem número de animais nas ruas. Também é frequente que recolha e trate animais feridos ou debilitados para depois encaminhá-los a lares adotivos. A outra questionava todos os perigos e incômodos causados pela presença dos felinos no campus e lamentou, de forma irrefletida, o fato deles não poderem ser mortos.

Quando afirmei que as diferentes relações entre animais humanos e não-humanos se desenvolviam a partir do tipo de vínculo afetivo estabelecido entre os dois lados, disse que as pessoas que gostavam de animais os protegeriam e as que não gostavam, dariam de ombros para a situação.

A pesquisadora que não se sentia confortável com os gatos no campus, rapidamente apresentou uma ressalva: ela gostava, sim, de animais. Gostava muito até. Mas gostava dos seus animais. Ou seja, aqueles bichos que compartilhavam do seu espaço familiar e com os quais tinha uma ponte estabelecida.

Trago dois relatos de caso da mídia para demonstrar este mecanismo. No primeiro episódio da segunda temporada do programa *Masterchef* Brasil um candidato levou a coelha de estimação para a prova de seleção. Toda a situação foi tratada como uma brincadeira, com direito a trilha sonora utilizada para cenas de humor.

Enquanto o concorrente Murilo fazia o preparo do prato, o namorado dele segurava a coelha no colo e ele explicava que faria um coelho com cenouras e farofa.

Murilo: - É bom que ela não escute. Tampa as orelhas.

Antes de entrar na sala dos jurados, ele afirmou que as quatro patas da coelha deveriam dar bastante sorte, se esquecendo que, na verdade, sua seleção contaria com oito patas: quatro da coelha de estimação e quatro do animal morto.

Já diante dos juízes, Murilo tirou a coelha viva de uma caixa escondida no carrinho de alimentos e, segurando uma faca, anunciou:

Murilo: - Eu vou preparar um *tartar* de coelho.

Tartar é um prato que reúne carne crua picada, ovos e condimentos. Diante do olhar de surpresa de alguns jurados, ele completou:

- Estou brincando.

Erick Jaquin (jurado) – Você mataria esse agora? Eu seguro.

Murilo – Não. Esse eu tenho sentimentos.

Com a coelha na caixa, Murilo começou a preparar a receita que incluía fígado e rins de coelho. Quando o jurado Erick Jaquin foi experimentar o refeição, perguntou qual o nome do prato. Murilo disse que era coelho à cenoura e farofa. O jurado retrucou:

Erick Jaquin – Eu chamo esse prato agora de velório do coelho.

Quando finalmente Murilo passou pelo crivo dos chefes e foi selecionado para continuar no programa, o quadro foi encerrado com o seguinte diálogo.

Erick Jaquin – Quem deve ser mais feliz de tudo é o coelho lá embaixo, porque ele falou “se ele quer tentar de novo, eu tô ferrado”.

Murilo – Não vai acontecer... com ela.

Apesar de ter uma coelha de estimação, Murilo não se compadeceu do restante dos coelhos (MURILO PREPARA..., 2015, p.1). Assim, o vínculo emocional determina o comportamento diante deste ou daquele animal, mesmo que eles sejam da mesma espécie.

Em um caso de violência que teve bastante destaque na mídia, uma mulher chamada Nina Mandim terminou o relacionamento ao saber que o namorado, Rafael Hermida, batia nos seus animais de estimação. Desde que o rapaz se mudou para a casa dela, o comportamento das cadelas da família – Gucci e Vitória - havia mudado. Ela decidiu instalar câmeras de segurança no apartamento e gravou imagens dele espancando as cachorras. As cenas foram postadas por Nina no *Facebook* e tiveram repercussão imediata, indo parar no noticiário nacional das grandes empresas de comunicação.



FIGURA 4 – Rapaz agride cadela da noiva

Fonte: Reprodução/ O Dia. Rio de Janeiro. 2015. Como acontece com pais preocupados ao deixar seus bebês com as babás, a namorada instalou

câmeras de segurança e flagrou o companheiro espancando as cadelas da casa.

No vídeo, Rafael retira uma cachorra escondida debaixo de um móvel apenas para espancá-la. Dá cabeçadas em um dos animais e o atira no chão. Em uma rede social, o empresário se justificou com um depoimento. Admitiu o erro e disse o seguinte: “aos que me conhecem sabem que eu amo animais. Tenho, inclusive, sete cachorros, sendo um deles um vira-lata que eu peguei abandonado na rua” (HOMEM FLAGRADO..., 2015, p. 1).

Nina Mandin entregou à produção do programa Ana Maria Braga, no dia 10 de fevereiro de 2015, a cópia de um e-mail que recebeu do ex-namorado. Ele dizia que sentia ciúmes dela com as cachorras, que ela passava mais tempo com as cachorras do que ele. Disse ainda que ela batia nos cachorros dele, por isso ele resolveu agredir os cachorros dela. Também admitiu que odiava os cachorros dela. Rafael amava animais, os animais dele. Mas se tratando das cachorras Gucci e Vitória, em que não havia afeto, ele foi capaz de uma conduta brutal (DONA DE..., 2015, p. 1).

Conforme Kulick (2009, p. 499), a fronteira entre animais de estimação e pessoas não é nada clara. No cotidiano, os valores se alternam. No campo das sensibilidades individuais um bicho amado pode ter mais valor que um ser humano, apesar do imperativo moral de preservação da própria espécie. Uma entrevistada mencionou que se tivesse que escolher entre salvar uma pessoa ou um animal, escolheria o ser humano. No entanto, ao ser confrontada com uma possibilidade que envolvesse animais do seu afeto, o discurso mudou.

Pesquisador: E deixa eu te perguntar uma coisa, você falou né que se tiver que salvar um humano ou um animal você salvaria um humano, e se fosse o Alfredo?

Entrevistado: Ai já é diferente. Eu tenho dois braços. Se eu tivesse que sair da minha casa correndo por alguma coisa eu taria (sic) com o Epaminondas em um braço e o Alfredo no outro. Por que sei que minha mãe e meu pai iam conseguir se salvar também. Considerando que todo mundo consegue se salvar entendeu? Se eu tivesse três braços assim, Epaminondas em um braço, Alfredo no outro e o outro braço pra salvar o outro. São membros da minha família. Entendeu? Mas eu falo na sociedade, lá fora eu não penso duas vezes, eu sei que um humano é mais

importante sem sombra de dúvidas. Mas assim, quando envolve a minha família, aqui dentro da minha casa é o que eu penso em salvar (informação verbal).⁶⁶

O relacionamento estabelecido, as formas de convivência e as trocas emocionais funcionam como fatores que vão definir a maneira como o animal é posicionado na sociedade e o tipo de tratamento que receberá.

7.2 Indivíduos

Em uma aula do estágio docência, minha orientadora apresentou um artigo sobre animais e, em determinado ponto, começou a contar a história de um pastor alemão. Na parede, apareceu projetada a figura de um cão. Alguns comentários começaram a surgir e ela rapidamente explicou que aquele não era o cão ao qual se referia. Era um cão genérico que representava o pastor alemão do artigo.

Como jornalista, aprendi bem cedo as implicações de trocar a imagem das pessoas. Falar sobre Maria Silva e colocar um foto de Maria José não é admitido. Em alguns casos, pode se transformar em uma questão jurídica: um dos meus alunos foi processado por colocar, em uma reportagem, a foto de um homem inocente como autor de um crime. No caso dos animais não-humanos, ao contrário, é plenamente aceito que um bicho represente o outro só por serem da mesma espécie.

Estas reflexões nos remetem ao papel do animal como indivíduo – ou como pessoa. Admitir, como faço aqui, que os bichos tem agência é reconhecer também que eles têm personalidades distintas e que seu comportamento vai além das determinações biológicas.

Entretanto, o difícil é responder o porquê de não percebermos gatos ou cachorros, ou quaisquer outros animais, especialmente aqueles mais distantes do convívio humano, como singulares entre si. Atribuimos a eles uma homogeneidade própria de uma programação biológica essencial – da espécie, cujas pequenas diferenças resultam, dentro uma gama possível de variabilidade, de também pequenas possibilidades de arranjos e rearranjos genéticos – que chamamos de raça. Em outras palavras, animais *não-humanos*, são, para nós, naturalmente biológicos, enquanto que os animais *humanos* são biológicos e algo a mais (SEGATA, 2012, p. 157).

Segata (2012) aponta alguns elementos que fazem com que alguns animais sejam individualizados enquanto outros continuam confinados à raça ou espécie. Os

⁶⁶ Depoimento concedido em março de 2015.

pets seriam animais *personalizados* pelos tutores, que fazem investimentos não somente financeiros nos bichos mas também emocionais.

Dessa perspectiva, as roupas, os perfumes, os nomes e mimos oferecidos aos animais de estimação poderiam ser tomados, literalmente, como a composição de um personagem, que cumpre um duplo papel - permite a relação e cria a distinção entre peças aparentemente iguais de uma dada espécie (SEGATA, 2012, p. 160)

A partir da etnografia traçada em Cuiabá, verifiquei que o reconhecimento de personalidade e, por conseguinte as formas de conduta, se dão pelos termos emocionais. A convivência ou a empatia por determinado animal não-humano eram pontos importantes no processo de reconhecimento do bicho como indivíduos e da concessão de direitos ou até mesmo regalias – como no caso do cachorro que dormia na cama com os tutores ou das afirmações recorrentes de que os animais eram moralmente superiores aos humanos.

Ao narrar seus experimentos com o papagaio Alex, Pepperberg (2009) conta que comprou outras aves da mesma espécie para realizar os estudos. Alex não era apenas uma ave com grandes habilidades cognitivas. Ele era também dono de uma personalidade forte, vaidoso e, constantemente, ditava regras na pesquisa, chegando ao ponto de encerrar o trabalho quando estava entediado. Já seus congêneres Alo e Kyo – que foram comprados para servirem de cobaias no mesmo laboratório - demonstraram docilidade no início, mas logo suas personalidades de impuseram. Alo havia sido vítima de maus tratos e acabou revelando dificuldades em lidar com o rodízio de pesquisadores que se alternavam no laboratório. Kyo, por sua vez, apresentou um distúrbio que inviabilizava sua participação na pesquisa:

Quando Kyo atingiu a maturidade sexual é que nos apercebemos que apresentava uma versão animal da síndrome de hiperatividade do déficit de atenção. Tornou-se muito difícil trabalhar com ele porque se assustava com qualquer barulhinho no laboratório e desviava o olhar quando alguém deixava cair um livro ou até mesmo uma colher (PEPPERBEG, 2009, p. 135).

Ao discutir a maneira como os sentidos de visão e audição influenciam a própria percepção do mundo, Ingold (2008) lembra que o olhar objetifica e que é fácil ser iludido pelo que se vê, porque “(...) a visão produz um conhecimento que é indireto baseado na conjectura dos dados limitados disponíveis na luz, ela nunca poderá ser nada mais que provisória(...)” (INGOLD, 2008, p. 4). De longe, os bichos podem ser todos iguais por uma questão de conformação física, mas esta noção se revela enganadora quando se estabelece um vínculo.

No convívio, os animais não-humanos ganham a chance de revelar o que tem de único. Talvez por isso, os servidores do Tribunal de Justiça se dividiam de forma tão clara em relação aos gatos. Aqueles que cuidavam dos animais reconheciam a individualidade de cada um e entendiam que tinham direito à vida. Para os outros, eles eram figuras indistintas que personificavam doenças.

Apesar de não ter incluído o zoológico da UFMT no trabalho, entrevistei alguns funcionários do local durante a pesquisa. Em uma visita ao estabelecimento, um tamanduá colocou o focinho para fora da cerca e começou a mexer na minha perna. Ele só parou depois que me agachei e comecei a acariciá-lo. Fiz carinho nele durante muito tempo e sempre que parava e levantava, o tamanduá voltava a me tocar, pedindo atenção novamente. Para mim, todos eles eram iguais. Anteriormente, inclusive, fui informada de que poderiam ser perigosos em algumas situações e que suas unhas conseguiam até mesmo furar o tórax de uma pessoa. Assim, me senti surpreendida ao ver aquele animal demonstrando docilidade.

Quando relatei o caso a uma funcionária, fiz uma pergunta genérica. Queria saber se os tamanduás do zoológico da UFMT eram receptivos ao contato humano. A resposta foi imediata: tratava-se da T3, uma fêmea, em específico, que gostava de carinho. Para aquela profissional, cada tamanduá era único e tinha personalidade bem definida. Isso se dava pelo relacionamento diário.

Da mesma forma, os animais silvestres urbanos que encontrei eram mantidos confinados à categoria de elementos ornamentais em uma sociedade obcecada pela exibição de registros imagéticos em redes sociais. Os tucanos, jacarés e cobras não estavam perto o suficiente para ganharem o direito à personalidade e às consequências que isso acarreta. Mesmo os lagartos que viviam dentro da sala da universidade eram devolvidos à natureza quando chegavam a um determinado tamanho e por isso permaneciam indistinguíveis.

7.3 Fronteiras móveis

Não é possível negar o impacto da separação cultura/natureza no modo como são estabelecidas as relações entre homens e animais dentro do universo que pesquisei. Descola (1998) lembra que a simpatia por este ou aquele animal é

ordenada em uma escala de valor quase sempre inconsciente: o grau de proximidade da espécie humana ajuda a definir quem será protegido ou não.

Naturalmente, os mamíferos são os mais bem-aquinhoados nessa hierarquia do interesse, e isso independentemente do meio onde vivem. Ninguém, assim, parece se preocupar com a sorte dos harenques ou dos bacalhaus, mas os golfinhos, que com eles são por vezes arrastados pelas redes de pesca, são estritamente protegidos pelas convenções internacionais (DESCOLA, 1998, p. 24).

Mesmo que preconceituosa e excludente, a noção de senciência, discutida no capítulo 2, desempenha um papel importante nessa hierarquização, já que os movimentos de proteção tendem a valorizar animais que “comprovadamente” teriam inteligência ou sentimentos. Neste caso, trata-se de um animal genérico e a empatia que leva ao sentimento de proteção é acionada por esta categorização.

É muito comum ouvir, entre protetores, comparações sobre a inteligência dos bichos e a de crianças. O cachorro, segundo algumas protetoras com quem conversei, teria um nível de inteligência similar ao de uma criança de quatro anos.

Em uma entrevista específica, questionei se a protetora comia carne. Ela explicou que sim, mas que havia deixado de consumir carne de porco depois que descobriu que o animal era tão inteligente quanto um cachorro⁶⁷. Esse posicionamento mostra como as fronteiras, na verdade, são móveis e, apesar do peso das determinações culturais da sociedade em que se vive, o *status* de um animal pode variar – tanto em função de informações científicas quanto por determinação de um laço afetivo estabelecido.

Definir fronteiras por meio de um conceito científico, como a senciência serve à necessidade que o homem tem de ordenar o mundo por meio de informações que sejam comprovadas, ou melhor, que tenham algum “selo de segurança”. Quanto mais dados aparecem mais subsídios existem para estender os direitos a eles. No entanto, essa noção tem limites. Bois e galinhas são, inegavelmente, sencientes. Mesmo assim, continuam a ser comidos e as leis de proteção tratam de meios para supostamente melhorar a forma como vivem antes de se tornarem alimentos. Não de extinguir completamente o seu sofrimento colocando fim ao abate.

Molento (s/d, p.6) mostra que os esforços em comprovar a senciência animal se dão por duas vias. A abordagem comportamental analisa se houve processo consciente envolvido em alguma resposta feita pelo bicho. Já a corrente neurológica

busca similaridades estruturais nos sistemas nervosos de animais humanos e não-humanos. Em todos os casos, a dúvida permanece e a autora afirma que seria mais sensato pensar em graus de senciência animal.

Desta forma, não sabemos em que ponto na escala evolutiva reside a linha limítrofe entre a presença e a ausência de senciência. A senciência provavelmente existe em diferentes graus de complexidade nas diferentes espécies de animais e, desta forma, não é uma questão de sim ou não (MOLENTO, S/D, p. 6)

As fronteiras entre homens e animais na sociedade se movem, então, conforme os limites do que é considerado interessante ou confortável para os seres humanos em geral. Já no âmbito particular, no cotidiano de cada um, essa mobilidade é mais ampla. São episódios individuais, experiências específicas que fazem com que as fronteiras se redefinam a cada dia. Por isso, acabei utilizando o termo ponte, já que ela representa um meio de ligação entre lugares/pessoas diferentes, que pode ser construído em um dado momento, existir durante um tempo indeterminado ou então ruir de forma inesperada.

O boi Sombra é um animal com o qual tenho contato quase diário. Apesar de não morar em Cuiabá, acredito que seu caso é um exemplo que pode ilustrar a situação. Se nas grandes capitais, muitos jovens se reúnem em postos de gasolina, com carros turbinados e aparelhagem de som possante, na pequena Santa Rita do Araguaia (GO) esse ritual tem uma variação: os adolescentes se encontram nos domingos, na praça da Igreja, com seus bois. Muitos garotos costumam, inclusive, se locomover sobre o lombo dos animais cotidianamente, como forma de lazer.

Estes bichos convivem de perto com seus donos e recebem cuidados diferenciados. Sombra é um destes bovinos. Ele vive em um grande quintal e desde muito cedo é amamentado e cuidado por sua família humana. Seus companheiros de brincadeiras são três cães sem raça definida. Ao me conhecer, sua dona explicou que ele era um dos animais de estimação da família.

Durante muitos meses, Sombra foi um “queridinho”. Agora, chegando no equivalente à adolescência e vivendo em um espaço que – apesar de grande – está longe de ser o ideal para um bovino, começou a se tornar agressivo. Encurralou o jovem da família que é o responsável pelos seus cuidados. O ataque só foi evitado porque a mãe interviu e Sombra obedeceu aos comandos da mulher.

A relação de amor e confiança, entretanto, pareceu afetada. A mãe me dizia que Sombra era um bom animal e que ele deveria ter feito isso porque o garoto o

tratou com “estupidez”. Mesmo assim, o caso não poderia ser ignorado. Sombra já tem tamanho suficiente para matar uma pessoa. Começaram a aventar soluções para o caso. Elas incluíam levar o boi de volta para a Fazenda ou vendê-lo. Todas implicavam em uma consequência funesta: Sombra seria transformado em animal de abate.

A novela da vida de Sombra continuará para além deste trabalho, pois ainda está se desenrolando. Por enquanto, ele foi castrado. A família acredita que o procedimento possa torna-lo mais dócil e, com isso, mantê-lo como “animal de estimação”. Mesmo sendo amado, Sombra passou a representar uma ameaça e se a ponte se mantém é de forma precária. Hoje, todos estão equilibrados sobre a premissa de que Sombra não trará mais riscos ao rapaz.

Carvalho (2012, p. 3) afirma que os elementos fundamentais da estratificação simbólica que separa animais humanos de não-humanos são passíveis de modificação, enquanto processos sócio-culturais. A figura dos porcos como animais de estimação tem aparecido de forma recorrente na mídia brasileira. Os bichos que até pouco tempo atrás eram considerados sujos e cuja única finalidade reconhecida amplamente era a alimentação agora encontram espaço em lares urbanos. As fronteiras entre animais humanos e não-humanos, então, oscilam conforme o tipo de relacionamento. “Vale ressaltar que uma hierarquia simbólica não é um modelo mental claro nem estático, não sendo possível criar uma escala concreta de seres tampouco uma definição exata de distâncias entre eles (Carvalho, 2012, p. 3)”.

Assim, de outro lado, além do caso de Sombra, também vemos animais que foram abandonados ou maltratados por seus próprios tutores. A ponte é instável, exatamente como em qualquer relacionamento entre humanos. A cientista que se culpava por matar ratinhos só adquiriu este tipo de consciência após amar um cachorro. No cotidiano, a distância ou a proximidade são estabelecidas por escolhas e episódios individuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões contidas neste trabalho registram apenas uma pequena parte de todo um universo de relações estabelecidas entre animais humanos e não-humanos. Olhando em retrospecto conceitos como amor e respeito pelos bichos não são invenções recentes. Homens e bichos são nomes inventados para definir seres diferentes que estabeleceram pontes ao longo do desenvolvimento do Planeta e criaram uma miríade de relações que já incluía, desde tempos remotos, diversos lados de uma mesma história: admiração, afeto, ódio, medo, entre outros.

O que existe de novo, realmente, é a escala de sofrimento e predação a que os animais estão sendo submetidos em escala global. Francione e Charlton (2014, p. 133) mostram que, apenas para alimentação, são mortos 57 bilhões de animais por ano – sem levar em conta os aquáticos. Sem considerar cataclismas geológicos e climáticos, não há precedentes desse modelo de exploração.

As novas sensibilidades e os discursos protecionistas parecem derivar do reconhecimento desta situação, mas também de sentimentos individuais de empatia. Existe um esforço muito claro na área científica em encontrar argumentos para mudar este panorama. Na construção intelectual do que Lander (2005, p. 15) chama de pensamento eurocêntrico-colonial, os fatos comprovados pela ciência tem relevância e podem contribuir para criação de leis ou sistemas que diminuam o sofrimento dos bichos.

Cientistas e ativistas buscam formas de mostrar que nosso tratamento com os animais precisa mudar e, por enquanto, a via que parece mais viável é a de estabelecer semelhanças entre humanos e não-humanos, pois parecemos mais propensos a valorizar a vida daqueles que são de nossa própria espécie. Como isso não é possível em relação aos animais, resta a busca por similaridades.

Waal (2007) pontua a empatia como uma ferramenta importante no nosso desenvolvimento e sucesso como espécie, mas também frágil quando se trata do diferente.

Nossa história evolutiva dificulta que nos identifiquemos com estranhos. Evoluímos para odiar nossos inimigos, ignorar pessoas que mal conhecemos, e desconfiar de qualquer um que não se pareça conosco.

Mesmo se somos muito cooperativos dentro de nossas comunidades, quase nos transformamos em um animal diferente ao tratarmos estranhos. (WALL, 2007, p. 5)

A escolha da aproximação faz sentido, então, na medida em que facilita a capacidade de se colocar no lugar do outro e, com isso, torna a crueldade menos aceitável. Ela pode ser questionada por ser antropocêntrica e não valorizar justamente o que há de único e especial em cada criatura da natureza. Abre-se aqui um caminho para pensar estas estratégias de uso da ciência na proteção animal e os espaços que poderiam ser criados para o desenvolvimento de um modelo diferente de estímulo ao respeito pelos animais não-humanos.

Ao incorporar o cotidiano neste trabalho é possível ver a questão por outro ângulo. Sabemos que existem vários modelos de interação e consideração entre espécies, especialmente em outras culturas. Conforme mostra Descola (1998), em sua análise sobre a relação com o animal nas tribos amazônicas, os bichos podem ser situados de formas diferentes conforme a sociedade.

[...] a característica comum a todas essas cosmologias é não separar o universo da cultura, que seria apanágio exclusivo dos humanos, do universo da natureza, no qual estaria incluído o restante das entidades que constituem o mundo (DESCOLA, 1998, p. 27).

No caso específico da cidade de Cuiabá, a grande proximidade com a natureza não parece mitigar os efeitos dessa separação. Ao observar as relações entre humanos e animais vivos na capital de Mato Grosso, o antropocentrismo aparece como um traço muito forte do modelo de relacionamento estabelecido nos núcleos urbanos. Mas é preciso ressaltar que diferentes mentalidades convivem na cidade: desde as lógicas mais especistas até os discursos de libertação animal.

A dominação humana, no entanto, é patente. Mesmo os animais mais amados, os *pets*, não escapam desse ser/estar inferior no mundo: o papel que assumem na relação afetiva é o de filhos. Poderiam ser irmãos, amigos, primos... Mas acabaram elencados justamente no lugar onde, de um modo ou de outro, ainda existe uma premissa de obediência e subserviência. Para piorar, nunca deixam de ser crianças, de forma que sua autonomia é limitada para sempre.

Ao tratar do consumo de carne na sociedade contemporânea Joy (2014) utiliza o conceito de entorpecimento psíquico.

O entorpecimento psíquico é constituído de um complexo conjunto de defesas e outros mecanismos, que são onipresentes, poderosos, invisíveis e operam simultaneamente nos níveis social e psicológico. Esses

mecanismos distorcem a percepção e nos distanciam de nossos sentimentos, convertendo a empatia em apatia (...) (JOY, 2014, p. 23).

Esse mecanismo, que possibilita comer cadáveres sem questionamento, parece operar em outros âmbitos da relação entre homens e animais. Torna possível se extasiar com a presença de Tucanos e Jacarés e, ao mesmo tempo, ignorar completamente a condição frágil e estressante em que os mesmos se encontram. Viabiliza a existência de protetores de animais carnívoros. Permite que animais de “mau gênio” tenham seu comportamento eternamente justificado. Faz com que até mesmo as práticas extremas de modulação de comportamento – como a castração - sejam vistas como benéficas. É um auto-engano que faz com que todos se sintam bem em relação ao modo como tratam não só os seus bichos mas os animais em geral.

A etnografia permitiu observar, então, que a despeito de discursos, dossiês e políticas de proteção o que vai determinar o tipo de relacionamento e as formas de tratamento entre animais humanos e não-humanos é a qualidade dos laços estabelecidos – ou, como preferi chamar, a ponte criada entre os dois pólos. Nesse mecanismo se abrem as possibilidades, mesmo que pequenas, de subversão ao domínio humano – ao ponto de alguns animais se tornarem ditadores dentro da família ou escaparem do destino clássico de se tornarem alimento, como mostra o episódio da galinha Rafinha⁶⁸.

Como ponto de igualdade entre espécies está a oscilação dessa ponte, que pode mudar sem aviso a partir de situações do cotidiano. A imagem das fronteiras, então, pode servir muito bem ao campo da ciência, mas na vida vivida o relacionamento entre animais humanos e não-humanos é uma negociação complexa e permanente, ainda que a empatia seja determinante.

⁶⁸ A morte da galinha Rafinha se tornou um caso de repercussão nacional. Ela foi roubada do quintal de casa em Patos, na Paraíba. O desespero da família em reportagens sobre a ocorrência foram parar na internet e acabaram se tornando virais. A tutora chegou a ser hospitalizada porque parou de se alimentar e dormir, deprimida com a separação do ente querido. Várias reportagens mostravam fotos de Rafinha com a família e detalhes da sua rotina: ela tinha mosquiteiro (era alérgica a muriçocas), bercinho, ventilador, comia apenas farelo de pão e ração, tomava banho. Sua tutora fez até um vídeo com imagens de Rafinha e a música *Spending my time*, do grupo Roxette, como trilha sonora. A história teve um final triste. O ladrão vendeu a galinha para um sitiante e o animal, exatamente como sua tutora humana, se recusou a comer. Morreu de inanização. Segundo o escrivão que deu entrevista sobre a prisão do ladrão, a galinha morreu de tristeza. O sitiante também afirmou que foi depressão. A conclusão foi que Rafinha morreu sofrendo ao se ver separada da família.

Tom Regan, um dos ícones do movimento de proteção animal, tem um artigo chamado “A nação do Direito Animal”:

Ao lado dos muitos países do mundo, incluindo o Brasil e os Estados Unidos, todos separados por limites geográficos, existe um outro tipo de nação. Assim como A Cidade de Deus de Santo Agostinho, essa outra nação, a Nação do Direito Animal, não possui território definido, nem está confinada a uma Era específica. Dividir valores e compromissos, e não local ou data de nascimento, são os requisitos para a sua cidadania. Os valores são os seguintes: os animais têm direitos morais básicos, incluindo o direito a liberdade, a integridade física e a vida. E os compromissos? Que nós devemos lutar, não por um mês ou por um ano, mas por toda vida para que esses direitos um dia sejam reconhecidos (REGAN, 2006, p. 9).

O texto acima animou muitas das minhas reflexões ao iniciar o projeto que se transformou neste trabalho. Como consideração final, vejo que estas palavras acabam se encaixando na pesquisa, mas por motivos muito diferentes daqueles que me moveram ainda em 2012, quando montei meu pré-projeto. Respeitar os animais é muito mais uma escolha pessoal que se faz em qualquer época ou local. É esse sentimento que vai mover pessoas rumo a relações menos desiguais em relação aos bichos e ele pode se manifestar em diferentes âmbitos: no cotidiano promove mudanças individuais, quase sempre baseadas no afeto estabelecido pela convivência; na ciência, seu alcance é menos personalizado, mais amplo, mas ainda assim carrega a marca da empatia, de uma ligação emocional entre humanos e não-humanos.

Desta maneira, confirmando as teorias ecológicas de entrelaçamento de todas as formas de vida, não é possível pensar no destino dos animais sem o peso da ação antrópica e, apesar de muitos avanços, os bichos continuam perdendo, uma vez que o reconhecimento de direitos e as novas sensibilidades crescem em um ritmo muito menor que as ameaças representadas por fatores ligados ao desenvolvimento ou mero conforto humano.

REFERÊNCIAS

AMARO, Cristiane; CUSTÓDIO, Ana Elizabeth Iannini. O “fazer o bem sem olhar a quem” e os limites da abordagem antropocêntrica na história das relações homem-animal. **ComCiência**, São Paulo, n. 134, dez. 2011.

A pesquisadora que descobriu veneno no leite materno. **Viomundo, São Paulo, 2015, p. 1**. Disponível em <<http://www.viomundo.com.br/denuncias/exclusivo-a-pesquisadora-que-descobriu-veneno-no-leite-materno.html>>. Acesso em: 03 abr. 2015.

ARAÚJO, Rafael; LIMA, Ricardo. Contribuições da etologia comparada para uma nova percepção da comunicação humana. In: **Margem**, São Paulo, n. 15, p. 223-236, jun. 2002.

BAKER, John. A ciência e o estado planejado. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v.62 n. 1, 2010. Disponível em <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252010000500017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 abr. 2015.

BAPTISTELLA, Eveline; ABONIZIO, Juliana. Animais e fronteiras entre espécies e ciências. CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 2., 2013, Belo Horizonte. **Anais...**Rio de Janeiro: Aninter, 2013. 17 p. CD-ROM.

BAPTISTELLA, Eveline; ABONIZIO, Juliana. O cachorro santo e as éticas de proteção animal: uma reflexão a partir da semiótica da cultura. In: **Semioses: do cotidiano à cibercultura**. Cuiabá: EdUFMT, 2014.

BARROS, José d'Assunção. Igualdade, desigualdade e diferença: em torno de três noções. **Análise social**, vol XL (175), 2005, 345 -366.

BEKOFF, Mark. **A vida emocional dos animais: alegria, tristeza e empatia nos animais: um estudo científico capaz de transformar a maneira como os vemos e tratamos**. São Paulo: Cultrix, 2010.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do mundo**. 2. ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2008.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Ministério anuncia a criação de cadeia produtiva pet**. Brasília, DF, 2012.

CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 1. ed. digital. São Paulo: Editora Gaia, 2013.

CARVALHO, Maria Helena Costa. **RELAÇÕES SOCIAIS COM GATOS E CÃES: DESAFIOS DA PESQUISA NA SOCIOLOGIA ANIMAL**. In: ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE, 15., 2012, Teresina. **Anais...**. Teresina: Ciso, 2012. p. 1 - 24. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/lista_area_GT11.htm>. Acesso em: 25 jul. 2015.

CHAUI, Marilena. **Filosofia moderna**. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/borges/files/2011/02/Filosofia-Moderna.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

CHUAHY, Rafaella. Manifesto pelos direitos dos animais. São Paulo: Record, 2009. CONSÓRCIO VLT define cronograma e prevê concluir obra em 2018. **Mídia News**, Cuiabá, 2015, p.1. Disponível em <<http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=231545>>. Acesso em: 11 maio 2015.

CORPORAÇÃO, A. Direção: Mark Achbar; Jennifer Abbott. Canadá: Imagem Filmes, 2003. DVD (145 min).

COSTA, Daniela. Leishmaniose tem tratamento, mas medicamento é proibido no Brasil. **Encontro BH**, Belo Horizonte, 2014, p. 1. Disponível em: <http://sites.uai.com.br/app/noticia/encontrobh/atualidades/2014/05/08/noticia_atualidades,148573/leishmaniose-tem-tratamento-mas-medicamento-e-proibido-no-brasil.shtml>. Acesso em: 16 fev. 2015.

COSTA, Neuza Brunoro; PELÚZIO, Maria do Carmo; MARTINO, Hércia; HENRIQUES, Gilberto. **Nutrição experimental: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Rubio, 2014.

DECLARAÇÃO DE Cambridge sobre a consciência em animais humanos e não-humanos. Documento disponível em <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/511936-declaracao-de-cambridge-sobre-a-consciencia-em-animais-humanos-e-nao-humanos>>. Acesso em: 20 out 2012.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. **Mana** 4 (1), 23-45, 1998.

DIETARY GUIDELINES ADVISORY COMMITTEE (Estados Unidos). Secretary Of Health And Human Services/secretary Of Agriculture. **Scientific Report 2015**. Washington Dc: Dhhs/usda, 2015. 571 p.

DONA DE cadelas agredidas envia fotos dos animais para o mais você. **Mais Você**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2015. Disponível em <<http://globo.com/rede-globo/mas-voce/v/dona-de-cadelas-agredidas-envia-fotos-dos-animais-para-o-mas-voce/3955103/>>. Acesso em 19 maio 2015.

EDELMAN BRASIL. **Trust Barometer**. 2015. Disponível em: <<http://www.edelman.com.br/propriedades/trust-barometer/>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ESCOBAR, Marco Lunardi. **As rinhas de galo na Paraíba: aspectos histórico-legais e a falta de proteção aos animais**. 2014. 175 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutora em Recursos Naturais, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2014.

ÉVORA, Fátima Regina Rodrigues. **A revolução copernicana – galileiana: origem, significado e inserção na história do pensamento científico-filosófico antigo e medieval**. 1987. 1 v. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Unicamp, Campinas, 1987. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000017954>> . Acesso em: 20 set. 2015.

FERRY, Luc. **A nova ordem ecológica: a árvore, o animal e o homem**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

FRANCIONE, Gary. **Coma com consciência: uma análise sobre a moralidade do consumo de animais**. São Paulo: Exempla Press, 2015.

FRANCIONE, Gary. **Senciência**. 2012. Disponível em: <<http://francionetraduzido.blogspot.com.br/2012/07/senciencia.html>>. Acesso em: 27 set. 2015.

GALVÃO, Josiani Aparecida da Cunha. Colonização e cidades em Mato Grosso. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. **Anais...** . Natal: Anpuh, 2013. p. 1 - 11. Disponível em:

<http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364785231_ARQUIVO_COLO_NIZACAOECIDADESEM MATOGROSSO.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2016.

GARBER, Marjorie. **Amor de cão**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GIRARDI, Giovana. Os quatro séculos da ciência moderna. **Unesp Ciência**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 18-25, 2009.

GORRI, Ana Paula; SANTIN, Ourides. Representação de Temas Científicos em Pintura do Século XVIII: XVIII: Um Estudo Interdisciplinar entre Química, História e Arte. **Química nova na escola**. São Paulo, Vol. 31, n. 3, p. 184 -189, ago. 2009.

GRAY, John. **Cachorros de palha**: reflexões sobre humanos e outros animais. Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOBGOOD-OSTER, Laura. **A dog's history of the world**: canines and the domestication of humans. Waco: Baylor University Press, 2014.

HOMEM FLAGRADO agredindo cadelas se diz arrependido e chateado. **G1**, Rio de Janeiro, 10 fev. 2015. Disponível em <http://globotv.globo.com/rede-globo/rjtv-1a-edicao/v/homem-flagrado-agredindo-cadelas-no-rio-se-diz-arrependido-e-chateado/3955508/>. Acesso em: 19 maio 2015.

IGUANA É flagrada por motoristas em avenida movimentada de Cuiabá. **G1 Mato Grosso**, Cuiabá, p. 1. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/matogrosso/noticia/2015/03/iguanaeflagradapormotoristasemavenidamovimentadadecuiaba.html>>. Acesso em: 16 maio 2015.

INGOLD, Tim. Humanity and animality. In: INGOLD, Tim (Org.) **Companion encyclopedia of anthropology**. Tradução de Vera Pereira. Londres: Routledge, 1994. Disponível em http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_28/rbcs28_05.htm

JONES, Richard. **House guests, house pests**: a natural history of animals in the home. Nova York: Bloomsbury, 2015.

JOY, Melanie. **Porque amamos cachorros, comemos porcos e vestimos vacas**: uma introdução ao carnismo: o sistema de crenças que nos faz comer alguns animais e outros não. São Paulo: Cultrix, 2014.

KREISLER, Kristin Von. **A bondade nos animais**: histórias verdadeiras de animais que preferem fazer o bem. São Paulo: Cultrix, 2005.

LANDER, Edgardo. Ciência sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In: LANDER, Edgardo (ORG.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, 2005. Cap. 1. p. 8-23.

LEAR, Linda. Introdução. In: CARSON, Rachel. **Primavera silenciosa**. 1. ed. digital. São Paulo: Editora Gaia, 2013.

LESTEL, Dominique. **As origens animais da cultura**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

LINDEN, Eugene. **The parrot's lament: and other true tales of animal intrigue, intelligence, and ingenuity**. Nova York: Plume, 1999.

LOPES, José Reinaldo. ASSIM COMO os bebês, cães usam o olha para despertar amor nos humanos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p.1, 2015. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/04/1617684assimcomoosbebescaesusamolharparadespertaramornoshumanos.Shtml>>. Acesso em: 17 abr. 2015.

LOPES, Adriana Dias. AMOR ETERNO pelo colesterol. **Veja**, São Paulo, p. 1, 2015. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/noticia/saude/amor-eterno-pelo-colesterol/>>. Acesso em 23 mai. 2015.

MAIS DA metade dos brasileiros já tiveram contato com a toxoplasmose. **Gazeta Digital**. Cuiabá, 12 out. 2102. Disponível em <<http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/4/materia/348109/t/mais-da-metade-dos-brasileiros-ja-tiveram-contato-com-toxoplasmose>>. Acesso em 12 jan. 2105.

MARCOLIN, Neldson. 40 primaveras depois. **Pesquisa Fapesp**, n. 82, p. 23, dez. 2002.

MARICONDA, Pablo. O controle da natureza e as origens da dicotomia entre fato e valor. **Scientiae Studia**, v. 4, n. 3, p. 453-72, 2006.

MELO, Carolina. Eles vivem muito mais. **Veja**, Abril, n. 2429, p. 71, 2015.

MOLEDO, Leonardo; MAGNANI, Esteban. **Dez teorias que comoveram o mundo**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2009.

MOLENTO, Carla Forte Maiolino. **Senciência animal**. Disponível em: <[http://www.labea.ufpr.br/PUBLICACOES/Arquivos/Pginas Iniciais 2 Senciencia.pdf](http://www.labea.ufpr.br/PUBLICACOES/Arquivos/Pginas%20Iniciais%20Senciencia.pdf)>. Acesso em: 01 out. 2015.

MORADOR VAI à Justiça contra corte de árvores com ninhos em obra da Copa. **G1 Mato Grosso**, Cuiabá, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/11/morador-vai-justica-contracorte-de-arvore-com-ninhos-em-obra-da-copa.html>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

MOUSSAIEFF, Jeffrey. A bondade nos animais. In: KREISLER, Kristin. **A bondade nos animais**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MPE ACIONA município e requer providências imediatas em relação a animais abandonados. **Notícias do Ministério Público do Estado de Mato Grosso**. Cuiabá, 2015, p. 1. Disponível em:<<https://www.mpmt.mp.br/conteudo.php?sid=58&cid=67220>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

MPE QUER que município recolha 11 mil animais abandonados. **Mídia News**, Cuiabá, 2015, p. 1. Disponível em <<http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=237360>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

MURILO PREPARA coelho com molho de cerveja e leva seu animal de estimação. **Band.com.br**, São Paulo, 19 maio 2015. Disponível em <<http://entretenimento.band.uol.com.br/masterchef/2015/videos/ultimos-videos/15478796/murilo-prepara-coelho-com-molho-de-cerveja-e-leva-seu-animaledestimacao.html>>. Acesso em: 22 maio 2015.

“NÃO FIZEMOS por maldade”, diz suspeito de arrastar vira-lata em MS. **Globo.com**, Rio de Janeiro, 2012, p.1. Disponível em <<http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/noticia/2012/07/nao-fizemos-por-maldade-diz-suspeito-de-arrastar-vira-lata-em-ms.html>>. Acesso em: 07 jul. 2013.

“NÃO É mais possível dizer que não sabíamos”, diz Philip Low. **Veja On-line, São Paulo, 2012, p. 1**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/nao-e-mais-possivel-dizer-que-nao-sabiamos-diz-philip-low>>. Acesso em: 20 julho 2012.

NOVO GUIA de nutrição americano deve liberar o ovo e limitar o açúcar. **Veja online**, São Paulo, 2015, p. 1. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/saude/nova-diretriz-de-nutricao-americana-libera-o-ovo-e-limita-o-acucar>>. Acesso em: 01 abr. 2015.

O CAMINHO da cura. **Boletim UFMG**, Belo Horizonte, 2012, p. 1. Disponível em <<https://www.ufmg.br/boletim/bol1773/6.shtml>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

OLIVEIRA, Aguinaldo de. **AVALIAÇÃO DAS TEMPERATURAS SUPERFICIAIS DO SOLO EM RELAÇÃO À CONFORMAÇÃO URBANA EXISTENTE NA PRAÇA DO AEROPORTO MARECHAL RONDON EM VÁRZEA GRANDE/MT**. 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Física e Meio Ambiente, Instituto de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

ONÇA no Centro de Cuiabá. Cuiabá: Mato Grosso e Seus Municípios, 2010. (0.5 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZxkpAUjhROs>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

ORLEAN, Susan. **Rin Tin Tin: a vida e a lenda**. Rio de Janeiro: Valentina, 2013.

PAIS, José Machado. **Nos rastros da solidão: deambulações sociológicas**. Lisboa: Ambar, 2006.

PAIS, José Machado. **Sociologia da vida cotidiana**. Teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2002.

PEPPERBERG, Irene M. **Alex e eu**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PINKER, Steven. **Os anjos bons da nossa natureza – porque a violência diminuiu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WWW BRASIL. **Relatório Planeta Vivo 2014**. São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/especiais/relatorio_planeta_vivo/> . Acesso em: 10 jan. 2015.

QUAMMEN, David. **Monstro de Deus: feras predadoras: história, ciência e mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REGAN, Tom. Nação do direito animal. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 9-10, 2006.

REUS, Estiva. Senciência!: Um neologismo necessário? **Cahiers Antispecistes**, Metz, n. 26, p. 1-4, nov. 2005. Disponível em: <<http://www.cahiers-antispecistes.org/spip.php?article327>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RITTO, C; ALVARENGA, B. A casa agora é deles. **Veja**, Abril, n. 2429, p. 71, 2015.

SAGA Completa da Galinha Rafinha. S.i.: Newskydrive, 2012. (20 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YwT0YFc2GsU>>. Acesso em: 24 maio 2015.

SAIBA POR que a utilização do inseticida DDT foi proibida. **Pensamento Verde**, São Paulo, 2014, p.1. Disponível em <<http://www.pensamentoverde.com.br/meio-ambiente/saiba-por-que-utilizacao-inseticida-ddt-foi-proibida/>>. Acesso em: 04 abr. 15.

SEGATA, Jean. Os cães com depressão e seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 2, p. 177-204, 2012.

SEGATA, Jean. **Nós e os outros humanos, os animais de estimação**. 2012. 200 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/96413>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

SERRES, Michel. **O contrato natural**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SERVIDORES DO TJ-MT são proibidos de alimentar gatos que vivem no prédio. **ANDA**. São Paulo, 08 jan. 2014. Disponível em: <http://www.anda.jor.br/08/01/2014/servidores-tj-mt-sao-proibidos-alimentar-gatos-vivem-predio>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SILVA, Hélio R. S.. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 32, p. 171-188, jul./dez. 2009. Semestral.

SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SINGER, Peter. **Libertação animal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SUPERPOPULAÇÃO DE animais faz TJ-MT proibir servidores de alimentar gatos. **G1 Mato Grosso**. Cuiabá, 27 fev. 2012. Disponível em < <http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2012/02/superpopulacao-de-animais-faz-tjmt-proibir-servidores-de-alimentar-gatos.html>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

'TENTEI FAZER o que pude pelo meu filho', diz pai de atacado por tigre. **G1**, Rio de Janeiro, p. 1. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/08/tentei-fazer-o-que-pude-pelo-meu-filho-diz-pai-de-atacado-por-tigre.html>>. Acesso em: 23 mar. 2015.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TIGRE quase arranca braço de criança no zoo. Cascavel, 2014. Son., color. Disponível em: <<http://cgn.uol.com.br/noticia/100005/tigre-quase-arranca-braco-de-crianca-no-zoo>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

TJ PROÍBE servidor de dar comida a gato; associação protesta. Midia News. Cuiabá, 25 fev. 2012. Disponível em: <http://www.midianews.com.br/conteudo.php?sid=3&cid=108964>. Acesso em: 09 jun. 2015.

TOWNSEND, Colin R.; BEGON, Michel; HARPER, John L.. **Fundamentos em ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

VARELA, Dráuzio. Toxoplasmose. **Dr. Dráuzio**. São Paulo, 2014, p. 1. Disponível em <<http://drauziovarella.com.br/letras/t/toxoplasmose/>>. Acesso em: 20 fev. 2015.

VOLTAIRE, François-marie. **Dicionário Filosófico**. Disponível em http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2253> Acesso em: 10 jul. 12.

WAAL, Frans de. A evolução da empatia. **Comciência**, Campinas, v. 1, n. 94, p. 1-5, 10 dez. 2007. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=31&id=366>>. Acesso em: 20 out. 2012.

WALTER, Chip. A origem da arte. **National Geographic Brasil**, São Paulo, n. 179, p. 24 -43, 2015.

WILSON, Edward O. **A criação**: como salvar a vida na Terra. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.